



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA



**SEMANA
DOM GILBERTO PEREIRA LOPES
ANAIS**

Campinas, 24 a 28 de outubro de 2016

Missão da PUC-Campinas

“A Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a partir de valores ético-cristãos, considerando as características socioculturais da realidade, tem como missão produzir, sistematizar e socializar o conhecimento por meio de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando à capacitação profissional de excelência, à formação integral da pessoa humana e à contribuição com a construção de uma sociedade justa e solidária”.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

GRÃO-CHANCELER

Dom Airton José dos Santos

REITORA

Profa. Dra. Angela de Mendonça Engelbrecht

VICE-REITOR

Prof. Dr. Germano Rigacci Júnior

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Orandi Mina Falsarella

PRÓ- REITORA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO

Profa. Dra. Sueli do Carmo Bettine

PRÓ- REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Profa. Dra. Vera Engler Cury

PRÓ- REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Prof. Dr. Ricardo Pannain

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Germano Rigacci Junior

Prof. Dr. Pe. José Antônio Trasferetti

Prof. Me. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 5

1 PROGRAMAÇÃO DA SEMANA DOM GILBERTO PEREIRA LOPES, 6

2 DOM GILBERTO: A PESSOA E O FORMADOR, 8

Homenagem a tio Gilberto por ocasião das comemorações dos 75 Anos da PUC –Campinas –
Rosélia Lopes Lima C. Coelho, 9

Homenagem a Dom Gilberto Pereira Lopes, Arcebispo Emérito de Campinas – Dr. Antonio
Celestino Toneloto, 14

3 DOM GILBERTO NA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS E LANÇAMENTO DO LIVRO “DOM
GILBERTO: NO TEMPO DE DEUS”, 17

Dom Gilberto na Arquidiocese de Campinas – Con. Cláudio Zaccaria Menegazzi, 18

Dom Gilberto: O Tempo e a Graça Divina– Pe. José Antônio Trasferetti, 22

Apresentação do livro “Dom Gilberto: no tempo de Deus” – Prof. Paulo M. G. Pozzebon, 25

4 DOM GILBERTO: PADRE E BISPO, 29

Dom Gilberto: Padre e Bispo – Dom Guilherme Antônio Werlang, 30

Dom Gilberto: Padre e Bispo – Pe. Antônio Elcio de Souza (Pitico), 34

75 anos da Fundação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Homenagem a Dom
Gilberto Pereira Lopes – Pe. José Donizeti de Oliveira, 38

5 DOM GILBERTO E A PUC-CAMPINAS, 45

Dom Gilberto e a PUC-Campinas – Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, 46

Dom Gilberto e a Faculdade de Teologia da PUC-Campinas – Pe. José Benedito Almeida David, 54

Palavras finais – Dom Gilberto Pereira Lopes, 65

6 A SEMANA DOM GILBERTO PEREIRA LOPES NA MÍDIA, 67

PUC-campinas promove a semana Dom Gilberto Pereira Lopes de 24 a 28 de outubro, no
Campus I – Eduardo Vella (PUC-Campinas), 68

Começa a Semana Dom Gilberto Pereira Lopes – Thais Helena Bento (Arquidiocese de
Campinas), 72

Arquidiocese de RP Participou da Semana Dom Gilberto Pereira Lopes – Arquidiocese de
Ribeirão Preto, 74

Dom Gilberto: no Tempo de Deus! – José Trasferetti (Correio Popular Online), 76

Encerra-se a Semana Dom Gilberto Pereira Lopes – Rede Século 21, 77

Vídeos disponíveis no Youtube, 80

APÊNDICE, 81

Pronunciamento de Dom Gilberto Pereira Lopes na Missa de seu Jubileu Áureo Episcopal

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos à Comunidade Universitária os Anais da Semana Dom Gilberto Pereira Lopes, realizada no período de 24 a 28 de outubro de 2016 pelo Núcleo de Fé e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como parte integrante das comemorações dos 75 anos de fundação dessa Universidade.

O evento homenageou Dom Gilberto Pereira Lopes, Arcebispo Emérito de Campinas, por ocasião do aniversário de seus 50 anos de episcopado, 67 anos de ordenação presbiteral, 90 anos de vida e 40 anos de sua presença em Campinas, iniciada em março de 1976, primeiramente como Arcebispo Coadjutor, mais tarde como Administrador Apostólico, como Arcebispo de Campinas e, presentemente, como Arcebispo Emérito.

Além das justas homenagens, o evento objetivou traçar seu perfil humano e recordar sua trajetória como padre, formador e pedagogo, bispo de Ipameri, Arcebispo de Campinas e Grão-Chanceler da PUC-Campinas. Pela longa atuação e, principalmente, pela profundidade e importância de suas realizações, a trajetória de Dom Gilberto se confunde com a da Igreja de Campinas e da PUC-Campinas. Revisitar Dom Gilberto e sua obra é de certa forma revisitar momentos geradores e animadores da atuação dessas instituições. É também celebrar realizações e conquistas.

Como parte das homenagens, a PUC-Campinas publicou o livro “Dom Gilberto: no tempo de Deus”, lançado durante o evento, que reúne escritos de Dom Gilberto de tempos e temas variados – cartas pastorais, mensagens, palestras, homilias, retiros pregados, escritos autobiográficos e poemas – além de fotografias.

Os Anais desse evento, agora disponibilizados à Comunidade Universitária, registram as palestras e testemunhos proferidos na Semana Dom Gilberto Pereira Lopes, apresentando-os na sequência de programação em que foram proferidas. Trazem também os principais registros do evento, veiculados pela mídia. Possam eles servir à ampla divulgação e à preservação da memória desses acontecimentos.

Comissão Científica da Semana Dom Gilberto Pereira Lopes

Prof. Dr. Germano Rigacci Junior

Prof. Dr. Pe. José Antônio Trasferetti

Prof. Me. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

1

**PROGRAMAÇÃO DA SEMANA
“DOM GILBERTO PEREIRA LOPES”**

PROGRAMAÇÃO DA SEMANA “DOM GILBERTO PEREIRA LOPES”

24 de outubro

10h

Dom Gilberto: a pessoa e o formador

Local: *Campus I* – Auditório Cardeal Agnelo Rossi

25 de outubro

10h

Dom Gilberto na Arquidiocese de Campinas e Lançamento do livro “Dom Gilberto: no tempo de Deus!”

Local: *Campus I* – Auditório Cardeal Agnelo Rossi

26 de outubro

10h

Dom Gilberto: Padre e Bispo

Local: *Campus I* – Auditório Cardeal Agnelo Rossi

27 de outubro

10h

Dom Gilberto e a PUC-Campinas

Local: *Campus I* – Auditório Cardeal Agnelo Rossi

28 de outubro

10h

Missa

Local: Catedral Metropolitana de Campinas

12h

Almoço por Adesão

Local: Paróquia São Pedro Apóstolo – Campinas

2

DOM GILBERTO: A PESSOA E O FORMADOR

HOMENAGEM A TIO GILBERTO POR OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES DOS 75 ANOS DA PUC –CAMPINAS

Rosélia Lopes Lima C. Coelho –
Sobrinha de Dom Gilberto Pereira Lopes,
em nome da família

Exmo. Revmo. Arcebispo Metropolitano Dom Airton José dos Santos,
Exma. Reitora Professora Doutora Angela de Mendonça Engelbrecht,
Demais membros que compõem a mesa,
Querido tio Gilberto,
Senhoras e senhores,

Bom dia, a todos!

“Sou feliz, Senhor, porque Tu vais comigo,
Vamos lado a lado,
És meu melhor amigo!”

Música que marcou minha adolescência, pois sabia da preferência de tio Gilberto por ela, quando passeávamos por alguns rincões do nosso querido Sertão Nordestino, mostrando o quanto ele e Deus estão unidos. É um amor que não se coloca em cheque, é, simplesmente, fé que o sustenta na caminhada!

Início assim, porque ajuda-me a pensar, reconecta-me ao passado... Que dizer sobre alguém que povoa a memória da minha infância, como aquele que a salva na hora do perigo, da aflição, do temor diante de situações que a vida nos faz enfrentar? Que nos abençoa e reza por nós? Estas são apenas as primeiras perguntas...

As indagações continuam: por que eu, para falar neste momento, pela família, diante de tantos que reverenciam este homem que se entregou à causa de Deus, doando sua vida para realizar a obra pela construção do Reino Celeste? Por que ele está aqui, em Campinas, neste momento de balanço histórico de sua trajetória que marcou indelevelmente a ação de nossa Igreja no Brasil e no mundo?

Acredito que haja quem o conheça mais que seus familiares, não apenas pelo fato de conviverem com ele nos vários lugares e fases de sua vida-missão, mas, principalmente, por colocar-se à disposição de ouvi-lo e entendê-lo. Porém, arvorei-me a dizer que o coração anda por sendas que, nem sempre foram visitadas, e é assim que nos sentimos agora, conhecendo e revendo os passos de nosso querido tio Gilberto.

Mesmo diante de tantas questões, sinto que o que justifica tudo é o amor que aproxima pessoas, que explica o que não se entende pelo simples uso da razão. É por amor e reconhecimento de causa que estamos reunidos aqui, nesta ocasião! Graças Vos damos, Senhor, porque nos chamastes agora! Porque conduzis cada passo da vida de nosso querido tio! Fica mais fácil compreender quando prestamos atenção ao que ele assevera em seu poema, escrito em Paris, em dezembro/61:

E a resposta se faz
 A todas as perguntas
 Resposta sem palavras!
 No silêncio, eu sinto
 que o Amor fez tudo!
 Que o Amor exige
 A minha ação!

Eis a resposta de próprio punho e sentimento... O Amor é bem maior que justifica a história de uma vida! É amar e deixar-se amar por Deus e pelo próximo!

No princípio de tudo, vejo um homem, um mensageiro de Deus: meu avô Salustino Lopes de Souza, de saudosa memória! Homem santo e devoto, trabalhador incansável, que representa papel preponderante na decisão de tio Gilberto em ser padre. Há um diálogo entre eles, pai e filho, que não posso nem quero esquecer:

- Gilberto você não quer ser padre? —Indaga meu avô
- Padre? —pergunta tio Gilberto.
- Sim, padre, como aquele que celebra missa na Catedral.
- Padre não, não quero!
- Mas é muito bom!
- Então, eu quero!

Deus guia, escolhe e capacita aqueles que lhe são caros! Vozinho Salu, assim carinhosamente chamado por seus netos, na decisão de sair de Santa Luzia, hoje Santaluz, no interior da Bahia, e “arriscar a sorte” em uma cidadezinha ainda incipiente, considerada “passagem de Juazeiro” (BA), às margens do rio São Francisco, nos idos de 1937, acreditou nos desígnios de Deus e veio trabalhar e investir na educação dos filhos. Creio que meu avô também acreditou no que Dom Malan, primeiro bispo de Petrolina, vaticinou: “Ergamos a Casa de Deus e ao redor dela tudo crescerá, tudo prosperará!” Obrigada, vô por tanto discernimento e coragem! Não fosse sua atitude heroica, sua abertura para ouvir a Deus, sua proposição em sair do mesmismo, provavelmente, não estaríamos, hoje, reverenciando seu filho querido, um grande amigo de Deus, que muito fez e faz pela Igreja, Pedra Angular que vive em Cristo e por Cristo! Alegre-se, vozinho, onde você está, junto ao Pai Celeste, com certeza, pois sua profecia foi cumprida: “Ele vai ser bispo!” e ainda me arvorou a dizer: E a Igreja crescerá e se fortalecerá por meio de sua ação pastoral! A vizinha Alice o agradecimento por cuidar dos filhos e educá-los na fé e na devoção. Remonta essa época, por influência de minha avó, a confiança e entrega de tio Gilberto à proteção e amparo da Virgem Mãe de Deus, quando rezava com ela o Ofício da Imaculada Conceição. A tantos outros que passaram por sua vida, familiares ou formadores/orientadores espirituais, digo: “Valeu a pena!” Graças Vos damos, ó Pai!

E Deus, na sua infinita misericórdia, vai-lhe traçando o caminho a seguir, apresentando-lhe a missão: “Anunciar o mistério de Cristo!” Foi para esse trabalho-missão que o Senhor o ungiu! E ele parte, agindo como diz D. Hélder Câmara em seu poema:

Missão é partir, caminhar, deixar tudo, sair de si,
 Quebrar a crosta do egoísmo que nos fecha no nosso Eu.
 É parar de dar volta ao redor de nós mesmos como se fossemos
 O centro do mundo e da vida.

O centro do mundo apresenta-se, então, como o sair de Petrolina, deixar o aconchego do lar, a diocese que o acolhera como seu vigário na Catedral do Sagrado Coração de Jesus, mesmo que movido por cuidados com a saúde para caminhar por outras paragens, para viver outra vida, não centrada no eu...

Essa história pode ser contada com fatos e ações que mudaram não só a vida do então padre Gilberto, menino interiorano, dos rincões do Nordeste que, “antes de ser um forte”, conforme atestado por Euclides da Cunha, em Os Sertões, vê-se fragilizado em seu físico, porém, sua alma é sensível ao sofrimento, à pobreza do irmão, à falta de amor-doação. Ele já se angustiava com a vontade e determinação em trabalhar a messe:

Há tanto trabalho a realizar!
 Pobres que pedem pão!
 Almas pequeninas sem o Evangelho!
 Fracos, sem justiça
 Tristes, sem alegria
 E sem amor!
 É preciso retribuir o pão de Deus!
 Para que todos os homens,
 Meus irmãos, tenham amor,
 Justiça e alegria!” (Paris, dez/61)

E, assim, continua a odisseia que atesta o poder de Deus Misericordioso, na vida de Tio Gilberto: preparação no Seminário Menor em Petrolina (PE); Curso de Filosofia e Teologia em Olinda (PE); ordenação e trabalho como vigário na Catedral em Petrolina (PE); Vigário Cooperador da Catedral em Ribeirão Preto; Curso de Pedagogia em Paris, com defesa do tema: “Adolescência e Seminário Menor”, preparando-o para orientar jovens vocacionados a exemplo do que aconteceu no Seminário Maria Imaculada, em Brodowski, Ribeirão Preto, função que lhe rende amizades e reconhecimento até hoje, com a presença de seus amigos-alunos que o amam e estão aqui representados. Obrigada, gente querida! A presença de Deus continua a se fazer evidente: Primeiro Bispo de Ipameri (GO); membro do Conselho Nacional do Movimento de Educação de Base (MEB), da CNBB, atuando em outros setores naquele Conselho e tantas outras incumbências que, se aqui enumeradas, formariam outra existência.

Resta-nos atentar que o currículo e as funções importam menos que o “arregaçar as mangas” e disponibilizar-se ao trabalho: a cura física de enfermidade que significava morte certa naquela época, representava o passaporte para fazer acontecer o Reino de Deus aqui na Terra. “Vai trabalhar pelo mundo afora, Eu estarei até o fim contigo”. Ao que tio Gilberto respondeu: “Eis-me aqui, Senhor! Pra fazer Tua vontade, pra viver no Teu Amor!”

A presença e esteio do dom de Deus continua a se fazer evidente: chegamos a Campinas: 1976. Deus manifesta Sua vontade de preparar tio Gilberto para liderar seu povo e mune-o de paciência, humildade, desprendimento, espírito de equipe e muita tenacidade para enfrentar os embates e provações que, sem sombra de dúvida, teria que enfrentar. “Não constitui segredo a conjuntura político-social-religiosa e cultural em que vivíamos: regime militar, inchaço e pobreza nas periferias urbanas, crise das vocações sacerdotais”, usando suas próprias considerações em comunicações a seus paroquianos. Enfim, tudo parecia conspirar contra. Porém, a perseverança na fé é arma que sustenta aqueles que confiam no Todo-Poderoso!

“Tudo posso Naquele que me fortalece!” E é nessa fé que as tempestades se acalmam, o diálogo se instala, o Espírito Santo age e as Cartas Pastorais estabelecem uma conexão: traçam-se metas e promove-se o conhecimento entre o pastor e seu rebanho. Há respeito e confiança pairando no ar, para a obra de Deus prosperar!

Comento esses aspectos, conhecidos por muitos, porque somente há pouco tempo percebi meu tio como organizador e condutor de uma arquidiocese, juntamente com os que compunham suas equipes presbiterais e pastorais, educacionais, movimentos engajados, além do povo escolhido por Deus em Campinas, e por sempre ter-me interessado pelo parente querido que nos trazia e traz alegrias por oportunidade de suas visitas em períodos de férias. Esse, sim, eu entendo sentimentos, ouço palavras sábias e com ele desabafo, aprendo o caminho do perdão e do amor ao próximo! Através dele conheço mais profundamente o Deus-Misericórdia que nos segura nos braços e nos faz participar do banquete que, como Pai, reserva àqueles que aceitam seu Filho como Cordeiro Imolado que nos amou mais e de graça! Obrigada, tio lindo por tudo que você representa para nós, sua família em consanguinidade! Resta salientar, e me faz bem ao coração tornar público, que minha vida será um eterno agradecer a esse ente querido que deu suporte à minha mãe e a meu pai, equalizando desentendimentos, ajudando-os em tratamento de saúde e apoiando toda a família, inclusive ao assumir meu irmão como responsável por sua criação e educação, trazendo-o para morar com ele. Some-se a isso tudo o carinho, a acolhida de braços abertos, o amor incondicional que sempre demonstrou por entes queridos, a exemplo de nossa filha Rosabelli que fez parte, com orgulho, do quadro de funcionários da PUC Campinas! Tio Gilberto fez dela uma filha muito amada, e encontra reciprocidade nesse amor, pois a explicação vem das escolhas que Deus promove em nossas vidas porque nos ama! Tio Gilberto é prova de todo esse AMOR! Nós o amamos, tio! Deus tem sido o reflexo de sua bondade maior através do seu exemplo em nossas vidas!

Aproveito a ocasião para agradecer, em nome da família, a todos que direta ou indiretamente, ajudaram e ajudam tio Gilberto nessa caminhada para o Pai! Ele nunca está solitário porque há sempre quem lhe seja solidário! Amigos verdadeiros fazem a diferença! Acreditem que nos apazigua o coração sabê-lo tão amado, respeitado e cuidado! Incorreria em falta, caso enumerasse ou nomeasse pessoas ou participantes de equipes de trabalhos ao longo de sua jornada. Deus os conhece e, em nosso nome, lhes agradece! Que Ele lhes retribua agora e sempre com Seu infinito amor e misericórdia!

À PUC Campinas um olhar cheio de orgulho pelo que representa no cenário nacional e internacional durante esses 75 anos de existência! Parabéns por continuar a obra que tantos que por aqui passaram e devotaram sua vida em detrimento, às vezes, de incompreensões e da própria tempestividade e obrigatoriedade nas decisões. Lembrem-se que: “Combateram o bom combate, guardaram a fé” e os princípios pelos quais tanto lutaram e lutam por preservar! Adiante e além, com toda proteção e orientação do Pai Todo Poderoso! É o que desejamos do mais recôndito do nosso ser, asseverado por nossas constantes orações pelo sucesso continuado em favor de uma Universidade que seja o rosto e o agir de Deus na ciência e pela ciência.

Aos que compõem a Comissão organizadora responsável pelas comemorações dos 75 anos da PUC, mais especificamente por esta semana dedicada a lembrar tio Gilberto na PUC, pela coragem de mostrar o que foi feito através da história, e por nos proporcionar instantes marcantes, um abraço pleno de reconhecimento de todos os familiares de D. Gilberto por esses momentos em que o homenageiam, pelo trabalho desenvolvido em prol dessa Casa Educadora. Ao Arcebispo Dom Airton, um abraço carinhoso por ser irmão na fé e na atenção a tio Gilberto. A cada um em particular deixamos nosso aconchego de irmãos na fé e eternos devedores de uma conta que só se paga com a reciprocidade do amor!

Temos certeza que tio Gilberto sempre esteve em boas mãos: o carinho, a consideração do povo Campineiro é o maior legado que ele hoje desfruta por ter dedicado sua vida a criar laços que os tornará para sempre responsáveis por essa união que Deus selou entre o pastor e suas eternas ovelhas!

Agora, compreendo porque tio Gilberto sempre reza em suas orações-poemas, exteriorizando um agradecimento velado por tantas graças recebidas do Todo-Poderoso, no soneto de sua autoria:

ATO DE ESPERANÇA E FÉ!

No silêncio do ocaso que germina,
Vi esplendores de arrebol surgindo,
Vi esperanças louras reluzindo,
Nos trigais desta vida que termina.

Vi o sonho de Deus realizado
Na pobreza infinita do meu ser
Entendi o que importa é mesmo crer
No amor que por primeiro tem amado.

Tudo é graça, Senhor, na minha vida
Eu percebo com alma enternecida
E Te louvo por teres revelado

Que Teu filho, Jesus, é Jesus-Pobre
Ante o qual todo ser se curve e dobre
Ele é o Senhor, Jesus Ressuscitado!

Obrigada, Senhor! Pela graça de termos tio Gilberto em nossas vidas! Conservai-o em paz e com saúde para que o amemos mais a cada dia! Amém!

Campinas (SP), 24 de outubro, de 2016

HOMENAGEM A DOM GILBERTO PEREIRA LOPES, ARCEBISPO EMÉRITO DE CAMPINAS

Antonio Celestino Tonelotto

Excelência Reverendíssima Senhor Dom Airton José dos Santos, Arcebispo Metropolitano de Campinas e Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Magnífica Reitora Professora Doutora Angela de Mendonça Engelbrecht.

Componentes da mesa, senhoras e senhores.

Dom Gilberto Pereira Lopes, excelência reverendíssima Senhor Arcebispo Emérito de Campinas, nosso querido amigo.

Ab initio, justifico a opção pela leitura da homenagem para não se pecar pela prolixidade. *Quod abundat nocet*, como diria o Cônego Horácio Longo, de saudosa memória e amigo de Dom Gilberto.

Foi com imensa alegria e espanto que agraciado fui com um honroso e generoso convite dessa Pontifícia Universidade Católica para participar da Abertura da “Semana Dom Gilberto”, em comemoração aos 75 anos de Fundação dessa Instituição, Sociedade Campineira de Educação e Instrução.

No que atine à honra do convite, parafraseando o filósofo Aristóteles em sua principal obra de ética, qual seja, *Ética a Nicômaco*: “A honra depende mais de quem a concede que de quem a recebe”.

Alegria, posto que, dentre muitíssimos outros, que os há, quisera a sorte me privilegiar indicando-me para prestar uma homenagem, ainda que singela, para um queridíssimo, sobretudo amigo, aqui do coração. Aliás, não posso deixar passar despercebido um fato de feliz coincidência. Estamos aqui no auditório Cardeal Agnelo Rossi. Quando Dom Agnelo fora nomeado Arcebispo de Ribeirão Preto e em sua primeira visita apostólica ao seminário, quando Dom Gilberto era Reitor, fora eu, escalado para proferir discurso de saudação e boas vindas ao novo arcebispo de então, Dom Agnelo Rossi.

Espantado e perplexo, eis que, vai além de minha modesta capacidade traçar uma dimensão exata do que significa Dom Gilberto, um apóstolo de nossos dias, um pai, amigo, pastor que fora para seu rebanho e de maneira toda especial, *in casu*, o que representa para os seus ex-alunos e amigos cito Antonio Titoto, Francisco Assis, o mestre Padre David e o Juiz do Trabalho Ximenes em nome de quem também estou a falar e que também aqui estão para testemunhar.

Confesso, malgrado calejado na diuturna faina da advocacia, que fiquei assustado com este gentil convite, contudo, muito feliz por este desafio que foge e muito da normalidade do dia a dia de um advogado. Fiz questão de aceitar e fazê-lo com imensa satisfação, pela singularidade do evento. É bem verdade que sou incapaz de falar o *quantum satis* sobre toda a grandeza e maravilha de uma vida extremamente privilegiada como a do querido Dom Gilberto. Contudo, também me senti muito feliz em poder trazer poucos e importantes fatos, preferindo mais falar o coração, deixar fluir a máxima “*os loquitur ex abundantia cordis*”.

Imaginei que poderia dar o testemunho sobre a vida de Dom Gilberto, deste Sacerdote do Senhor, bispo da Igreja segundo o Evangelho de Jesus Cristo.

Em toda vocação, há um elemento basilar. O dom da Fé que condiciona o SIM ao Pai do Céu, como aquele de Maria que condicionou (penso que podemos falar assim), mesmo desconhecendo, em nossa infinita ignorância, como Deus trata essa questão da liberdade humana, do livre arbítrio. Ou seria pura obra do destino?

Sempre testemunhamos, vendo e ouvindo o nosso querido Dom Gilberto dizendo sim a Deus e à Igreja. De fato sua vida fora conduzida e dedicada na vivência do seu lema episcopal: “Anunciar o Mistério de Cristo”. Bastariam, estas palavras, para nos fazer entender a alma deste homem de Deus e a sua estatura espiritual. Por isso, em todos os serviços prestados, sempre teve a aprovação do povo fiel que costuma não se enganar a respeito dos seus pastores.

Admiráveis e cativantes sua pessoa e seu trabalho desde os idos da década de 1960, tempo em que fora nosso reitor em Brodowski, terra natal de Cândido Portinari, e depois, o seu trabalho à frente de uma das maiores Arquidioceses do Brasil, Campinas. Sempre nos impressionava positivamente a presença ativa, embora às vezes silenciosa, porque os tempos assim o exigiam, como um membro importante da Igreja do Brasil. Dom Gilberto nunca fora omissos. Mas determinado, como bom nordestino, com as devidas proporções, sem ser cangaceiro, feito Virgulino Ferreira, o Lampião.

Dizíamos nós, os seus alunos lá do saudosíssimo e impar Seminário Arquidiocesano Maria Imaculada, dizíamos e ora somos testemunhas que Dom Gilberto, diante de nós, de nossos conflitos internos, de nossas incertezas, de nossos dilemas, exercia a grande virtude de escutar, escutar, escutar... Nessas situações, era ele toda presença, conhecia e fazia a leitura de nossos corações e aí brotava o pai, o amigo, o orientador. O amor de Deus nos era passado através de Dom Gilberto.

Tivemos a rara honra, a rara felicidade de ter sido seus pupilos quando reitor do Seminário. Foi um tempo memorável, inesquecível, marcante, incomparável. Seu “jeito”, misto de severidade, autenticidade e de bondade, contudo, virtuoso, jamais negou uma palavra paternal de amizade e de conforto para todos nós, mais de duas centenas de seminaristas crianças, adultos e muitos outros na ebulição, efervescência da adolescência.

Falando de Dom Gilberto, faz-se necessário plugá-lo a uma outra pessoa extraordinária, de feliz memória, que muito teve influência em sua vida: Dom Luís do Amaral Mousinho. Estou seguro de que muito o comove essa lembrança. De grande importância, Dom Mousinho na vida de Dom Gilberto.

Como Dom Mousinho, de quem não se pode apartar a vida do sacerdote Gilberto, também, este, pessoa à frente de seu tempo, preocupada com a preparação de sacerdotes para o tempo em que então se vivia, com pensamentos e ideias que ultrapassam os limites dos seus anos vividos, Dom Gilberto representa muito para a história centenária desta Arquidiocese de Campinas, da Igreja no Brasil e no mundo.

Desta paixão pela Igreja, por Roma e pelo Santo Padre, emana o lema episcopal assumido por Dom Luís: “*Consentire Romano Pontifici*”, expressando assim sua preocupação em viver em perfeita sintonia com a Igreja.

Dom Gilberto conhece os caminhos da história e soube trilhá-los com marcante presença na hora certa, que dava segurança às pessoas com quem convivia e a quem dirigia. Acompanhou a trajetória da Igreja no Brasil e no Mundo, em um momento muito difícil para o mundo e para a Igreja. Sofreu as mudanças introduzidas pelo Concílio Vaticano II; nascimento das Comunidades Eclesiais de Base; elaboração da Teologia da Libertação e de tantos outros movimentos e ações que caracterizaram a ação da Igreja nos últimos tempos. Anos marcados por profundas rupturas e transformações, que necessitavam de uma presença segura para indicar para as pessoas o rumo certo.

Malgrado viver num mundo em constante mutação, mostra-se firme quando contesta o relativismo e o pluralismo ambíguos, presentes em nossa sociedade. Apesar de ter sido testemunha do seu tempo, soube compreendê-lo e apesar das dificuldades, permaneceu fiel à doutrina dos Apóstolos, mais de Paulo do que de Pedro, creio eu, mas não duvido que deva também, como Pedro, ter ouvido o *“quo vadis”*. Entretanto, quando foi necessário, soube mudar, demonstrando capacidade de se adaptar aos sinais dos tempos.

Ao meu sentir, a grande qualidade de Dom Gilberto, foi a Sabedoria, aquela da qual falam, as Escrituras. Dom Gilberto, acompanhando o sofrimento, as incertezas e inseguranças do seu povo, sempre foi aquela coluna onde os que quisessem podiam apoiar-se, e foi aquela frondosa árvore onde os cansados podiam descansar. Onde os desiludidos com os rumos da vida, podiam encontrar conforto, alento e o sentido do viver.

Recordemos a participação de Dom Gilberto, dirigindo-se ao seu redil, através de suas reflexões curtas, porém densas, onde aponta caminhos do Evangelho num mundo em constantes transformações. Com palavras firmes, tece considerações sobre o cotidiano de uma Igreja que quer ser fermento numa sociedade desorientada, cada vez mais alheia às orientações da mensagem de Jesus.

Dom Gilberto apresentou e apresenta a palavra de um apóstolo de Cristo nos tempos atuais, presença libertadora, presença orientadora ao Mundo dos nossos dias. Dom Gilberto foi um homem que soube caminhar com a Igreja através dos tempos, soube ser a presença de Cristo para seu rebanho, onde fora a presença amiga, paterna, fraterna de Cristo para os seus sacerdotes antes de tudo.

Pescador foi e é um grande pescador e torcedor do Guarani.

Foi um modelo de como se deve ser pronto a *“viver a vontade de Deus”*.

Assim é a trajetória de uma vida que se torna eterna pela Graça Divina.

Homem de Deus, homem do povo, homem do seu tempo. Os que com ele estiveram nessa jornada têm muitas lembranças da sua inesquecível dedicação à Igreja. Sacerdote impoluto, que viveu a coerência de suas escolhas baseadas na Fé do Evangelho de Jesus, por certo uma *“fides non ficta”*. Amigo leal dos seus colegas sacerdotes aos quais nunca se referia de forma desabonadora. Viveu, do melhor modo, a fraternidade sacerdotal.

Dom Gilberto foi e é portador de grande zelo pelo bom testemunho da Igreja de Campinas.

Caráter firme, condução segura quando em jogo a Justiça e a Verdade.

E enquanto viverem pessoas que conheceram sua abençoada existência, certamente surgirá de suas faces um sorriso tranquilo e feliz por ter conhecido e convivido com Dom Gilberto.

Por derradeiro, acreditem na sinceridade dessa homenagem e ratificando o aforismo alhures citado *“os loquitur ex abundantia cordis”*. Repetindo a saudação que sempre lhe fazemos quanto de nossas visitas: *“Ave, Caesar, morituri te salutant”*

Um grandíssimo abraço amigo e que Deus, na sua infinita misericórdia e generosidade continue derramando copiosas bênçãos sobre esse seu querido filho.

Parabéns. Agradecemos por esse imenso privilégio de sermos presenteados com sua maravilhosa e generosa amizade.

Finalizando, se algum sacrilégio eu cometi, desde já rogo perdão, sinto-me arrependido e peço que me conceda absolvição.

Obrigado.

3

**DOM GILBERTO NA ARQUIDIOCESE DE
CAMPINAS**

E

**LANÇAMENTO DO LIVRO “DOM GILBERTO: NO
TEMPO DE DEUS”**

DOM GILBERTO NA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS

Cônego Cláudio Zaccaria Menegazzi

Agradeço a Dom Airton José dos Santos, Arcebispo de Campinas e Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e a Profa. Dra. Angela de Mendonça Engelbrech, Reitora desta Universidade, pelo convite feito a mim, para participar, como palestrante, desta **Semana Dom Gilberto Pereira Lopes**.

Sinto-me profundamente honrado e feliz por este convite; e, ao mesmo tempo, no melhor sentido, preocupado por apresentar, nos limites de tempo, pessoa da mais alta dignidade e de vida maravilhosa, especialmente na Arquidiocese de Campinas: **Dom Gilberto Pereira Lopes**.

Feliz e honrado porque fui acolhido no Seminário de Filosofia da Arquidiocese de Campinas, por Dom Gilberto, 35 anos atrás, em fevereiro de 1981; e, por ele, investido Leitor e Acólito, e ordenado, também por ele, Diácono e Padre. Feliz, porque mesmo sendo o Bispo que me ordenou, tenho-o como irmão, amigo e pastor.

Sinto-me preocupado como apresentar-lhes uma trajetória que começou em 07 de março de 1976, 40 anos atrás, na Catedral Metropolitana de Campinas, quando de sua posse como Arcebispo Coadjutor de Campinas, até a aceitação de sua renúncia, pelo Papa João Paulo II, em 02 de junho de 2004; foram 28 anos e 2 meses em Campinas; primeiro como Arcebispo Coadjutor do saudoso Dom Antônio Maria Alves de Siqueira; depois, como Administrador Apostólico; e, finalmente, como Arcebispo Metropolitano de Campinas.

Quanta riqueza para falar desses 28 anos nesta Arquidiocese tão querida! Tive em mãos os três livros de sua autoria e me senti ainda mais desafiado! Quanta luz de Deus em seu Ministério Episcopal, Dom Gilberto! Percebi sempre uma marca em seu episcopado aqui em Campinas: a sua **jovialidade**. Aos 39 anos de idade o Padre Gilberto era eleito Bispo; e agora, com 89 anos de idade, mantém esta mesma postura jovem, qualidade das pessoas que amam a Deus e, por Ele, se deixam amar, doando sempre a vida!

Uma marca notória do seu episcopado, Dom Gilberto, é o caráter **pastoral, evangelizador**, muito provavelmente, porque as águas cristalinas do Concílio Vaticano II, há apenas um ano e dez meses do seu encerramento, banhavam a sua ordenação episcopal, em dezembro de 1966, e deixaram marcas indelévels. Todos que trabalham com o senhor temos certeza que Dom Gilberto é Bispo e Pastor, marcado pelas insondáveis riquezas do Concílio Vaticano II, bem como das Conferências Episcopais Latino-Americanas de Medellín, de Puebla – da qual o senhor participou, no México, em 1979 –, de Santo Domingo, e, mais recentemente, inclusive, de Aparecida.

Seu Ministério, como Bispo, em Campinas, é marcado por abertura pastoral, colegialidade, corresponsabilidade, eclesialidade, forte sentido de participação de todos, profunda e íntima relação da **fé com a vida**, das realidades sociais e políticas com a mística e a espiritualidade cristãs, do compromisso com a construção da vida, da convivência humana fraterna, da luta pela justiça, no amor. Sentimos estas marcas, dentre tantas outras, no seu Ministério Episcopal, aqui em Campinas. É neste sentido, que passo a destacar alguns sinais concretos e bem visíveis.

1º) As Assembleias da Igreja de Campinas. Quantas Assembleias realizadas com frequência! Com participação, muitas vezes, de até 500 pessoas; diversidade de representação; qualidade dos conteúdos, reflexões e assessorias altamente qualificadas; organização exemplar; sentido de Igreja, de comunhão, e, não raras vezes, as divergências, os embates, próprios de um pluralismo sadio e participativo; no dizer de um queridíssimo e

saudoso irmão e amigo nosso, Monsenhor Benedito Luiz Pessoto – seu Vigário Geral por vários anos –, o exercício de práticas e formas democráticas no interior da Igreja, que, ao mesmo tempo, é mais do que democracia, é *koinonia*, é comunhão; Igreja, no entanto, que também precisa, algumas vezes, de Democracia!

2º) A valorização das diversas vocações e ministérios. Temos ouvido falar de uma **Igreja toda Ministerial**; sim, porque o Espírito Santo é Fonte dos mais diversos dons, carismas, serviços e formas de viver o chamado de Deus Pai. Dom Gilberto: o senhor sempre se preocupou, com profundo zelo apostólico, com o Ministério Ordenado. Acompanhou-nos como verdadeiros filhos em seu episcopado. Sempre rezando, pedindo orações e cuidando das vocações presbiterais. Prova é o Instituto Vocacional São José, na cidade de Pedreira, para a etapa do Propedêutico, e os dois seminários que foram construídos, de Filosofia, no Jardim Santa Genebra, do qual eu tenho a alegria de ter sido da primeira turma, e o Seminário de Teologia, no Parque São Quirino, ambos em Campinas.

Destaco em seu episcopado na Arquidiocese de Campinas os **Ministérios Leigos**, que o senhor sempre promoveu: Ministério da Palavra, com centenas de ministros e ministras leigos e leigas, reunindo as comunidades, presidindo a Celebração da Palavra, distribuindo a Eucaristia; Ministério da Coordenação de Comunidades; Ministério do Batismo, cujos ministros e ministras não só preparavam os fieis para esse Sacramento, mas batizavam as pessoas, propriamente dito; Ministério da Saúde, das Exéquias, dentre outros.

3º) Um destaque muito especial em seu episcopado na Arquidiocese de Campinas: **o apoio, o incentivo, a valorização das CEBs – as Comunidades Eclesiais de Base**. O senhor sempre acreditou neste modo de ser Igreja, tão parecido ao que Jesus sonhou como Igreja e para a Igreja: **ser Comunidade, ser Eclesial, ser de Base**, ou seja, simples, natural, popular, espontânea, aberta, Igreja-povo, vivendo a eclesialidade do Concílio Vaticano II – **Igreja Povo de Deus** –, que é projeto para toda a Igreja, pobre, pequenina, com o rosto e a prática de Jesus, libertadora, Igreja com as dimensões integrais da Fé, Fé consistente, não exclusivista, evidentemente, Igreja toda eucarística e arraigada à Palavra de Deus, e assim por diante...

Sentimos o quanto o senhor sempre amou as CEBs, nelas acreditou e fez questão de estar nelas presente. Lembro-me, por exemplo, de uma vez, na Comunidade Bom Jesus, no Jardim Nova Morada, pertencente à Paróquia São José Operário, o senhor descendo as ribanceiras da Favela 28, para celebrar a Eucaristia, junto ao povo pobre, sofrido, mas embebido de esperança e alegria, pela presença do pastor. Isto tudo, sem contar seu apoio direto à nossa participação nos Intereclesiais, encontros de CEBs a nível nacional. Aliás, o 1º Intereclesial aconteceu justamente no ano em que o senhor foi nomeado Arcebispo Coadjutor de Campinas, em 1975. Seis anos depois, o senhor acolhia, aqui em Campinas, em Itaici, o 4º Intereclesial. O senhor participou, também, do 8º Intereclesial, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em setembro de 1992, encontro que contou com 2.300 participantes, representantes de 314 dioceses do Brasil e do exterior. Como era bom ver Dom Gilberto, nosso Arcebispo, nestes grandes e pequenos encontros de CEBs!

4º) Mas, o que lhe assegurava a organicidade e a boa eficácia da Pastoral? Claro que, sem a Graça de Deus, sem a Força e a Luz do Espírito Santo, sem a vida de Fé e de Oração, não há **vida pastoral**. Mas o senhor, Dom Gilberto, **trabalhava em equipe**; e, corresponsavelmente, confiando nas **coordenações**, em diferentes níveis, marcou a Pastoral com os **Planos de Pastoral**.

Foram cinco Planos de Pastoral, a partir do 2º, em 1977, até o 6º Plano de Pastoral Orgânica, com vigências variáveis, com objetivos claros, prioridades, projetos, opções, linhas de ação bem definidas, que procuraram atender aos grandes campos da vida, da Igreja, das múltiplas realidades.

5º) Outra marca registrada do seu episcopado foi a sua sabedoria, experiência e opção em **articular a Fé com a Vida, Espiritualidade com Política, Doutrina Social da Igreja e realidades do mundo**. Seu apoio às lutas populares, às reivindicações legítimas da população das favelas, das ocupações, às lutas pela Reforma Agrária, dentre outras. Destaco um artigo seu, publicado em jornal da cidade de Campinas, em 23 de fevereiro de 1997, com o título “Em marcha”, publicado em seu livro *Com Deus na História*, sobre a Reforma Agrária:

Os sem-terra estão marchando. Quem disse que marchar, gritando por soluções, não é legal? Quem foi que disse que Dom Paulo quer Reforma, fora da lei? O clamor do povo é sadio. Chama a atenção para o problema. Estamos apelando, com os sem-terra, para que o Governo queira, realmente, fazer a Reforma Agrária. Só vai trazer benefícios ao País. Não vai prejudicar ninguém. É dentro da Lei e do Direito que todos queremos a Reforma Agrária. Não conseguimos entender como um Governo que se diz voltado para o social deixa de tomar atitudes concretas neste sentido (Ed. Paulus, S. Paulo, 1999, p. 220).

Destaco, igualmente, seu apoio às Pastorais Sociais: Pastoral Operária, Pastoral da Mulher Marginalizada, Pastoral do Negro, da Criança, da Saúde, do Menor, dentre outras. Sua presença marcante e constante nas celebrações eucarísticas dos dias Primeiro de Maio, na Catedral Metropolitana, com pronunciamentos firmes em defesa da classe trabalhadora, de seus direitos e lutas sociais e políticas.

Quero destacar, também, dois grandes acontecimentos que caracterizaram de modo muitíssimo especial seu Ministério Episcopal na Arquidiocese de Campinas: a Revisão Ampla e o 14º Congresso Eucarístico Nacional (C.E.N.).

A Revisão Ampla: aconteceu a modo de um grande **sínodo diocesano**, como o título do seu documento final afirma: **Uma Igreja Respondendo aos Novos Desafios**. Foi um período de nossa Igreja, iniciado em outubro de 1988, até dezembro de 1991: três anos de muito estudo, reflexão, avaliações, mudanças, adaptações aos novos tempos do mundo, das culturas, da sociedade, de Campinas e região.

Neste período foram realizadas quatro grandes assembleias, com 210 participantes em média, em cada assembleia, sendo 30 presbíteros, 15 religiosas e 165 leigos e leigas, representando todos os segmentos da Arquidiocese. Estas assembleias iniciavam-se às sextas-feiras à noite, encerrando-se aos domingos, no final da tarde. A primeira aconteceu no Seminário São Francisco, dos Capuchinhos, em Nova Veneza; as outras três, em Itaiçi. Tratou-se da Missão da Igreja, da sua Comunhão e Organização, Formação, Catequese, Ministérios, Liturgia, Economia, Administração, relação da Igreja com a sociedade, em seus diversos campos. Refletimos sobre inúmeros aspectos que dizem respeito à vida da Igreja e em seu relacionamento com a vida em geral, com o mundo. Concluímos a Revisão Ampla com um Documento Oficial, que contém 658 parágrafos. Cada parágrafo foi estudado, debatido, analisado, aprovado ou rejeitado e reelaborado **por todos os participantes!** Uma experiência talvez inédita na vida da Igreja: os leigos e leigas, mulheres e homens, exercendo um poder neste elevado grau de eclesialidade. Destaco a absoluta **confiança**, a **originalidade**, o profundo **sentido e prática eclesiais** e o **empenho** de Dom Gilberto, em todo este processo. O **sentido de corresponsabilidade eclesial**. Construimos todos e todas juntos um Documento **de** Igreja. Todos sendo protagonistas!

O 14º Congresso Eucarístico Nacional, ocorrido de 19 a 22 de julho de 2001, em Campinas, há 15 anos atrás, com o tema: “Eucaristia: Fonte da Missão e Vida Solidária” e o lema: “Venham para a Ceia do Senhor”. O que destacar do Congresso Eucarístico, neste breve tempo de minha fala?

a) Na primeira reunião da Comissão Geral, realizada no salão da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, no centro de Campinas, um integrante da Comissão falou: “O Congresso vai reunir umas 20 mil pessoas!” Dom Gilberto logo interferiu, dizendo firmemente: “20 mil pessoas?!”

Vamos reunir 150 mil, 200 mil pessoas!” Eu pensei logo comigo, nós pensamos: “Dom Gilberto está sonhando!”. Não era e não foi um sonho, não. O Congresso Eucarístico Nacional em Campinas reuniu esse número de pessoas. Foi uma realidade maravilhosa que aconteceu em nossa Igreja!

b) O Documento do Congresso: *“Eucaristia: Fonte da Missão e Vida Solidária”*, com um conteúdo teológico riquíssimo e original. Permitam-me citar os títulos dos sete capítulos: 1. Jesus Cristo e a Eucaristia. A Missão vista a partir do mandamento de Jesus: “Fazei isto em memória de Mim”; 2. Eucaristia e Igreja: a Missão como tarefa eclesial a serviço da comunhão; 3. Eucaristia e Mistério Pascal: a Missão sustentada pela espiritualidade eucarística; 4. Eucaristia e vida dos pobres e excluídos: a ceia da vida solidária; 5. Eucaristia e Cidadania: o desafio de uma vida solidária; 6. Eucaristia e Juventude: construindo um mundo solidário; e 7. Ecologia e Eucaristia: solidariedade com a Criação.

c) Assessores: tivemos a oportunidade de contar com assessores e assessoras do mais alto nível teológico-pastoral: Pe. Jon Sobrino, de El Salvador; Maria Clara Lucchetti Bingemer, da PUC do Rio de Janeiro; Prof. Frei Luiz Carlos Susin, da PUC do Rio Grande do Sul; Frei Betto, dominicano e escritor; Francisco Whitaker, Secretário Executivo da Comissão de Justiça e Paz, da CNBB; Pe. Antonio Aparecido da Silva e Pe. Jorge Boran, professores da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, de São Paulo; Dr. Evaristo Eduardo de Miranda, pesquisador da Embrapa e Diretor do Instituto Ciência e Fé; Nancy Cardoso Pereira, teóloga metodista e professora da Unimep.

d) A CNBB: a presença dos Bispos do Brasil, que estavam realizando a sua 39ª Assembleia Geral, em Itaici, e fizeram coincidir a referida Assembleia com o Congresso Eucarístico, para dele participar.

e) A Praça “Arautos da Paz”: que a Arquidiocese de Campinas construiu com tanto empenho e esforço e ficou como destacado legado do 14º Congresso Eucarístico Nacional para toda a cidade de Campinas.

Enfim, como disse no início, que desafio, que preocupação e responsabilidade esta minha mensagem! Centenas de outras marcas precisariam e mereceriam ser destacadas aqui, tais como: o Instituto de Teologia e Ciências Religiosas, da PUC Campinas, que Dom Gilberto sempre primou, amou e ama, com centenas de presbíteros preparados para a Igreja; também, com bispos e, tão recentemente, com um cardeal, Dom Sérgio da Rocha, Arcebispo de Brasília e atual Presidente da CNBB; quantos frutos desse nosso querido Instituto! Suas Cartas e Exortações Pastorais; a criação da Diocese de Amparo, em 1997; e, assim, até o dia 02 de junho de 2004! E, porque não, até a presente data, querido Dom Gilberto, ***Mysterium Christi Praedicare, Anunciando o Mistério de Cristo!***

Muito agradecido Dom Gilberto, por sua vida, por sua vocação, por seu amor, fé e esperança, praticadas e testemunhadas; por seu Ministério Episcopal em Campinas e no conjunto da Igreja. Nós louvamos, bendizemos e agradecemos a Deus por seus 50 anos de Bispo, de amigo, pai e irmão, de pastor e legítimo sucessor dos Apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Deus continue nos abençoando, junto a Nossa Senhora da Conceição, a Imaculada, Padroeira da Arquidiocese de Campinas, Mãe de Jesus e nossa Mãe querida! Muito agradecido pela atenção.

DOM GILBERTO: O TEMPO E A GRAÇA DIVINA

José Antônio Trasferetti

Dom Gilberto nasceu em 14 de fevereiro de 1927, em Santaluz/BA. Filho de Salustino Lopes de Souza (nascido em 24 de dezembro de 1896, num lugarejo chamado Valente) e Alice Pereira de Souza (nascida em julho de 1898, em Santa Luzia). Foi batizado no dia 27 de março de 1927. Em 1939, ingressou no Seminário do Sagrado Coração de Jesus, na Diocese de Petrolina, da qual era Bispo D. Idílio José Soares, do clero de Campinas, Pároco do Carmo.

Em 1943 foi enviado a terminar o curso de humanidades no Seminário de Olinda. Ali cursou, também, Filosofia e Teologia.

“O mais expressivo da minha vida pobre”, afirma Dom Gilberto, “teve início em 4/12/1949”, dia da sua ordenação sacerdotal. “Na catedral de Petrolina, pela imposição das mãos de D. Avelar Brandão Vilela, 3º bispo de Petrolina. A primeira missa solene foi celebrada em Santaluz, minha terra natal, no dia 13 de dezembro daquele ano”.

Em fevereiro de 1950 foi indicado para trabalho na catedral diocesana, como emergência, por conta de uma situação local. Continuou na Catedral até 1953. Por conta de enfermidade, teve que sair e foi tratar-se em São José dos Campos/SP tendo sido acolhido, generosamente pela Fundadora das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada, Madre Tereza do SSm. Sacramento, cuja causa de canonização foi introduzida e aprovada como serva de Deus.

Em 1955, após tratamento com êxito, foi Capelão da Casa Religiosa das Pequenas Missionárias, em Belo Horizonte. E neste mesmo ano, retornou a Petrolina. D. Luiz do Amaral Mousinho, bispo de Ribeirão Preto, que fora seu professor de Filosofia e, após, Reitor do mesmo Seminário de Olinda, o convidou para trabalhar no Jornal “Diário de Notícias”. Obtida a permissão do bispo, D. Avelar, neste ano, fim do segundo semestre, foi acolhido na Diocese de Ribeirão Preto. E nomeado Coadjutor da Catedral. Ao mesmo tempo era Diretor Espiritual da Pia União das Filhas de Maria e Assistente da JIC, Juventude Independente Católica, da Ação Católica. Escrevia diariamente a crônica “Notas Avulsas” no Diário de Notícias, jornal diário da Diocese.

Em 1957, foi nomeado Reitor do Seminário Diocesano Maria Imaculada. Nesse ano da Instituição da Arquidiocese, foi solicitada pelo Arcebispo, Dom Mousinho, a incardinação em Ribeirão Preto. Foi concedida pelo Senhor Bispo de Petrolina, D. Antônio Campelo de Aragão, salesiano. Nomeado para constituição do Cabido Metropolitano, nomeado também como teólogo do Cabido.

Em 1961, foi designado para fazer curso de Pedagogia no Instituto Católico de Paris. Recebeu, ao fim do curso, diploma de mestre em Pedagogia, com a dissertação sobre “Adolescência e Seminário Menor”. Fez também como “ouvinte” curso sobre a “formação das estruturas da inteligência”, com Jean Piaget na Sorbonne. E sobre a adolescência com Maurice Debesse. Antes do retorno, no final de 1962, fez curso de formação pastoral para a América Latina em Louvain, Bélgica.

Em 1963, retornando para Ribeirão Preto, continuou como Reitor do Seminário novo e grande, construído em Brodósqui, por D. Luiz Mousinho. Em 1964, representou os seminários menores do Brasil em Encontro de Formação, com o patrocínio da Comissão para a América Latina e, conduzido pelo OSLAM, Organização dos Seminários da América latina. Encontro realizado, em Medellín, Colômbia.

No início de 1966, foi transferido do Seminário para a Catedral, como pároco. Em 1966, novembro, foi nomeado primeiro bispo de uma Diocese recém-criada, em Goiás, na cidade de Ipameri. Em 02 de fevereiro de 1967, empossado como Pastor Diocesano, escreveu uma carta pastoral de saudação e propostas pastorais, na qual reafirma o seu amor pelo Evangelho e pelo Povo de Deus, organizado em comunidades vivas, segundo o espírito do Concílio Vaticano II.

Como Bispo de Ipameri, participou do MEB, movimento de Educação de Base, organismo da CNBB. Foi membro da CEP Comissão Episcopal de Pastoral, em substituição a Dom Lucas Moreira Neves, por escolha da Presidência do CELAM *ad nutum* da próxima Assembleia durante três anos.

Indicado pela CNBB, foi membro do CELAM, na área social (então linha 6), por um mandato. Foi presidente do Regional Centro-Oeste. Foi constituído pela Câmara dos Vereadores cidadão ipamerino. No dia 07 de março de 1976 tomou posse como Arcebispo Coadjutor de Campinas, com direito a sucessão. Em 1978, com autorização do Arcebispo Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, escreveu Carta Pastoral com propostas para se realizar a “Igreja que queremos ser”. Como Arcebispo Coadjutor de Campinas foi delegado do episcopado brasileiro como representante em Puebla, 1979, no encontro do Celam.

Em 07 de fevereiro de 1980 foi nomeado pela Santa Sé Administrador Apostólico, passando a ser responsável também pela condução da PUC-Campinas, como Grão Chanceler da Universidade e Presidente da SCEI, Sociedade Campineira de Educação e Instrução. Em Roma, foi nomeado membro da Congregação da Educação e dos Seminários, por um mandato de cinco anos. Solicitou à Santa Sé a criação da Diocese de Amparo, com território inteiramente desmembrado da Arquidiocese de Campinas.

Como Arcebispo da Arquidiocese de Campinas deve-se destacar as seguintes atividades:

Apoio às Comunidades Eclesiais de Base. A volta da jurisdição dos Párocos sobre as Comunidades Eclesiais de Base, no que se refere aos sacramentos. Os sacerdotes que acompanhavam as Comunidades tinha jurisdição especial sobre elas, por autorização do antigo Arcebispo Dom Antônio. Havia risco de uma divisão da Igreja de Campinas: a Igreja do Concílio Vaticano II e a Igreja Conservadora. Houve resistências, mas as coisas se pacificaram com a Revisão Ampla.

Realização da Revisão Ampla. Para se definir “a Igreja que queremos ser”, com participação ampla de todos os setores da igreja. A convocação especial do Arcebispo e o empenho das organizações eclesiais. Funcionou a Revisão a modo de Sínodo Arquidiocesano. Mudou-se o nome para mudar certos parâmetros de participação de todos. Em Sínodo poderia haver algumas restrições no modo de convocar a Igreja.

A construção de Seminários. A Igreja de Campinas sofreu longo tempo sem ordenações presbiterais. Foram, segundo informações, por volta de 14 anos sem nenhuma ordenação. Foi construído, primeiramente, o Seminário de Filosofia. Em seguida o Seminário Propedêutico, em Pedreira, na região Leste. Por último, o Seminário de Teologia que funcionava precariamente em uma casa cedida pela Paróquia Nossa Senhora das Graças.

A Realização do XIV Congresso Eucarístico Nacional. Um evento marcante na história da Igreja de Campinas. Conseguida a mudança da data de realização da Assembleia Geral de 2001 para o mês de julho, ao final da Assembleia os senhores bispos puderam participar do Congresso Eucarístico. Estas inspirações estão traçadas no contexto do Concílio Vaticano II, nos encontros da Conferencia Latino Americana dos Bispos e na realidade social que norteou a caminhada de inserção da Igreja no mundo. Na verdade, Dom Gilberto pode ser considerado

um homem do seu tempo, em tudo soube compreender o tempo dos homens no tempo de Deus.

Tive o privilégio de conhecê-lo em 1976, recém-chegado de Ipameri/GO. Era uma pessoa simples, disposta a acolher todas as pessoas. Fui acolhido por ele com carinho. Estava no seminário, desde 1975. Em 1977 conclui os estudos de Filosofia e conversando com os formadores decidimos que eu teria um ano para aprofundar nos estudos. Dom Gilberto me encaminhou para fazer o IBRADES (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social).

Em 1978 morei no Rio de Janeiro na Praia do Botafogo. Lá conheci muitas pessoas que permanecem meus amigos até os dias de hoje. Este ano foi muito rico para mim. Retornei a Campinas e entrei na Faculdade de Teologia (segunda turma). Conclui a Filosofia e os estudos em Teologia. Depois de uma breve passagem pela paróquia do Santo Cura D’Ars fui ordenado Padre por Dom Gilberto em junho de 1983 e designado primeiro pároco da Paróquia de São Geraldo Magela.

Dom Gilberto sempre me acompanhou com muito carinho. Penso que ele foi me lapidando, me moldando. Ele, na verdade, teve muita paciência comigo. Em relação aos estudos possibilitou-me dois doutorados (em Teologia/1990 e em Filosofia/1994). Sou muito grato a ele por tudo o que fez por mim. São mais de quarenta anos de convivência. Primeiro o conheci como Bispo e aos poucos como amigo. O tempo foi nos tornando amigos. O gosto pelas coisas da vida, nos fez mais próximos. A amizade dele com meu pai também foi importante em nossa convivência. Meu pai gostava de jogar “truco” e por causa desse jogo nossa amizade foi crescendo, pois, volta e meia, Dom Gilberto visitava minha família, jantava conosco e depois jogávamos este jogo divertido. Quando meu pai faleceu (acidente de carro) em 1996, Dom Gilberto presidiu a cerimônia religiosa. Muitas vezes viajei com Dom Gilberto para pescarias e ou visitar amigos/as.

Dom Gilberto é uma pessoa muito agradável, simpático, inteligente. Era gostoso viajar com ele, pois a convivência na fraternidade era para mim muito rica. Sempre aprendi muito com Dom Gilberto. Ele é um pedagogo. Aliás, estudou Pedagogia e foi um grande conhecedor da formação seminarística. Ele renovou os seminários, trouxe novidades na formação. Como Bispo, então, sempre foi fiel ao seu tempo. Em Ipameri soube conviver com as pessoas e produzir muitos frutos. Suas cartas pastorais sempre oferecem um caminho seguro de pastoral em contextos de diversidades.

Na Arquidiocese de Campinas foi maravilhoso no sentido de promover a unidade pastoral, a Revisão Ampla e tantas atividades importantes para o bem de todos. Dom Gilberto possui uma grande alma, sabe compreender e acolher as pessoas. Com a paciência de pescador conhece os segredos da metodologia que produz responsabilidade e evolução pessoal. Dom Gilberto foi um homem do seu tempo. O tempo do Concílio Vaticano II, dos papas João XXIII, Paulo VI, Joao Paulo II e agora do Papa Francisco.

Em 02 de agosto de 2004, tomou posse Dom Bruno Gamberini como Arcebispo Metropolitano. Com o falecimento de Dom Bruno, toma posse Dom Airton José em 2012, Desde, então, Dom Gilberto tem acompanhado com carinho e atenção todas as atividades desenvolvidas na Arquidiocese de Campinas. Dom Gilberto continua sendo uma presença querida e amiga em muitas atividades promovidas pela Arquidiocese. Sua presença singela e profícua tem deixado os cristãos alegres e comovidos. Sou muito grato a Dom Gilberto por tudo o que fez por mim. Sem dúvida se não fosse ele eu talvez não tivesse trilhado os caminhos que trilhei. Dom Gilberto, na verdade é um presente para todos nós. Que Deus o abençoe, hoje e sempre!

APRESENTAÇÃO DO LIVRO “DOM GILBERTO: NO TEMPO DE DEUS!”

Paulo M. G. Pozzebon

Magnífica Reitora da PUC-Campinas, Profa. Dra. Angela de Mendonça Engelbrecht;
Exmo. e Revmo. Dom Gilberto Pereira Lopes, Arcebispo Emérito de Campinas;
Excelentíssimo Professor Dr. Germano Rigacci Junior, Vice-Reitor da PUC-Campinas;
Ilustres professores, gestores, estudantes e colaboradores desta Casa.

Pareceu-me desde o início muito justa a ideia de homenagear Dom Gilberto no contexto das comemorações dos 75 anos de fundação da PUC-Campinas. Dom Gilberto não apenas tem uma trajetória pessoal notável, como vimos nestes dias, mas foi Arcebispo de Campinas – primeiramente coadjutor, depois titular – durante 27 anos, ao longo dos quais concretizou uma obra relevante na Igreja de Campinas.

A construção de três seminários e de numerosas igrejas, a reorganização pastoral da Arquidiocese, a Revisão Ampla, o Congresso Eucarístico são apenas a face mais notória de sua obra. O apoio às Comunidades Eclesiais de Base, à Pastoral Operária, a colegialidade ensinada e praticada na convivência com os padres, bispos e leigos; a corajosa iniciativa de promover Assembleias Arquidiocesanas; o espírito missionário e as inovações pastorais, seu intenso trabalho pela conservação da unidade da Igreja de Campinas e da unidade do Presbitério com seu Bispo; a forma pacífica de implantação de novas diretrizes, marcada pela paciência pedagógica e tolerante, mesmo diante de incompreensões; a convivência fraterna com todos aqueles que dele se aproximavam – estas são as faces menos visíveis de seu episcopado, porque obras de espírito, mas sem dúvida são as mais profundas e frutíferas.

A convivência de Dom Gilberto com a PUC-Campinas tornou-se mais próxima em 1980, quando assumiu funções de Grão-chanceler, em razão de sua designação como Administrador Apostólico *Sede Plena* da Arquidiocese de Campinas. Durante 24 anos mostrou-se Pastor próximo e zeloso, administrador criterioso e dirigente corajoso, que nunca se esquivou das decisões difíceis. Nos doze anos como Arcebispo Emérito, mostrou-se amigo da Universidade, sempre pronto a fazer-se presente e portador de palavras de esperança e alegria.

Por todas essas razões, aceitei com muita alegria o convite para integrar a Equipe Organizadora do livro “Dom Gilberto: no tempo de Deus!”.

A elaboração desse livro teve como objetivos: homenagear Dom Gilberto – pelas razões já apontadas. Aproveitar o acervo de escritos de Dom Gilberto, tornados públicos em suas falas, mas nunca disponibilizados em publicações. Permitir que os católicos de Campinas relembrem e conheçam o pensamento e a palavra do Arcebispo: para os que o conheceram no trabalho à frente da Arquidiocese, a oportunidade de lembrar esse Apóstolo do Evangelho e da Paz; para os mais jovens, a oportunidade de conhecê-lo. Para todos, a oportunidade de lançar um novo olhar sobre o período em que Dom Gilberto foi Arcebispo de Campinas e Grão-chanceler da PUC-Campinas. Para as futuras gerações, a publicação de um livro representa a possibilidade de transmitir a memória e o pensamento de Dom Gilberto.

As fontes desse livro são, principalmente, os textos fornecidos por Dom Gilberto, pertencentes a seu acervo documental, por intermédio do Pe. Trasferetti. Alguns textos nos foram fornecidos pelo Padre Élcio de Souza, da Arquidiocese de Ribeirão Preto. Além disso, realizamos entrevistas e utilizamos fotografias do acervo pessoal, da PUC-Campinas e da Arquidiocese de Campinas. Fazemos simples referência a seus livros publicados: *Com Deus na História* e *O Evangelho no Rádio*. Incluímos, também, algumas partes do livro *Anunciando o*

Mistério de Cristo, publicado pela PUC-Campinas em 1991, em comemoração aos 25 anos de episcopado.

Portanto, o livro compreende escritos autobiográficos, pronunciamentos oficiais, cartas pastorais, palestras, retiros e homilias, poemas e reflexões versificadas, além do material colhido em entrevistas. As temáticas abrangem teologia, espiritualidade, pastoral, pedagogia, memórias pessoais, comentário de acontecimentos cotidianos e poesia.

Dom Gilberto é um autor prolífico. Escreveu bastante, mas quase sempre para atender às necessidades de seu trabalho pastoral. Daí seus textos possuírem o formato de homilias, pronunciamentos, palestras e retiros, além de algumas mensagens. A forma não limita, contudo, o conteúdo, que mostra riqueza e profundidade teológica e espiritual.

Com essas fontes, que livro pudemos elaborar? Não um escrito acadêmico, muito menos uma obra completa. São textos recolhidos pelo seu interesse temático e biográfico, que poderiam mostrar quem é Dom Gilberto, qual foi a obra pela qual tanto trabalhou. São também textos escolhidos pela sua forma viável: diversos textos foram recusados devido a seu caráter esquemático, já que eram roteiros para a fala. Boa parte dos textos não tinha qualquer data registrada. Por isso, algumas das datas indicadas foram inferidas das circunstâncias mencionadas. Inserimos algumas notas de rodapé, com o objetivo de facilitar o acesso dos leitores a certos fatos e a documentos mencionados.

A organização do livro é temático-cronológica. Divide-se em seções temáticas e dentro destas, os textos são dispostos em ordem aproximadamente cronológica. A primeira seção, *No Tempo de Deus*, contém textos autobiográficos; a segunda seção, *No Tempo da Graça*, apresenta um histórico da atuação episcopal de Dom Gilberto, enfatizando o período de Campinas. *No Tempo da Igreja* reúne textos de pregações, artigos, pronunciamentos e cartas pastorais. *No Tempo do Mundo* estão reunidos pequenos artigos e mensagens em que Dom Gilberto interpreta acontecimentos. A seção *No Tempo dos Jovens* congrega textos voltados para a educação, desde os tempos do Seminário Maria Imaculada, até sua atuação na PUC-Campinas. Uma preciosa coleção de textos teológicos e espirituais, que inclui dois retiros completos, integra a seção *No Tempo do Espírito*. *No Tempo da Vida* é uma seção dedicada a reflexões sobre pessoas e acontecimentos que marcaram a vida de Dom Gilberto. Algumas de suas mais belas e interessantes reflexões versificadas são aqui apresentadas. Por fim, o livro traz um breve acervo fotográfico, retratando aspectos da atuação de Dom Gilberto em Campinas.

Cumpramos mencionar que o tempo disponível para realização do livro foi muito curto: de agosto a outubro deste ano. Vêm daí algumas limitações: gostaríamos de fazer uma busca mais completa em seus pronunciamentos oficiais e artigos publicados; gostaríamos de ter feito revisão mais fina e exaustiva nos textos; gostaríamos de ter incluído numerosas informações que apareceram quando o livro já estava em publicação. Mas preferimos elaborar o livro possível para ser lançado nesta ocasião. As inevitáveis falhas correm por nossa conta.

Qual é o perfil de Dom Gilberto que emerge do livro? Sem dúvida, é o leitor é quem vai julgar. Em nossa opinião, os escritos desvelam, aos poucos, um ser humano com muitos talentos, humilde e sempre generoso em sua doação pessoal; um bispo sério e profundamente dedicado a seu ministério; um pastor humano e misericordioso; um mestre zeloso do desenvolvimento de seus pupilos; um cristão fiel e apaixonado por Jesus Cristo e pelo Evangelho; um homem que renunciou a projetos pessoais; doou sua vida ao serviço do Evangelho e deixou-se guiar pela mão de Deus; sobretudo, um homem que percorreu plenamente os caminhos que lhe foram dados e viveu intensamente a missão que lhe foi confiada.

Suas próprias palavras, espontâneas e profundas num poema despretensioso, nos auxiliam a compreender seu modo de ver a vida:

Se eu devesse escrever coisas sérias
 neste caderno,
 no dia de hoje um pensamento
 eu faria ficar registrado para sempre.
 Diria que é preciso agradecer sempre
 os dons do Senhor.
 Eu me recordaria do sol e da chuva
 que fazem crescer os frutos
 em Brodósqui.
 Eu diria com os meus caros amigos,
 em quinta-feira de passeio,
 uma prece, no meio do sol,
 oração espontânea no meio do campo
 sem respeito humano
 e com muita singeleza.
 Isto teria certamente o dom
 de agradar a Deus, Pai e Amigo,
 e seria ao mesmo tempo
 uma lição.
 Jamais esqueceriam de dizer –
 eu creio,
 uma oração de alegria e paz
 quando em outras circunstâncias
 ao Senhor deverão agradecer!
 (Paris, 31/1/62)

Gostaria, por fim, de registrar aqui alguns indispensáveis agradecimentos:

- A Dom Airton José dos Santos, Arcebispo Metropolitano de Campinas, que apoiou todas as etapas de seu desenvolvimento, inclusive prefaciando a obra;
- À PUC-Campinas, na pessoa de sua Magnífica Reitora, Profa. Angela Engelbrecht, que apoiou a realização do livro e da Semana Dom Gilberto, com o texto de apresentação do livro e hoje com sua honrosa presença;
- Ao Prof. Germano Rigacci Jr, que, liderando a equipe organizadora, orientou os trabalhos e confiou em nossa contribuição;
- Ao Pe. José Antônio Trasferetti, que não mediu esforços para obter materiais para o livro;
- Ao Padre Antônio Élcio de Souza – Reitor do Seminário Maria Imaculada – Brodósqui – que pesquisou e localizou textos publicados no extinto jornal Diário de Notícias;
- Ao Prof. Luiz Antônio Razera, responsável por diversas revisões, que executou com sacrifício de seu tempo e de seus finais de semana.
- Ao Arquivo Arquidiocesano, a quem agradecemos na pessoa do Pe. João Aparecido Passadore, que nos franqueou acesso a documentos e fotografias;
- Ao Setor Imprensa da Arquidiocese de Campinas, na pessoa do Assessor de Imprensa, senhor Wilson Cassanti, que nos cedeu algumas imagens presentes no livro;
- A toda a equipe do DCOM, a quem agradecemos na pessoa de seu coordenador, Alcino Júnior; neste agradecimento incluímos a Agência Desafio, cuja presteza em nos auxiliar tornou possível a finalização e impressão do livro no tempo necessário.
- A muitas outras pessoas que contribuíram indiretamente para que essa homenagem se tornasse possível.

- Por fim, nosso agradecimento especial a Dom Gilberto Pereira Lopes, que nos cedeu seus textos, seu acervo fotográfico, seu tempo (para entrevistas), autorizou a publicação desse material e que, por sua vida e trajetória pessoal, sua obra, seus ensinamentos, mas também por sua boa vontade em nos ajudar, inspirou e entusiasmou profundamente a todos os envolvidos na realização desse trabalho.

Desejamos a todos que a leitura desse livro também os inspire e anime, tanto quanto o fez à equipe organizadora.

4

DOM GILBERTO: PADRE E BISPO

DOM GILBERTO: PADRE E BISPO

Dom Guilherme Antônio Werlang

Bispo da Diocese de Ipameri

Bom dia a todos!

Quero saudar o Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Dom Airton José dos Santos: obrigado pelo convite. Juntamente com a Magnífica Reitora desta Universidade, Profa. Dra. Angela de Mendonça Engelbrecht, toda a Diretoria, os demais membros da Coordenadoria Geral, alunos, professores, familiares de Dom Gilberto e, muito especialmente, ao grande amigo que eu tenho há dezessete anos e meio. Para mim e para toda a Diocese de Ipameri ele continua sendo nosso pai. Com certeza é uma benção! É um fato inédito! Único talvez, ao menos na história mais recente do Brasil, a Diocese de Ipameri está em ano jubilar de 50 anos de criação. Vamos celebrar o encerramento do ano jubilar no dia 3 de dezembro, com a presença de Dom Gilberto Pereira Lopes. E nós temos, ainda, os dois primeiros bispos da diocese vivos e muito vivos: o Arcebispo Emérito de Campinas, Dom Gilberto Pereira Lopes, e o Arcebispo Emérito de Goiânia, Dom Antônio Ribeiro de Oliveira.

Procurei fazer alguns apontamentos sobre a trajetória de Dom Gilberto na Diocese de Ipameri e peço licença, primeiro, para dizer algo muito rápido sobre a Diocese de Ipameri, localizada no Sudeste de Goiás e criada aos 11 de outubro de 1966, pela bula de Paulo VI *“Animorum utilitate”*. A instalação da diocese ocorreu aos 6 de dezembro de 1966, com a presença do Núncio Apostólico da época, Dom Sebastião Baggio, e o Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes.

O Padre Gilberto Pereira Lopes, em 1966, ainda era Reitor do Seminário Arquidiocesano Maria Imaculada, em Portinari, Brodowski, da Diocese de Ribeirão Preto e, naquele ano, foi transferido para a Catedral da Arquidiocese de Ribeirão Preto. Um dos que era seminarista e foi o primeiro padre ordenado por Dom Gilberto, Joel Ferreira, disse que, entre os seminaristas se comentava sobre essa transferência e dizia-se que era porque ele logo iria ser bispo. E isso aconteceu ainda no mesmo ano. O então Cônego Gilberto Pereira Lopes foi nomeado Bispo Diocesano da recém-criada Diocese de Ipameri, aos 3 de novembro de 1966, pelo Papa Paulo VI. Ele foi sagrado bispo pelo Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio, aos 18 de dezembro de 1966, assumindo como lema de seu ministério *“Mysterium Christi Praedicare”* – Anunciar o Mistério de Cristo.

Dom Gilberto Pereira Lopes assumiu a nova Diocese do Divino Espírito Santo, em Ipameri, Goiás, como primeiro Bispo Diocesano aos 2 de fevereiro de 1967. Sua recepção calorosa aconteceu na divisa entre os municípios de Catalão e Ipameri, às margens do Rio Veríssimo, a aproximadamente 25 km da sede Episcopal. De improviso, espontaneamente, agradeceu a centenas de fiéis que se deslocaram para acolhê-lo. Lembrando que, na época, não havia asfalto, nem nada. E já naquele improviso ele falou uma frase que marcaria todo seu pastoreio na Diocese de Ipameri e, pelo que eu

pude ver aqui, agora, eu acho que ao longo de toda a sua vida, ele dizia, nessa fala: “A Igreja é o Povo de Deus”. Não sei se ele se lembra, mas tem quem se lembre: “A igreja é o povo de Deus”.

Certamente essa inspiração ele a buscou no espírito do Concílio Ecumênico Vaticano II, que havia sido concluído há menos de três meses e que resgatava essa dimensão da Igreja como Povo de Deus. Ao mesmo tempo, o clero, pequeno, mas que estava todo lá, a vida religiosa consagrada, que estava lá, e os leigos presentes, nessa sua afirmativa já tinham claro que seu primeiro Bispo seria um pastor nascido de uma Igreja que respirava o ar novo vindo do Concílio e todos já se sentiam convocados para a corresponsabilidade. Não seria mais só o Bispo ou só o clero, mas a “Igreja Povo de Deus”.

Todos se sentiram convocados para, juntos, abraçar essa nova Diocese de Ipameri, que foi desmembrada da Arquidiocese de Goiânia e se localiza no Sudeste Goiano, fazendo divisa com o Estado de Minas Gerais desde a Diocese da cidade de Paracatu até Araguari e Uberlândia. Toda a divisa de Minas Gerais, nessa região, faz parte do território da Diocese de Ipameri. Na época aproximadamente 23.000km². Hoje são 22.700 km², pois passou para Luziânia a parte de Cristalina.

A infraestrutura de toda a região era muito precária, especialmente as estradas que, praticamente, não existiam. Eu fui trabalhar em Goiás, em 1982, e ainda peguei a situação de que ou atolávamos na areia, no tempo da seca, ou atolávamos no barro, no tempo das chuvas. E isso era em 1982, imaginem em 1967. Diante dessa precariedade de comunicações, porque telefone às vezes na cidade, quando tinha, tinha um telefone público. Diante disso tudo o trabalho de Dom Gilberto começou a se destacar.

Ele investiu logo de imediato. Ele priorizou a formação dum laicato atuante, com muitos cursos de formação bíblica, catequética e compromisso social. Ele trouxe vários biblistas, exegetas e diversos outros doutores que passavam semanas de formação para os leigos e para o clero. Desde logo, deixou transparecer sua simplicidade e frugalidade no viver, no diálogo amigável e agradável, com todos, sem fazer distinção de pessoas. A hospitalidade em sua residência era sem protocolos, logo, granjeou a simpatia do clero, da vida religiosa e do povo e criou laços de amizade que se estendem até os nossos dias. Até hoje, quando eu anuncio a presença de Dom Gilberto em Ipameri, o povo de várias cidades acorre para saudá-lo. E as novas gerações, que são filhos ou netos daqueles que o acolheram às margens do rio, vêm a Ipameri para conhecer este primeiro Bispo da Diocese que tanto marcou e marca a nossa história.

Dom Gilberto, além de formar a nova Igreja particular no aspecto religioso e espiritual, também criou toda uma infraestrutura sólida de administração. Comprou, em Ipameri, um colégio das irmãs religiosas, assim que elas manifestaram a necessidade de fechar o único internato que havia no interior goiano. Logo, o adaptou para um Centro de Formação Diocesana, construiu a Cúria Diocesana, residência episcopal, iniciou a construção do seminário e diversas outras necessidades para uma boa administração e gestão.

A nova Diocese contava, quando ele chegou, com dois padres diocesanos e alguns franciscanos e beneditinos. Assim, ele assumiu, em fevereiro de 1967. E em

junho, ele enviou o Padre Edmundo Tonon para Vicenza, na Itália, e ele próprio foi aos Estados Unidos buscar mais clero diocesano. O mesmo fez no Brasil, em Caxias do Sul, RS. Nas três empreitadas foi abençoado e bem-sucedido de forma que logo conseguiu formar um clero de oito padres diocesanos e mais os religiosos.

Como a nova diocese contava com a presença de diversas congregações religiosas femininas, confiou algumas paróquias ou municípios aos cuidados da pastoral para essas irmãs, o que era algo totalmente inédito. Dom Gilberto encontrou uma Igreja de uma pastoral tradicional, bastante tridentina, o que era normal. Ao mesmo tempo, porém, essa Diocese respirava já um ar de renovação e uma sede daquele ar novo que o Papa João XXIII dizia advindo do Concílio Vaticano II.

Assim, proporciona oportunidades de muita formação bíblica, teológica e social aos Movimentos históricos da Igreja, como o Apostolado da Oração, Congregações Marianas, Vicentinos, Irmandade do Santíssimo, Irmandade do Rosário e ainda traz o Cursilho de Cristandade para os casais e o famoso antigo TLC – Treinamento de Liderança Cristã para os jovens. Investe muito na juventude, na catequese e na família. Realiza semanas intensivas de formação para leigos, clero e vida religiosa. Uma das marcas maiores que Dom Gilberto deixa na Diocese de Ipameri são as Comunidades Eclesiais de Base. As CEBs de Goiás, Brasília e de Tocantins têm seu início nessa nova Diocese de Ipameri e, daí eles partem para as outras dioceses.

Hoje, 50 anos depois de sua chegada, as CEBs são como que se fossem o braço da Diocese ou uma das faces mais fortes dessa Igreja particular de Ipameri.

Nenhuma assembleia diocesana, até hoje, deixou de dar destaque a essa opção e a esse jeito de ser Igreja. Por meio da formação e da CEBs, Dom Gilberto pôde transformar uma Igreja de eclesiologia tridentina para seu sonho de uma Igreja “Povo de Deus”. Como a Diocese é criada em tempo de conclusão do Concílio Vaticano II, de Medellín, opção pelos pobres e tudo isso em pleno regime militar ou se quisermos, de ditadura.

É evidente que o novo Bispo também sofreu muitas dificuldades nesse campo de relação com os militares. Tanto sofreu dificuldades dentro da igreja quanto fora da igreja. Até a residência episcopal foi, por algum tempo, cercada pelo quartel e, diversas vezes, Dom Gilberto teve de se humilhar, especialmente à noite, para retornar à sua própria residência. Nada o amedrontou.

Sempre preocupado com os pobres, a quem dedicava atenção especial, Dom Gilberto criou a Ação Social Diocesana, com cursos profissionalizantes e creches. Dom Gilberto, sempre inspirado nos documentos conciliares e fiel a Medellín e às orientações da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), conseguiu realizar ainda duas assembleias diocesanas: a primeira foi realizada em 1972 e nela define o rosto da Diocese quando assume o tema “Evangelização e Promoção Humana” e as prioridades escolhidas para a Diocese foram CEBs, catequese, liturgia, juventude e vocações. Em 1974, ele realizou a segunda assembleia diocesana com o tema: “Igreja Povo de Deus, Igreja sinal do Reino”. Nesta, reafirmou a evangelização e a promoção humana e destacou ainda mais as CEBs como rosto dessa igreja particular confiada ao seu pastoreio.

Ainda em 1974, Dom Gilberto teve a graça de ordenar os dois primeiros padres diocesanos, ainda formados na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, no Ipiranga, em São Paulo. E eu recorri a um desses padres, Padre Joel Ferreira, para que me ajudasse a pegar esses pontos principais e essa sua primeira frase nas margens do Rio Veríssimo.

Se a sua chegada a Ipameri foi aguardada com ansiedade e recepcionado de forma festiva até com muitos fogos de artifício, o povo lá faz um foguetório, sua despedida foi uma mistura de sentimentos de dor, perda, tristeza, mas também de louvor, reconhecimento, gratidão, amor indissolúvel como é o primeiro amor e ação de graças a Deus.

Dom Gilberto, nós o cedemos para vocês um pouco, mas ele é nosso. Eu estou em Ipameri há 17 anos e todos os anos ele me visita, visita os amigos, os filhos dos amigos. Dom Gilberto até hoje tem sua marca indelével no coração da Diocese de Ipameri e é em nome dessa Diocese que venho participar desta merecida e justa homenagem que a Arquidiocese de Campinas e a PUC-Campinas lhe prestam nesse seu Ano Jubilar de Ouro. E não é só de ouro por causa dos 50 anos, mas é um Jubileu de Ouro por tudo que o senhor significa na Igreja e na sociedade e nos 75 anos da fundação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Eu tenho o prazer de sucedê-lo como 4º Bispo Diocesano e de sempre partilhar tanto do jogo do truco (quando ele vai lá em casa, não tem como faltar o truco, e ele é o meu companheiro; quem quiser perder pode ser adversário, se não for assim, nós não somos jogadores) quanto das conversas agradáveis que ele mantém com todo povo, da pregação que ele faz na nossa Catedral, da orientação que ele dá aos nossos seminaristas mais novos. Quando ele chega, ele está 24 horas à disposição. E assim, o que eu já fiz em particular eu faço agora em público, convidá-lo para celebrar o encerramento do Ano Jubilar, dia 3 de dezembro, na Catedral do Divino Espírito Santo de Ipameri.

Dom Gilberto, nossa gratidão! Parabéns! Muito obrigado!

DOM GILBERTO: PADRE E BISPO

Padre Antônio Elcio de Souza (Pitico)

Reitor do Seminário Maria Imaculada

Saudações

Ao Grão-chanceler, Dom Airton, Arcebispo de Campinas

À Reitora da PUC, Dra. Angela.

Ao homenageado, Dom Gilberto Pereira Lopes.

Aos bispos, presbíteros, professores, alunos e todos os presentes!

Quero expressar a minha alegria em poder estar participando deste momento de comemoração de fundação da PUC-Campinas e também da digna homenagem a Dom Gilberto. É com gratidão que na função de reitor do Seminário Maria Imaculada da Arquidiocese de Ribeirão Preto, situado em Brodowski, expresso a gratidão de nossa Arquidiocese pelo serviço, pelo testemunho e dedicação do então Cônego Gilberto Pereira Lopes para com a nossa Arquidiocese de Ribeirão Preto, nos diversos serviços que ele exerceu desde sua chegada em 1955 até a sua nomeação episcopal em 1966. Dentre as atividades se destaca, sem dúvida, o período em que foi reitor do nosso Seminário (1957 a 1966).

Apresento nesta homenagem alguns elementos que fui recolhendo dessa passagem, sobretudo no seminário. Registros encontrados no Museu Dom Arnaldo Ribeiro de nosso Seminário Maria Imaculada.

O primeiro registro, a ficha-prontuário do Cônego Gilberto Pereira Lopes onde encontramos os seguintes dados:

Pai: Salustino Lopes de Souza

Mãe: Alice Pereira de Souza

Paróquia de nascimento: Santa Luzia, diocese de Salvador.

Data de nascimento: 14/02/1927, **batizado** em 27/03/1927

Seminário Menor em Petrolina/Pernambuco

Seminário Maior em Olinda / Pernambuco

Ordenação sacerdotal em 04/12/1949 (Bispo que o ordenou Dom Avelar Brandão Vilela) no livro de ordenação Petrolina/Pernambuco.

Ordenação Episcopal: 18 de dezembro de 1966, das mãos do Núncio Apostólico Dom Sebastião Baggio. Foram co-sagrantes Dom Fernando Gomes e Dom David Picão. Seu lema é "*Mysterium Christi Praedicare*" (Anunciar o Mistério de Cristo).

Atividades:

Dom Gilberto foi Vigário cooperador da Catedral de Petrolina-Bahia; Vigário Ecônomo da Catedral de Petrolina-Bahia; Chegou em Ribeirão Preto em 1955 e foi Vigário Cooperador da Catedral de Ribeirão Preto, Reitor do Seminário Arquidiocesano (Brodosqui). Agosto de 1966 Cura da Catedral Metropolitana.

Em outra anotação, encontramos alguns *dados biográficos*: “Desde que veio para esta Arquidiocese em 1955 colaborou no Diário de Notícias escrevendo artigos sobre religião, questão social e outros assuntos ocasionais.”

Como escritor do “Diário de Notícias” que era o jornal da Igreja Católica e principal meio de comunicação da época em Ribeirão Preto. O Côn. Gilberto tinha uma coluna diária chamada “Notas Avulsas”, que assinava “G. Lopes”, em que comentava questões diversas, com um olhar bastante aguçado, poderíamos dizer já no espírito nascente do Concílio procurando “ler os sinais dos tempos” e oferecendo uma ferramenta importante para os leitores da época. É preciso destacar que escrever diariamente naquele período, não era uma tarefa fácil, não tínhamos o computador! Desse período se registram muitas pérolas do literário Dom Gilberto, pela facilidade e delicadeza com que brinca com as palavras.

Cônego Gilberto Lopes foi nomeado reitor no dia 07 de janeiro de 1957 e tomou posse no dia 28 de janeiro, permanecendo até 1966. Deste período se ausentou para realizar um curso na França, assim encontramos no Livro Tombo do Seminário: “14/10/1962 – depois de um ano e quatro dias de ausência, por motivo do curso de Psicologia do adolescente, realizado na França a mandato de Dom Luís Do Amaral Mousinho.”¹

Na referida anotação sobre os dados biográficos lemos:

Obteve bolsa do Instituto Católico de Paris e durante três anos fez um curso brilhante sobre a função do Reitor no Seminário e no fim apresentou uma tese sobre “Psicologia” do Adolescente que mereceu excelente classificação. Participou, apresentando estudo, da Comissão do Seminário do CELAN em Bogotá.

O *Diário de Notícias* publicou um artigo do Sr. Ademaro Prezias, pai de um seminarista da época, Benedito Prezias, em 01/10/1961, em faz considerações sobre o novo Seminário em Brodowski e relata a preocupação de Dom Luís com a equipe de formadores do Seminário:

D. Luís não só cuidou da parte material. Deu-lhe, igualmente, sob a direção do Côn. Gilberto Lopes, um escolhido corpo docente. Arejado, culto e capaz. Integrado na nova pedagogia delineada por Pio XII na encíclica “Menti Nostrae” que visa dar aos Seminários, quanto possível, uma vida normal, alegre e esportiva, num ambiente são e sereno.²

Na verdade, o documento citado é uma *Exortação Apostólica ao clero do mundo católico sobre a santidade da vida sacerdotal* (23/09/1950) que certamente iluminou a fala de Dom Luís Mousinho sobre o que ele deseja sobre o seminário.

Os elementos apresentados no texto chamam a atenção e nos ajudam a compreender a chamada “nova pedagogia” empregada na formação. Assim como, o artigo de Dom Luís no *Diário de Notícias* com o título “Seminário Alegre” em que lemos:

O novo seminário é o maior patrimônio espiritual e material da Arquidiocese. É o coração mesmo da Arquidiocese. É o penhor da sua própria duração no tempo e espaço. Dele sairão em breve os mensageiros de Deus, hóspedes de Cristo. Por isso, todos os sacrifícios espirituais – que foram inúmeros e grandes – expedidos na sua construção, terão recompensas divinas de vida eterna [...] Trata-se de um internato que deseja ser modelo para trezentos alunos. E já no próximo ano receberá mais de 150 [...] houve em tudo uma preocupação máxima: *propiciar aos adolescentes e jovens ambiente adequado para o seu crescimento normal: ao desenvolvimento*

¹ Cf. Livro Tombo do Seminário Maria Imaculada.

² Pe. Francisco de Assis Correia. *História do Seminário Arquidiocesano Maria Imaculada de Ribeirão Preto*, p. 63.

*integral, humano-cristão, de suas personalidades. A forte mensagem da capela marcadamente comunitária, indigita claramente e caracteriza a pedagogia da casa. Cada aluno deve crescer conscientemente, livremente, generosamente. Deve 'assumir' sua própria formação, debaixo da orientação amiga, sábia, prudente e paternal (não paternalista ou ditatorial) dos superiores. Estes, pensando e agindo sempre em equipe cuidarão de integrar todas as atividades do Seminário numa profunda ascese comunitária sobrenatural. Nada, pois, de automatismos rotineiros, despersonalizantes e prejudiciais. O cristão autêntico e santo supõe o homem realizado no plano natural. E o sacerdócio, por sua vez, exige o cristão já realizado pela graça e pelo próprio esforço. Daí o ambiente alegre e otimista que o Seminário deve oferecer aos jovens, na convicção de ajuda-los a ser sadios, felizes e santos.*³

Essas palavras sem dúvida podem ser atribuídas a Dom Gilberto na condução da casa de formação e na implantação da “nova pedagogia”, pois, por esta pratica se tornou tão querido por parte dos seminaristas da época, foi possível coordenar uma equipe de formadores que na colegialidade exerceram com maestria a tarefa de formar (educar).

Esses foram alguns elementos que julguei relevantes para esse momento. Mas, gostaria de relatar também o que pude sentir dos diversos encontros de ex-alunos desde 1995 quando iniciamos esses encontros, o sentimento e as falas dos ex-alunos quando se referem a Dom Gilberto. A marca que ele imprimiu no coração de todos esses jovens, hoje pais de família, avôs, aposentados, bem formados... e que agradecem profundamente à Igreja pela formação recebida.

Na expressão deles: “o Reitor”, Dom Gilberto. Permitam-me descrever uma cena que presenciei quando fizemos uma surpresa aos participantes (ex-alunos), quando divididos em turmas por ano de entrada no seminário com as portas fechadas, fui entrando de sala em sala, com Dom Gilberto e eles quando o viam colocavam-se de pé, postura com que acolhiam o grande reitor da vida deles! Sorrisos, acolhidas, lágrimas, muita emoção que todo esse tempo não apagou na vida desses homens que ainda hoje narram muitas histórias.

Histórias do grêmio estudantil, dos times de futebol, das viagens, dos passeios de férias, das apresentações teatrais, musicais que nosso belo anfiteatro (hoje abandonado).

Uma das impressões registrada em uma carta do encontro de 2011: “Em 2011, Dom Gilberto presidiu a eucaristia e abordou na oportunidade o método utilizado na formação dos seminaristas, método bastante personalizado e que foi revolucionário naquela ocasião.” (Pe. Bragheto, Arquidiocese de São Paulo)

Em 20 de agosto de 1966 tomou posse o novo reitor Cônego Horácio Longo. Em 21 de agosto às 19h em celebração presidida pelo Arcebispo, foi a posse de Cônego Gilberto como Cura da Catedral e contou com a presença de todos os seminaristas.

Assim está anotado no Livro Tombo do Seminário:

No dia 04 de novembro de 1966 nomeação do novo bispo Côn. Gilberto Lopes, ex-reitor do seminário e atual Vigário Ecônomo da Catedral, na recém-criada diocese de Ipameri no estado de Goiás, desmembrada da arquidiocese de Goiânia. Foi reitor do seminário desde 28 de janeiro de 1958, quando sucedeu o Côn. Silvio Mattos. O seminário portanto se rejubila por ter seu reitor elevado à dignidade episcopal.

Apresento também algumas fotos dos encontros dos ex-alunos no Seminário Maria Imaculada da Arquidiocese de Ribeirão Preto em Brodowski – SP e a capa do livreto de ordenação episcopal de dom Gilberto, que se encontra no nosso museu.

Assim, espero ter colaborado com essa semana de homenagem a Dom Gilberto, sendo essa minha apresentação um grande “**obrigado!**” por todo bem que esse “eterno reitor” do

³ Ibidem, p. 67-68.

Seminário Maria Imaculada semeou naquelas terras descritas por Dom Luís Mousinho como “fresco e belo planalto de Brodósqui, onde sentiremos também mais perto do Deus que habita nas alturas”⁴. Um patrimônio que até hoje inspira muitos, dada a riqueza ali semeada.

Obrigado a todos! Obrigado especialmente ao senhor Dom Gilberto!!!

⁴ Ibidem, p. 54.

75 ANOS DA FUNDAÇÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS – HOMENAGEM A DOM GILBERTO PEREIRA LOPES

Pe. José Donizeti de Oliveira

Bom dia!

Sou o Pe. José Donizeti de Oliveira, conhecido por Pe. Dony, tenho quase 32 anos de Sacerdócio, estou na Paróquia de Santo Antônio de Pádua, em Itirapina, Diocese de São Carlos.

Saúdo o Sr. Arcebispo Metropolitano, Dom Airton José. Aproveito-me do ensejo para agradecer-lhe, publicamente, a transição serena e eficaz que fez, como Administrador Apostólico, enquanto nossa Diocese de São Carlos esteve como Sé Vacante até a chegada do novo Bispo, Dom Paulo Cezar Costa.

Saúdo a Prof^a. Dr^a. Sra. Angela, Reitora da PUC, e na sua pessoa, saúdo todo corpo administrativo, docente, discente, bispos, padres, religiosos e religiosas, a equipe de coordenação deste evento e funcionários.

Saúdo Rosélia, sobrinha de Dom Gilberto, e na sua pessoa, saúdo todos os familiares.

Saúdo Dom Gilberto, Metropolita Emérito, meu querido amigo-irmão, de tantas horas e homenageado neste evento.

Quando o Pe. José Antônio Trasferetti me ligou convindo para estar neste magnífico ato de homenagem... perguntei-lhe: O que deverei falar? Respondeu-me: O que disser o seu coração!

Neste momento histórico – 75 anos da fundação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – estão sendo homenageados os Arcebispos que fundaram esta honrada Instituição Acadêmica Católica, que cumpre sua função perante a sociedade civil, e cuidaram, com zelo e esmero.

Convidado por esta nobre Instituição, para aqui estar, neste lugar privilegiado e fazer uso da palavra, com certeza é uma honra. Porém, dado à grandeza dos eventos celebrados, falar deste grande Homem e Arcebispo Emérito de Campinas, Dom Gilberto Pereira Lopes, meu amigo-irmão do coração é uma grande alegria.

Creiam que estou bastante temeroso e tenso, quanto à magnitude e à responsabilidade de falar num evento como este. Por muitos dias fiquei pensando sobre a escolha: Por que eu? Por que sou amigo-irmão de Dom Gilberto? Por que estudei na PUCCamp? Fiquei me questionando: Por que eu? Há tantas pessoas mais cultas e bem preparadas para fazer uso da palavra? Creiam que nenhum assunto relativo a Dom Gilberto se esvazia... em poucas palavras... nem mesmo neste evento... Também não pretendo reunir provas sobre a vida de Dom Gilberto, para que o Sr. Arcebispo, Dom Airton José, possa dar início ao seu processo de canonização...

Começo falando do...

Seminarista Gilberto x Família

Quando ainda seminarista, Gilberto fez férias com sua família. Lembremos que, na época, férias... somente uma vez ao ano. Seu pai era proprietário de um pequeno sítio, numa cidadezinha próxima de Petrolina – PE.

O pai e um compadre tinham o costume de caçar tatu, em noite de lua cheia. Sr. Salustino, pai de Gilberto, tinha um cachorro de estimação chamado “Boto”. Certa vez, Gilberto quis acompanhar o pai e o compadre na aventura de caçada ao tatu.

O Boto ia à frente, farejando, e começava a latir, indicando que lá estava o pobre bichinho para a mira dos caçadores. Chegando ao local, lógico, o tatu já havia cavado sua toca de esconderijo. Logo foram tomando das ferramentas: picareta, enxada e pá e se puseram a cavar a toca do tatu em busca do bichinho. O Boto, enquanto a equipe de caçadores cavava o chão atrás do tatu, saía em caçada para ver se encontrava outro pobre animalzinho... Os caçadores, depois de apanharem o tatu, sacrificaram-no, e, felizes, voltaram para casa, esquecendo o enxada junto à toca do tatu.

A Sra. Alice, mãe de Gilberto, cozinheira “mão de fada”, preparara o prato exótico no capricho, com vários condimentos, deixando-o saborosíssimo. Todos se deliciaram até lamber os beiços.

Com toda a festa... não deram conta de que o Boto não havia voltado com eles. Passaram-se três dias... e nada do cachorro voltar... Boto era um cão muito estimado por toda família... então, tomaram a decisão de voltar ao cerrado à procura do Boto... Quando chegaram ao lugar da toca, onde havia caçado o tatu, estava lá o cão guardando o enxada que havia sido usado na caçada... talvez, à espera do seu dono... O Sr. Salustino, ficou emocionadíssimo ao ver a fidelidade do cão ao seu dono, e exclamou: “Boto, de hoje em diante, você passará a ser chamado ‘Botolino Maçaranduba de Almeida’”. O Sr. Salustino era um homem porreta, arretado... até nome no cachorro ele colocou.

Pretendo limitar a minha fala entre os anos 1981 a 1988. Dentre os anos 1981 a 1984, fui estudante do Curso de Teologia. De 1985 a 1988, fui Diretor Espiritual na Casa de Formação Teológica São Carlos, onde pude, como aluno ouvinte, frequentar algumas aulas juntamente com os seminaristas. Fui aluno da 4ª turma desta Faculdade de Teologia, dentro da Universidade Católica.

Creio que seja do conhecimento de todos que nossa Faculdade de Teologia – dentro da PUCCamp – nasceu num período de muitas esperanças e conflitos, tanto para a Sociedade Civil, como para a Igreja da América Latina. Estávamos vivendo o período da Ditadura Militar – momento assombroso e trágico para os brasileiros. Víamos professores e alunos, adultos e jovens, tantas pessoas desaparecerem... Saíam para lecionar ou estudar e não voltavam mais... Quantas pessoas de bem desapareceram... O regime ditatorial dos militares era perverso e cruel; tudo era controlado; as milícias estavam em todos os lugares, até mesmo disfarçadas, lobos em pele de cordeiros...

As pessoas estavam sufocadas pelo regime vigente; começavam a tomar consciência de *seu papel de sujeito da história*, e os movimentos populares emergiam dos mais diversos segmentos, com consciência e força para lutar... Naquele momento, significativo acontecimento: a Anistia. O povo organizado saía às ruas e pedia que ela fosse ampla e irrestrita. Dessa luta organizada culminou depois “Diretas já!”. Era o momento da grande inspiração e aspiração à transformação da sociedade e alcance da tão sonhada liberdade.

Estávamos também vivendo *as delícias do Concílio Vaticano II...* aos poucos, tudo ia se renovando na Igreja... para o bem dos fiéis. Depois do Concílio Vaticano II veio o Encontro de Medellín que impulsionava *nova esperança* à Igreja da América Latina – grandes movimentos de cristandade espalhavam-se em vários níveis: Cursilho, PLC, TLC, COR e tantos outros... Esses movimentos ajudaram a descobrir muitas lideranças... que viviam no anonimato... tão importantes para a vida da Igreja.

Nascia do chão, da realidade sofrida de nossa gente, uma nova Teologia... *chamada Teologia da Libertação*. Os movimentos populares cresciam e esperavam da Igreja uma

posição clara e objetiva de apoio. *As Comunidades Eclesiais de Base vão ser lugar de acolhida e organização, à luz da Palavra de Deus*, alcançando uma resposta às muitas indagações de nossa gente... Tempo de recuperar o perdido: a Bíblia é devolvida para as mãos do povo... ressurgem o *Profetismo* com grande força e entusiasmo... o anúncio do Evangelho explode em alegria... os Mártires regam com seu sangue a *"Semente da Esperança"* da Vida Cristã... confirmam nossa Fé e nossa Vocação à Santidade pelo Testemunho.

No meio deste emaranhado de situações, havia muitas esperanças e conflitos... os quais mais recentemente nossos Bispos, em Aparecida, no V Encontro da América Latina e Caribe, chamaram de "luzes e sombras". O encontro em Puebla foi decisivo para a América Latina, quando a Igreja fez sua escolha: *"a opção preferencial pelos pobres"*, direcionando sua caminhada pastoral.

Os Bispos da Província Eclesiástica de Campinas, hoje, Sub Regional Sul 1, estavam em meio a estas esperanças e conflitos, luzes e sombras que atravessavam o nosso País e a própria Igreja na América. Porém, eles estavam unidos *pelo sinal da UNIDADE e da COLEGIALIDADE*. Não podemos nos esquecer de que foi em meio a este emaranhado de situações que os Bispos da Província fundaram a Faculdade de Teologia, na PUCCamp, *tendo à frente este grande Homem e Arcebispo, hoje emérito, Dom Gilberto Pereira Lopes*, que ora está sendo homenageado, *com reconhecido merecimento*.

Dom Gilberto sempre foi e é essa pessoa de temperamento forte e explosivo. Porém, sabia o que queria... cheio de fé, inteligente, capacitado, sábio, de uma visão ampla e extraordinária, era e é possuidor de um discernimento ímpar. Os Bispos da *Província o apoiavam e confiavam em seu bom senso prático*. Vale a pena lembrar os Bispos que o encorajavam nas horas boas e difíceis, quando era obrigado a tomar posições lúcidas para o bem da Igreja: Dom Eduardo Koaik – Piracicaba, Dom Constantino Amstalden – São Carlos; Dom Tarcísio Ariovaldo Amaral e Dom Fernando Legal – ambos de Limeira. Entre esses Prelados predominavam a UNIDADE e a COLEGIALIDADE, *promovida pela confiança transmitida por Dom Gilberto, tão nítidas e palpáveis*. Assim, Dom Gilberto pode governar com garra e determinação.

Era notável uma clara distinção entre as Dioceses e os Seminaristas que vinham estudar na Faculdade de Teologia, cada qual revelando sua tendência: conservadora, de centro ou progressista. Era normal que, naquele tempo, existissem até mesmo conflitos e crises de identidade. Era preciso dar uma resposta às mudanças, à radicalidade de uma opção preferencial aos pobres, escolhida e aprovada pela Igreja da América Latina, em Puebla.

Era preciso libertar-se do "romanismo" que impregnava a alma cristã e do "tridentinismo" exagerado de muitos, que fazia o povo se afastar da Igreja e não se interessar mais por ela. Parece que não, mas havia inúmeros conflitos...

Os resultados das aulas de Teologia chegavam aos Bispos, muitas vezes de formas distorcidas. Porém, o que mais valia entre os nossos Bispos *era UNIDADE e COLEGIALIDADE*. Por isso, havia respeito e credibilidade entre eles e seriedade no discernimento entre as Dioceses.

Dom Gilberto, baiano por natureza, pernambucano por condição, goiano por missão e paulista por escolha, missão e de coração, desconfiado e perspicaz, *soube escolher professores*: homens convictos de fé, bem preparados, capacitados, inteligentes e que davam testemunho na prática de vida, daquilo em que acreditavam e ensinavam nas aulas.

Vale a pena ressaltar estes ilustríssimos Professores que para mim são uma espécie de "ídolos" até hoje:

- Pe. Benedito Ferrado, Professor de Cristologia
- Pe. José Benedito de Almeida David, Professor de Teologia da Revelação

- Pe. José Maria Frutuoso Braga, Professor de Teologia Moral
- Pe. Luiz Roberto Benedetti – Professor de Sociologia das Religiões
- Pe. Ermilo Preto – Professor de Teologia da Graça
- Pe. José Pegoraro – Professor de Direito Canônico
- Pe. João Resende Costa – Professor de Eclesiologia

Homens/Padres/Professores que merecem nosso respeito e gratidão... Que imprimiram caráter indelével na vida e ministério de cada aluno para o bem da Igreja. Sugestão: Por que não organizar uma galeria de fotos destes homens para serem lembrados para sempre pelos alunos que passarem pelo Curso de Teologia? A sociedade campineira conservadora e, porque não dizer, de algumas autoridades eclesiais que assombavam nossos estudos, com críticas ferozes e infundadas, taxando a Faculdade de Teologia de ensinar seus alunos a ser Comunistas.

Aqui, neste contexto, vale ressaltar alguns nomes de alunos de linha de frente que nos ajudavam com reflexões e até com manifestos públicos em jornais, contra a ignorância dessas pessoas, que não conheciam o Curso de Teologia. Ouviam a esmo e tinham prazer de acusar o Curso sem compaixão ou piedade. Lembro, aqui, de momento, de alguns alunos que faziam a diferença:

- José Antônio Trasferetti,
- Jadir de Morais Pessoa,
- Cláudio Zaccaria Menegazzi,
- César Aparecido Nunes,
- Edelson Soller
- Pedrinho Catanelli,
- Márcio Roberto Tangerino,
- Geraldo Corrêa...

Quantas esperanças e quantos conflitos, luzes e sombras!!!... E a nossa Faculdade de Teologia subsistiu! Graças a Deus!

Resta-nos agradecer a Dom Gilberto Pereira Lopes e aos nossos saudosos Bispos, que já foram lembrados, pelo modo indiscutível que viviam a UNIDADE e a COLEGIALIDADE.

Se tivesse sido péssima e comunista, nossa formação na Faculdade de Teologia na PUCCamp, daquele tempo, não teria dado bons Bispos à Igreja:

- Dom Sérgio, Bispo de Araçatuba;
- Dom Francisco Carlos, Bispo de Lins;
- Dom Luiz Gonzaga, Bispo de Amparo;
- Dom José Reginaldo, Bispo de Jales;
- Dom Moacir, Bispo da recém-criada Diocese de Votuporanga;
- Dom José Carlos Cabral, Bispo de Almenara – MG;
- Dom Sérgio da Rocha, Arcebispo de Brasília, atual Presidente da CNBB, e, agora, Cardeal do Brasil...

todos formados naquele momento histórico, *pelos professores aqui lembrados, sob a direção de Dom Gilberto Pereira Lopes.*

Dom Gilberto, o senhor é *O Homem Arcebispo!* O senhor não só promoveu a UNIDADE e a COLEGIALIDADE entre os Bispos e as Dioceses da Província, *mas promoveu, na Arquidiocese de Campinas, a partir das bases eclesiais, nas paróquias, nas regiões ou foranias, estudos e reflexões dos Documentos Oficiais da Igreja, principalmente os da CNBB, chegando às Assembleias Diocesanas, buscando ouvir o clamor de nossa gente, até chegar ao Plano de Revisão Ampla.*

Era aqui, na Arquidiocese de Campinas, que nossos Bispos buscavam suas inspirações, bebiam na fonte inspiradora, reproduzindo as experiências aqui já vividas, e passaram a dar rosto e identidade às suas Dioceses. Bons tempos de sonhos e lutas, tempos que nos deixaram saudade!

Lembro, Dom Gilberto, que o senhor nos apoiava e nos deixava livres, como alunos, porque acreditava em nosso potencial, para organizarmos as Semanas Teológicas... tão ricas e tão participadas! Era-nos concedido o direito de escolher professores renomados, como: Juan Luiz Segundo, Leonardo Boff e outros, para virem falar conosco e com os Padres... e, à noite, com os agentes de pastorais e líderes dos movimentos sociais. Quanta riqueza!

Dom Gilberto, parece-me que esta citação bíblica da Carta aos Romanos, capítulo 4º, cabe muito bem em favor de seus méritos. Diz o texto: “Em virtude da justiça e da fé [...] (Rm 4,13), [...] esperando, contra toda a esperança, Abraão teve fé, e Deus acrescentou bênção em sua vida [...] (Rm 4,18). [..]. Ante a promessa de Deus, ele não vacilou, não desconfiou, mas conservou-se forte na fé e deu glória a Deus” (Rm 4,20). Creio que, neste momento, todos nós, unidos à sua pessoa, damos graças a Deus, porque, em virtude da sua justiça e da sua fé, esperando, contra toda a esperança, o senhor não vacilou, conservou-se firme na fé e na esperança.

Lembro-me de que o senhor permitiu, depois de a Província Eclesiástica ter decidido de cada Diocese construir sua própria Casa de Formação Teológica, que um grupo de seminaristas da Arquidiocese fosse residir, numa experiência inédita de Comunidade de Formação, no meio da favela. Grande foi seu coração, muito maior seu amor por Jesus e pela Igreja. O seu coração de Pastor, hoje, merece, de todos nós, um grande beijo de reconhecimento e de gratidão!

E antes de concluir as minhas palavras, desejo-lhes contar alguns momentos da vida do Pe. Gilberto. Há sete anos, aproximava-se o seu Jubileu de Diamante – 60 anos de Ordenação Presbiteral, Dom Gilberto, então, fazendo uma revisão de sua vida presbiteral, lembrou de alguns fatos dentre tantos... Alguns marcaram profundamente sua Vida e seu Ministério. Quero lhes narrar apenas dois, que assim os intitulei:

Jovem Padre X Jovem Enfermo

Pe. Gilberto, recém-ordenado, ainda um tanto temeroso, foi chamado para conferir a Unção dos Enfermos a um jovem bastante doente. Chegando à casa do enfermo, cumprimentou e estabeleceu uma pequena conversa com a família, como é costume os Padres fazerem.

O jovem estava acamado, porém, muito lúcido. Quando viu o Padre manifestou grande alegria, dizendo: “Esperava muito por este momento, por esta graça: receber o representante de Jesus em minha casa”. Depois o jovem fez uma belíssima confissão de seus pecados e foi ungido com o Óleo Santo.

O Pe. Gilberto, como era costume na época, dirigiu-se ao jovem, até com certa insistência: “Você está disposto a fazer a vontade de Deus? Você está consciente de que a vontade de Deus irá cumprir-se em sua vida”? Sorrindo, o jovem lhe respondeu: “Sim, Padre! Estou consciente, é o que mais quero: fazer a vontade de Deus e vê-la se cumprir em minha vida”.

Tendo respondido às perguntas do Padre: O jovem sorriu feliz e contente para o neossacerdote, Gilberto, pelas graças de Deus terem se manifestado em sua vida... Despediu-se, fechando os olhos para este mundo de sofrimento, dor, lágrimas e desilusões e feliz os

abriu para a eternidade. Concluiu Dom Gilberto: “Grande graça de Deus foi essa para mim, jovem Padre recém-ordenado!”

Pe. Gilberto X Sertanejo Moribundo

O Pe. Gilberto foi chamado para visitar um doente, no sertão de Pernambuco. O enfermo era um sertanejo muito estimado, que serviu à sua Comunidade com zelo e muito amor.

A Paróquia onde ele servia não tinha Padre residente. Por muitos anos aquele sertanejo foi quem animou a evangelização e a catequese, zelou pelos movimentos de cristandade e cuidou dos emolumentos da Igreja. Era um homem muito simples, mas fiel e temente a Deus. Porém, o câncer que o havia acometido consumiu parte da carne do seu rosto, deixando exposta a arcada dentária.

Pe. Gilberto, jovem Padre, chegou feliz e contente, mas, quando se deparou com aquela realidade, começou a passar mal. Mesmo assim, reuniu força e conferiu os Sacramentos. Terminada a celebração, estava péssimo, e foi para a sala. Procurou, logo, uma janela para respirar e pediu um pouco de álcool para assepsia das mãos. Com as mãos molhadas com o álcool e não tendo como enxugá-las, começou a balançá-las para secar rápido; perto, havia uma lamparina acesa. O álcool, lógico, espalhando-se em pequenas partículas, fez acender o fogo que, imediatamente, atingiu suas mãos.

Foi uma tragédia só! Quase que o Pe. Gilberto botou fogo no casebre do pobre sertanejo moribundo.

Hoje, Dom Gilberto, conta-nos esses fatos que marcaram sua Vida e seu Ministério de Padre. Eles acompanham sua vida até hoje e o sustentam na vivência da graça do Ministério Presbiteral e Episcopal. Obrigado, Dom Gilberto, pelas muitas partilhas de sua vida e por nos ensinar a viver também a graça do nosso Batismo e Ministério.

Há 20 anos, Dom Gilberto, alguns amigos e eu pescamos juntos. Ao cair das tardes serenas e risonhas, estando ainda no rio, podemos ouvir os pássaros em grande cantoria, antes de se recolherem na imensidão das matas ciliares... Os sapos, as rãs e as aves noturnas dão início à grande orquestra...

Dom Gilberto, o Poeta... e conhecedor da literatura luso-brasileira... tem costume de declamar poesia e recitar alguns sonetos... E recita-os de forma deslumbrante e encantadora... canta e encanta-nos com suas belíssimas apresentações...

Quero encerrar a minha fala agradecendo a todos por terem tido a paciência de me ouvirem... e recitar o soneto intitulado: “Contraste”, do Pe. Antônio Tomás, conhecido e chamado de “Príncipe dos Poetas Cearenses”. É um dos sonetos de que Dom Gilberto gosta por demais... A meu ver, parece-me propício para o momento:

Quando partimos no verdor dos anos,
Da vida pela estrada florescente,
As esperanças vão conosco à frente,
E vão ficando atrás os desenganos.

Rindo e cantando, céleres, ufanos,
Vamos marchando descuidosamente;
Eis que chega a velhice, de repente,
Desfazendo ilusões, matando enganos!

Então, nós enxergamos claramente
Como a existência é rápida e falaz,
E vemos que sucede, exatamente,

O contrário dos tempos de rapaz:
– Os desenganos vão conosco à frente,
E as esperanças vão ficando atrás!

(26 de outubro de 2016)

5

DOM GILBERTO E A PUC-CAMPINAS

DOM GILBERTO E A PUC-CAMPINAS

Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

Resumo: Objetiva-se nesta Conferência analisar filosófica e teologicamente a atuação de Dom Gilberto Pereira Lopes, Arcebispo Emérito de Campinas, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na condição de Grão-Chanceler. Justifica este objetivo o fato de esse Arcebispo ter efetuado um caminho de contribuir para a que a referida Universidade efetivasse a sua catolicidade, na condição de *Universitas*, ainda que tenha vivenciado tensões de diversos tipos teóricos e historicamente circunstanciais. Para atingir este objetivo, utilizar-se-á a materialidade filosófica e teológica, priorizando o magistério eclesiástico e apresentar-se-á o *status quaestionis* e o desenvolverá em quatro pontos significativos que apontam a atuação do mencionado Arcebispo: a eclesialidade da Universidade, a articulação entre fé e ciência, a efetividade do conceito de projeto pedagógico e a afirmação da condição episcopal do Grão-Chanceler de uma Universidade Católica.

Palavras-chaves: Universidade Católica, fé e razão, projeto pedagógico, Grão-Chanceler.

1. Introdução

Com alegria e satisfação aceitei o convite efetuado pela Magnífica Reitora, Professora Dra. Angela de Mendonça Engelbrecht, para ministrar esta Conferência que se intitula “Dom Gilberto e a PUC-Campinas”. Este estado de espírito se deve a dois motivos distintos e que simultaneamente se entrelaçam: o próprio Dom Gilberto e a Universidade. Este homem tornou-se importante, em sua configuração ôntica como ser humano cristão, tanto para a Igreja quanto para a Universidade, concebida em seu espírito e ontologia. A Universidade é a entidade que no desenvolvimento da pesquisa, do ensino e da extensão, articula sabedoria e ciência, ciência e sociedade, educando pessoas e contribuindo ativamente para que a sociedade cresça em humanidade.

Para desenvolver esta Conferência, considero fundamental unir a figura de Dom Gilberto a da Universidade, mediante a análise filosófico-hermenêutica em que esta articulação se contextualiza no âmbito eclesial, na articulação entre fé e ciência, na efetividade da ideia de projeto pedagógico e na ontologia eclesial do Grão-Chanceler.

2. O clima eclesial da Universidade

A Universidade Católica nasce do Coração da Igreja (*Ex Corde Ecclesiae* n. 1) e, por conseguinte, possui eclesialidade e catolicidade, denotativo de universalidade salvífica. Por isso, a compreensão da relação entre Dom Gilberto e a PUC-Campinas, necessariamente requer suscitar alguns elementos espirituais da Igreja no contexto vivido por estes personagens. Neste sentido, recordo que o Concílio Vaticano II, considerado um dos eventos eclesiais mais importantes do século XX, trouxe à tona uma *theologia mundi*, em que torna visível a relação entre Deus e o mundo e por consequência, a relação entre Igreja e mundo. O referido Concílio caracterizou a Igreja como mistério de comunhão inserido no mistério trinitário (*Lumen Gentium* n. 1-4), em que as pessoas divinas – Pai, Filho e Espírito Santo – se diversificam em propriedade e missão e se relacionam pericoreticamente na constituição de uma única substância divina. Desse modo, em Deus não há solidão, mas diversidade e comunhão de pessoas divinas na substancialidade divina. Este Deus uni-trinitário ou tri-unitário, que é comunhão desde a eternidade se revela como amor em Jesus Cristo, do qual decorre por ação do Espírito e por vontade do Pai, a Igreja, concebida então como mistério

sacramental universal de salvação ou ainda mistério sacramental de salvação universal. Com isso, a Igreja se destina a todos os seres humanos, os quais são destinatários da salvação divina. Nesta perspectiva, por ser a Igreja comunhão, o Concílio zelou pela missão da Igreja em sacramentar universalmente a salvação, mediante a realização da unidade dos cristãos, das religiões e de todo o gênero humano. Sua missão, então, foi afirmada como *Ad Gentes*, sem distinção e sempre com disposição evangelizadora e pastoral. Na esteira do Papa São João XXIII, em que afirmava a Igreja como “Mãe e Mestra” (1961), o Concílio preocupou-se com a educação do homem, principiando-se na antropologia teológica em que afirmava ser o homem “Imagem e Semelhança” de Deus e, por conseguinte, passível de dignidade humana, denotativa de sua condição de sujeito e pessoa, livre e responsável. Disso resulta, a necessária inserção da Igreja no mundo, mediante a sua ação junto à família, à cultura, ao trabalho, às outras religiões e às instâncias formadoras do homem (*Gaudium et Spes*).

A *theologia mundi* e a eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, propiciaram a constituição das teologias e das eclesiologias contextuais. Neste sentido, antes mesmo de terminar o Concílio, no dia 04/09/1962, os bispos latino-americanos, reunidos em Roma, decidiram pela realização da segunda Conferência Geral do Episcopado latino-americano que se realizou em Medellín (Colômbia) em 1968, decorrendo dela uma tradição de Conferências gerais e a explicitação da colegialidade episcopal – tema de tão difícil decisão durante o Concílio – na efetividade da relação da Igreja com o mundo. Disso resultaram também as Conferências de Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), cuja preocupação com o gênero humano se desenvolveu a partir de uma intuição e um clamor que provinha de São João XXIII, em sua mensagem de rádio, no dia 11/09/1962: “(...) a Igreja quer ser a Igreja de todos, mas nos países subdesenvolvidos, quer ser a Igreja dos Pobres” (*La grande aspettazione*). A categoria “Igreja dos pobres”, que havia entusiasmado muitos padres conciliares e havia sido desenvolvida na carta encíclica *Populorum Progressio* do Beato Paulo VI (1967), assumiu corpo eclesial na América Latina. A pobreza era concebida como carência de meios, estado de espírito e compromisso com os pobres. O *locus* dos pobres se tornou o lugar social para fazer teologia, para realizar a ação pastoral da Igreja e para o modo de viver dos cristãos. Disso resultou a denúncia da “violência institucionalizada”, da injustiça em seus diversos níveis, especialmente a proporcionada pelos regimes militares e o apelo para a compaixão e a solidariedade para com os pobres e a partir deles, com os outros seres humanos. A questão dos pobres foi assumida tanto como “opção preferencial” quanto como “perspectiva”, cujos rostos são os rostos das pessoas que não têm casa para habitar, das que não têm terra para cultivar, trabalhadoras que são exploradas em sua força de trabalho, idosas marginalizadas, crianças que estão nas ruas, negras e indígenas que são vítimas do etnocídio e genocídio (*Puebla*, n. 29-39). Na perspectiva de comunhão, a Igreja aparece como Povo de Deus, situado no mundo, a partir do lugar dos pobres, em missão pastoral e evangelizadora, e encontra na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, um eco de pastoral em conjunto, com diretrizes pastorais e evangelizadoras que tornam a Igreja presente nas questões sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas neste país.

Este estado de espírito de comunhão da Igreja possibilitou que a Pontifícia Universidade Católica de Campinas também se situasse para todas as pessoas, a partir do lugar dos pobres. Recordo então que a Universidade foi inserida no plano de Pastoral da Arquidiocese, com realce no processo da Revisão Ampla da Arquidiocese de Campinas no período de 1988 a 1991, na inserção em projetos de extensão efetivos junto à população campineira, no fortalecimento do Hospital Universitário Celso Pierro, localizado na periferia de Campinas, na formação dos agentes pastorais leigos(as) com cursos diversos, na formação dos seminaristas, cujo Instituto de Teologia e Ciências Religiosas foi criado com seu curso de Teologia, com sua extensão em formas de cursos e outros projetos e sua presença dialógica com outros cursos através da disciplina “Antropologia Teológica”.

A própria pastoral na Universidade deslocou-se de uma pastoral paroquial para uma pastoral universitária, tendo em vista uma Universidade em Pastoral. Isso significa que o Departamento de Pastoral Universitária cuida do que é propriamente paroquial e instiga outras instâncias e unidades da Universidade à vivência pastoral da fé e seus valores, mediante o seu *modus vivendi* na sala de aula, nas atividades de pesquisa e extensão, nas relações interpessoais, na gestão da Universidade, na relação da Universidade com a sociedade. Neste sentido, recorro aos núcleos ou grupos de estudantes, professores e funcionários para reflexão e ações diversas denotativas de pastoralidade da própria Universidade, as celebrações da Eucaristia nos campi, especialmente a da quinta-feira que era a que reunia discentes e docentes de várias unidades acadêmicas, e principalmente o trabalho em equipe dos agentes da pastoral universitária.

As estruturas da Universidade também refletiam o espírito de participação e comunhão. Recordo-me que o próprio Grão-Chanceler, em 1984, propiciou a realização das “prévias” para a eleição do Reitor, com participação de toda a comunidade universitária para subsidiar – eis aqui um conceito eclesiológico fundamental – o Conselho Universitário. Aquela atitude refletiu a possibilidade de diálogo da comunidade universitária com o Conselho Universitário, a Reitoria e a própria Grã-Chancelaria. Por isso, o movimento estudantil e o movimento docente, que já eram ativos, adquiriram potência ainda em detrimento do referido espaço aberto de participação, apresentando suas reivindicações, sugestões e principalmente contribuindo com um projeto de Universidade. Em todas as manifestações, jamais houve truculência, negligência ou alguma postura autoritária: paciência e diálogo, mesmo em clima de tensões, não deixaram de estar presentes. Não obstante que o decreto de Dom Gilberto de 01º de outubro de 1998 tenha propiciado um momento de enorme tensão, à medida que a comunidade acadêmica não teria mais espaço para eleger seus diretores e coordenadores e que o Conselho Universitário não mais indicaria três nomes para escolha do Reitor, emergiu um clima de movimento em favor de se buscar novas estruturas, fundamentadas no espírito do diálogo, da agilidade administrativa para superar o espírito corporativo que havia sido criado e principalmente a articulação entre fé e ciência que regia e rege esta Universidade. A reforma do estatuto e do regimento, pelos quais surgiu a estrutura atual, com Centros e canais para melhor articulação entre pesquisa, ensino e extensão, objetiva tornar a Universidade ainda melhor Universidade, para brilhar na época atual pela fé e pela ciência.

3. *Fide Splendet et Scientia*

No brasão desta Universidade está escrito: *Fide Splendet et Scientia*, cuja tradução livre pode ter duas direções: “O Esplendor da fé e da ciência” ou “O esplendor pela fé e pela ciência”. Na primeira, a fé e a ciência brilham na Universidade, recordando a tradição teológica, em particular a Constituição dogmática *Dei Filius* (1870) do Concílio Vaticano I e a carta encíclica *Fides et Ratio* de São João Paulo II (1998), em que fé e razão são duas vias da revelação, a sobrenatural e a natural respectivamente, e que quando relacionadas, a verdade revelada é explicitada pela razão à luz da fé. Disso resulta que *lumen fidei e ratio fidei* não são inimigas, mas distintas e com possibilidade de articulação entre ambas, a serviço da revelação divina. A crise entre fé e ciência, presente no final do século XIX e na primeira metade do século XX, especialmente em função do tema da origem, desenvolvimento e fim do universo, que se remeteu aos temas da criação e da evolução, encontra na filosofia contemporânea, principalmente em Henri Bergson (2005) o grande espaço para superar a oposição entre esses temas, e na teologia contemporânea, especialmente em autores como John Haugth (2002) e Jacques Arnould (2001; 2010), a possibilidade de se efetivar uma teologia evolucionista da criação. O próprio magistério eclesial já reconheceu condenatoriamente tanto o fideísmo quanto o racionalismo, como formas de negação da essência da fé e da razão filosófica e científica (DENZINGER, n.2901-2918). Fé e ciência são distintas epistemologicamente e são

passíveis de articulação em busca da verdade da revelação divina. Por isso, o magistério eclesiástico, principalmente na constituição dogmática *Dei Verbum* (1966) e no Decreto *Optatum Totius* (1966), ambos do Concílio Vaticano II, admitiu a possibilidade do uso de instrumentos científicos na compreensão e interpretação da Bíblia e da Tradição dogmática e moral, e se utiliza de instrumentos científicos que subsidiam o *intellectus fidei* na compreensão do homem, da história e do universo. Este mesmo magistério, especialmente na constituição pastoral *Gaudium et Spes*, visualizou nas ciências, instrumentos ou canais de compreensão do homem e do mundo em que está situado, a fim de que se possa formular um discurso sobre Deus, que é a teologia, de forma contemporânea a esta época histórica. A mediação das ciências não dispensa a filosofia como *partner* da teologia, ao contrário, enquanto ciência ontológica, a filosofia está subjacente às ciências e propicia à teologia, manter-se fiel ao seu *positum*, que é a fé cristã, para se afirmar como *scientia fidei* (GONÇALVES, 2011).

Na segunda forma de tradução, fé e ciência brilham na Universidade Católica, *locus* da produção do conhecimento científico, permeado por valores que emanam da fé. Assim, a Universidade Católica é o espaço tanto da fé quanto da ciência, desenvolvendo então, a sua catolicidade, que é o seu espírito de *Universitas*. Neste sentido, a fé aponta para a universalidade da salvação, o que supõe abertura à pluralidade de posições e de elaborações de complexos teóricos, e de efetividade do diálogo, compreendido como luz – *dien* ou *lumen* – da sabedoria – *logos*. A fé pressupõe que, na pluralidade, a revelação divina também pode ser tanto experiência explícita da fé cristã quanto a experiência das outras religiões e realidades científicas diversas. Epistemologicamente a fé e a ciência são diversas e possuem campos diversos, mas podem atuar juntas, sendo que a primeira é luz para o sentido da existência humana e do universo, e a segunda é a racionalidade positiva – *de positum* – acerca do homem e do mundo. A fé se apresenta à pesquisa, ao ensino e à extensão à medida que são visíveis os princípios antropológicos que salvaguardam a dignidade humana, em sua imanência e transcendência, e é evidente o princípio cosmológico em que o universo é apresentado em sua historicidade e mundanidade e em sua infinita expansão e possibilidades, desencadeando no próprio mistério de sua presença, que a fé religiosa explícita chama de Deus. Por sua vez, a ciência se apresenta na pesquisa, no ensino e na extensão na condição de teoria que forma o homem para o uso da técnica em consonância com a sabedoria.

Tanto na primeira quanto na segunda tradução, a Pontifícia Universidade Católica prima pela presença da fé e da ciência, para que brilhem na Universidade na sua distinção e articulação e para que façam a Universidade brilhar. Deste modo, destaco a *Fide Splendet et Scientia* nesta Universidade, mediante a liberdade para pesquisar, ensinar e realizar trabalhos de extensão, com situacionalidade na fé. Disso resultaram relevantes contribuições da Universidade, que Dom Gilberto carinhosamente chamava de “Universidade de Campinas”, à sociedade presente em Campinas e região e em outros lugares do Brasil. Ademais, a emergência de cursos de graduação e programas de Pós-graduação de diversos campos científicos nas três últimas décadas, denota a pluralidade científica desta Universidade e a possibilidade de, iluminada pela fé, propiciar um bem ainda maior à sociedade. Notável foi o apoio e a decisão da Grã-Chancelaria a partir de 1996, quando por ocasião do surgimento da “Lei de Diretrizes de Bases”, de a Pontifícia Universidade Católica de Campinas consolidar-se como Universidade, buscando uma carreira docente sólida, capaz de fundamentar a pesquisa, o ensino e a extensão, e desenvolver pesquisa consolidada em Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* plausíveis qualitativa e quantitativamente. Recordo também que a constituição *Ex Corde Ecclesiae* salvaguarda uma função especial tanto para a Filosofia quanto para a Teologia na Universidade Católica, cabendo à primeira pensar o homem e o mundo mediante a contemplação da razão que atinge a verdade, e à segunda pensar o homem e o mundo em sua relação com Deus. A Filosofia e a Teologia possuem então não apenas os seus respectivos cursos de graduação nesta Universidade, mas também presença em disciplinas e projetos pedagógicos em outros cursos universitários. Não obstante que a Filosofia, por circunstâncias

de reformas curriculares e ausência de reflexão acerca de sua importância formativa, tenha perdido espaço em projetos pedagógicos, continua tendo relevância na vitalidade do pensamento acadêmico, cuja essência não se esgota no *positum* de cada ciência e nem mesmo na imediatividade do mercado tecnológico e econômico. A existência da Faculdade de Teologia nesta Universidade, não se esgota no curso de Teologia para a formação de seminaristas, mas se estende para a formação dos estudantes dos outros cursos. A Teologia se principia na fé e é *intellectus fidei*, de modo que sua presença em toda a graduação aponta para a transcendência do *humanum*, em sua historicidade e imanência. Aqui, o legado de Dom Gilberto é imenso e intenso: compreendeu a importância da formação filosófica e teológica dos seminaristas se situar no ambiente acadêmico e plural da Universidade, para que eles aprendam a dialogar com pessoas de outras situações científicas e religiosas; apoiou todas as iniciativas para que a teologia na Universidade, mediante a disciplina de Antropologia Teológica fosse capaz de apontar o homem como *homo religiosus* – Antropologia Teológica “A” – “Imagem e Semelhança de Deus” para levar a cabo a criação divina, em termos sociais, culturais e interpessoais – Antropologia Teológica “B” – e dialogando como “ética teológica” com a área em que a disciplina é ministrada – Antropologia Teológica “C”.

4. Projeto Pedagógico

O lema *Fide Splendet et Scientia* não poderia ser levado a cabo sem um projeto de Universidade, denotativa de sua essência e de seu *fundamentum*. No início da década de 1980, surge nesta Universidade a ideia de Projeto Pedagógico tanto para a Universidade em seu todo quanto para os cursos em sua especificidade de campo. Naquele momento, um personagem importante na Educação brasileira e internacional, docente da UNICAMP, surgiu para auxiliar docentes e discentes desta Universidade, na concepção categorial de “Projeto Pedagógico”: Paulo Freire. Trata-se de um exímio educador, autor da “Pedagogia do oprimido” e da conceituação de que “a educação é prática da liberdade”. Em sua acepção, a pedagogia é a arte da formação do *humanum*, considerado como sujeito e pessoa, livre e responsável no convívio com os outros. A pedagogia deve estar situada na história e, por conseguinte, desenvolver-se considerando a historicidade e a epocalidade do homem. O olhar para a América Latina, concebida em sua pobreza, conforme descrição da “teoria da dependência”, fez com o que Paulo Freire visualizasse um projeto libertador de ser humano e de sociedade, a partir dos oprimidos. Por isso, formulou o seu projeto intitulado “Pedagogia do Oprimido”, em que se aguça a consciência crítica, que é aquela capaz de romper com a alienação e com as formas falaciosas de justificativa da opressão. O *locus* dos oprimidos é assumido como *locus* educacional do *humanum* e a liberdade é horizonte para o qual a educação há de instigar e efetivar-se como formadora do *humanum*. Por isso, a alfabetização, a formação técnica, a transmissão e produção do conhecimento não se desvinculam do político, daquilo que constitui o bem de todos e da elevação da *polis* como o que é comum a todas as pessoas. Um projeto pedagógico que objetiva formar o *humanum* em seu todo, supõe um projeto político, capaz de ultrapassar os interesses próprios e alcançar o bem comum. Disso resulta que a educação só se efetiva à medida que o homem pratica a liberdade, torna-se criativo, se relaciona com as outras pessoas realçando identidade e alteridade, e se compromete com uma sociedade libertada da opressão.

Esse pedagogo foi assessor de dois seminários temáticos, intitulados “Universidade e Compromisso Popular”, em 1986 e 1987 respectivamente. Junto dele, diversos docentes e discentes buscavam formular a concepção de projeto pedagógico, onde prevalecesse a formação do *humanum*, concebido em sua profunda dignidade e em sua antropologia ontológica, de modo que a Universidade se movimentasse formando alunos efetivamente humanos para o trabalho e convívio social e cultural. O Instituto de Filosofia e a Faculdade de Educação foram instâncias-chaves para compreensão e experimentação da ideia de “Projeto

pedagógico”, com suas dimensões política, social, cultural e filosófica. Atualmente, todos os cursos possuem o respectivo “Projeto Pedagógico”, com uma filosofia educacional que aponta o perfil de egresso e de corpo docente, estratégias pedagógicas, procedimentos de processo formativo a ser efetivado e consoante com a missão da Universidade.

A ideia freireana de “Projeto Pedagógico”, de certo modo, contribuiu também para a ideia de políticas institucionais, efetivadas durante a década de 1990 e no início da década de 2000, ainda que tivessem sido modificadas de sua originalidade pela ideia de “Planejamento Estratégico”. De todo modo, a ideia de “Projeto Pedagógico” possibilitou que a Universidade buscasse construir suas políticas institucionais e concentrar-se em suas atividades-fins para cumprir sua missão de formar pessoas com competência científica, consciência crítica e com valores cristãos, visando à construção da sociedade justa e fraterna.

4. O Grão-Chanceler no espírito da *Ex Corde Ecclesiae*

O Grão-Chanceler há de ser concebido a partir da identidade e missão da Universidade Católica, a saber: “Toda Universidade, enquanto *Universidade*, é uma comunidade acadêmica que, de modo rigoroso e crítico, contribui à tutela desenvolvimento da dignidade humana da herança cultural mediante a pesquisa, o ensino e os diversos serviços oferecidos às comunidades locais, nacionais e internacionais” (*Ex Corde Ecclesiae* n. 12). Trata-se de uma presença cristã no mundo universitário, com inspiração cristã, fé católica, fidelidade à mensagem cristã e empenho institucional para servir o povo de Deus e toda a família em seu itinerário histórico rumo à transcendência que dá sentido a vida (*Ex Corde Ecclesiae*, n. 13). É nesta perspectiva que o Grão-Chanceler de uma Universidade Católica é a cabeça da Igreja particular e local, à qual pertence esta Universidade. Nessa condição, o Grão-Chanceler pastoreia e cuida do rebanho que constitui a Universidade. A melhor forma de cuidar da Universidade Católica é que ela se firme como Universidade, com o espírito de *Universitas*, em que prevalece a autonomia – não a independência – na gestão da Reitoria, no diálogo científico, no bom convívio entre as pessoas e o compromisso histórico-social a partir dos pobres.

A Universidade Católica então é uma instância ou unidade eclesial, que se situa no mundo para servir a verdade da revelação divina, que é verdade de salvação. Nisso reside sua catolicidade: servir a revelação salvífica mediante a pesquisa, o ensino e a extensão. Inicia-se pela pesquisa, porque sua raiz é a curiosidade pela verdade revelada, incisiva na história e em toda a criação. Disso resulta que a Universidade deve pesquisar para o engrandecimento do homem, compreendido teologicamente como parceiro de Deus, criatura capaz de levar a cabo a *creatio continua*, e do universo que, na sua infinita possibilidade de expansão, denota também a *creatio continua* em relação com a *creatio originalis*, rumo à *creatio nova*. É esta verdade revelada que o ensino universitário há de desenvolver, mediante o conhecimento científico, acompanhado da ética oriunda dos valores emanados da fé cristã. Por isso, o ensino universitário, seja de graduação seja de pós-graduação, não se reduz à onticidade da ciência e muito menos a empreendimentos tecnológicos, mas é de profunda integralidade entre teoria e prática, ciência e ética, técnica e cultura. O desdobramento prático tanto da pesquisa quanto do ensino é a extensão, instância de serviço da Universidade à sociedade, defendendo e promovendo a vida em todas as suas dimensões. Este serviço é, antes de tudo, um serviço da Igreja à sociedade, uma vez que a Universidade é solicitada, em sua especificidade, a ser instrumento sempre eficaz do progresso cultural para os seres humanos, compreendidos individual e coletivamente (*Ex Corde Ecclesiae*, n. 32).

Disso decorre que as atividades de pesquisa incluirão o estudo dos graves problemas contemporâneos: dignidade da vida humana, justiça, qualidade da vida pessoal e familiar, proteção da natureza, paz e estabilidade política, divisão equitativa dos recursos do mundo e

uma nova ordem econômica e política, tanto nacional quanto internacional. A pesquisa universitária torna-se então contemporânea a cada época histórica, reservando especial atenção às suas dimensões éticas e religiosas (*Ex Corde Ecclesiae*, n. 32-33). Tem-se a centralidade da antropologia cristã, “que tem origem na pessoa de Cristo e que permite ao dinamismo da criação e da redenção de influir sobre a realidade e sobre a reta solução dos problemas da vida. O espírito cristão de serviço aos outros para a promoção da justiça social reveste de particular importância para toda Universidade Católica e deve ser dividido pelos docentes e desenvolvido entre os estudantes” (*Ex Corde Ecclesiae*, n. 33-34). Resulta então, que todo projeto pedagógico da Universidade e de cada curso de graduação e pós-graduação se reveste deste espírito da Universidade Católica, que não é outro que não o próprio espírito da Igreja, que em sua missão, se empenha “para o crescimento integral de todos os seres humanos” (*Ex Corde Ecclesiae*, n. 34).

O Grão-Chanceler, que é o Bispo da Igreja particular em que está situada a Universidade Católica, possui a missão de promover e salvaguardar a identidade católica da Universidade, mediante uma relação estreita, pessoal e pastoral com a Universidade. Esta relação se caracteriza na confiança recíproca entre Bispo e Universidade, na coerente colaboração mútua e no contínuo diálogo entre ambos. Na esteira da constituição dogmática *Gaudium et Spes* (n. 59), em que se afirma a “autonomia da cultura humana e especialmente das ciências”, o Bispo é chamado a reconhecer “a liberdade acadêmica dos singulares estudiosos na disciplina da própria competência, de acordo com os princípios e métodos da ciência a qual se refere, entre as exigências da verdade e do bem comum” (*Ex Corde Ecclesiae*, n. 28). O Bispo há ainda de “encorajar o trabalho criativo dos teólogos, os quais servem a Igreja mediante a pesquisa conduzida pelo método teológico de modo respeitoso” (*Ex Corde Ecclesiae*, n. 28). Os teólogos, por sua vez, são instigados a desenvolver e comunicar eficazmente o sentido da revelação cristã, presente na Escritura, na Tradição e no Magistério eclesial, e a refletir questões específicas e desafiantes à teologia, colocadas pela cultura hodierna.

Em suma, o Grão-Chanceler da Universidade Católica possibilita a tonalidade pastoral da relação da Igreja com o mundo, da própria Universidade em sua relação com a sociedade. Sua palavra é orientadora, consoladora, estimulante, efetivo apoio para que a Universidade Católica exprima-se no mundo em que está situada como *Universitas*, à medida que em seu conjunto admite a pluralidade científica e cultural e se movimenta para a produção do conhecimento denotativo da verdade revelada e para a convivência marcada pela justiça, fraternidade e solidariedade, e como *Catholica* à medida que o desenvolvimento de sua tríade fundamental – pesquisa, ensino e extensão – se efetiva como serviço evangelizador à sociedade.

Esta visão acerca do Grão-Chanceler presente na constituição *Ex Corde Ecclesiae* é a justa homenagem que é possível fazer a Dom Gilberto Pereira Lopes, por ter exercido a sua função nesta Universidade, não sem tensões e momentos difíceis, mas com liberdade estimulando esta Universidade Católica a se efetivar como Universidade e se apresentar em sua catolicidade, levando a cabo a salvação, mediante o diálogo científico presente na pesquisa contundente em termos sociais e eclesiais, no ensino comprometido com o fundamento do *humanum* e com a sociedade, e na efetivação de projetos e serviços de extensão, em que se torna visível a contribuição da Universidade para a construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária. Neste sentido, os momentos difíceis, tais como aquele em que o professor Heitor Regina foi chamado com urgência para ser o Reitor da Universidade, em que supracitado decreto de 1998 propiciou a busca criativa de um novo modo de estruturar a Universidade, resultando na reestruturação do estatuto e do regimento que possibilitaram a edificação das Pró-Reitorias e dos Centros, para propiciar agilidade e principalmente diálogo científico de maior profundidade, são momentos denotativos de

coragem de Bispo e de unidade da comunidade universitária, ainda que contida de tensões, para que a Universidade, em seu caminhar histórico seja efetivada *Universitas ad Scientiae et Catholica* em favor do Evangelho da vida.

Agradecemos estamos Dom Gilberto, com sua presença entre nós e por isso podemos dizer com alegria a suas próprias palavras “Tudo é graça, Senhor, na nossa vida”.

Obrigado!

REFERÊNCIAS

ARNOULD, J. **A Teologia depois de Darwin**. Elementos para uma Teologia da criação numa perspectiva evolucionista. São Paulo: Loyola, 2001.

BERGSON, H. **A Evolução Criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática *Dei Verbum*, in **Actas Apostolicae Sedis** 58 (1966), p. 817-830.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium*, in **Actas Apostolicae Sedis** 57 (1965), p. 5-64.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, in **Actas Apostolicae Sedis** 58 (1966), p. 1025-1115.

DENZINGER, H. – HÜNERMANN, P. **Enchiridion symbolorum**: definitionum et declarationum de rebus fidei et morum. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1995.

GONÇALVES, P.S.L. **Ontologia hermenêutica e Teologia**. Aparecida: Santuário, 2011.

HAUGTH, J. **Deus após Darwin**: uma teologia evolucionista. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.

JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Fides et Ratio*, in **L'Osservatore Romano**, 16 de ottobre 1998, p. 25-34.

JOÃO XXIII, Carta encíclica *Mater et Magistra*, in **Actas Apostolicae Sedis**, 53 (1961), p. 405-447.

JOÃO XXIII, *L Grande Aspettazione*, in **Actas Apostolicae Sedis**, 54 (1962), p. 678-685.

PAULO VI, carta encíclica **Populorum Progressio**, in **Actas Apostolicae Sedis**, 59 (1967), p. 257-296.

DOM GILBERTO E A FACULDADE DE TEOLOGIA DA PUC-CAMPINAS

Pe. José Benedito de Almeida David

Dentro das comemorações dos 75 anos de nossa Universidade, nesta semana em que tornamos presente, e desejamos homenagear, a vida e o ministério episcopal de Dom Gilberto, no seu Jubileu de Ouro, foi-me pedido dizer uma palavra sobre uma de suas mais importantes realizações como Arcebispo e como Grão Chanceler: a criação do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas, hoje Faculdade de Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Parafrazeando São João Paulo II que diz que a “Universidade Católica nasceu do coração da Igreja”(1) , podemos dizer que nossa Faculdade de Teologia nasceu, como também a sua Universidade, do coração da Igreja de Campinas; mas não só isso... nossa Faculdade nasceu de um coração pleno de fé e transbordante de esperança no seu compromisso com a missão da Igreja no mundo – “Mysterium Christi Praedicare”! – nasceu de um coração que não só ama o ministério ordenado, dom gratuito de Deus, mas que tem a viva consciência de seu lugar, e de seu serviço, na construção do Reino, nasceu do coração de Dom Gilberto.

Como árvore boa... nasceu... floresceu... e vem oferecendo à Igreja e à sociedade os seus frutos.

A presença de Dom Luís

Embora a formação dos futuros presbíteros estará, de forma expressa, dentre as mais urgentes preocupações do Arcebispo Coadjutor que chega a Campinas em 1976, podemos dizer que a “anima” de formador de D. Gilberto é bem mais antiga, e o acompanha desde os inícios de seu ministério presbiteral, em Ribeirão Preto.

Esta “anima” de compromisso com a formação presbiteral, a preocupação com a missão comum do Bispo com seu Presbitério, o desafio de tornar a Igreja sempre mais presente e dialogante com o mundo para ajudá-lo a caminhar na direção do Reino, a preocupação com a necessária participação dos leigos na missão da Igreja, a capacidade de considerar os problemas urgentes da sociedade contemporânea, especialmente, o cuidado com os mais pobres que são o foco da atenção de Deus, que é Pai de todos... Tudo isso, ousou dizer, que Dom Gilberto herda de Dom Luís do Amaral Mousinho, seu professor e Reitor no Seminário de Olinda, e com quem, como seu Arcebispo, o Pe. Gilberto trabalhará por muitos anos em Ribeirão Preto como Reitor do Seminário Arquidiocesano Maria Imaculada de Brodowski.

Ouso dizer que Dom Luís era um homem à frente de seu tempo, poderíamos dizer um “estadista” da Igreja, do Reino de Deus no mundo contemporâneo. Homem de fé, homem santo. Padre amigo. Bispo pai, ao mesmo tempo que irmão de todos, especialmente dos seus padres.

Gostaria de trazer nesse momento algumas palavras do Pe. Gilberto, sobre Dom Luís. Palavras que ilustram o que desejo considerar, ou seja, a presença de Dom Luís que tanto marcou a vida e o ministério presbiteral do Pe. Gilberto, e que continua marcando com sua influência o seu ministério episcopal... até mesmo como Bispo Emérito...

À guisa de explicação, antes de examinar por alto os três ângulos da personalidade adulta de D. Luís, – O Homem, o Cristão, o Padre – julgo que ele colocava sua vocação cristã, como o fazia já Santo Agostinho, em primeiro lugar na ordem do valor e do tempo.

“Sou Bispo para vós e para vosso serviço”, dizia o doutor de Hipona; “sou, todavia, como vós, um cristão. Bispo é título de um encargo que se assume; cristão é o nome da graça que se recebe. Título perigoso. Nome salutar!”

“Sofrendo no fardo pessoal, descansamos na graça que nos é comum a todos.”

Estou certo de que, pensando assim, nos ensinou que não se pode pensar em vocação especializada firme, se não se tomou plena consciência de vocação comum.

Ninguém poderá pensar em sacerdócio ou vida religiosa, se antes se não torna um cristão autêntico. (2)

Falando sobre Dom Luís, “o Padre”, diz o Pe. Gilberto:

Entre as suas virtudes sacerdotais, creio que posso destacar uma, que se torna rara, nestes dias agitados de hoje. A virtude que ele mesmo chamava com um neologismo, creio eu, “estudiosidade”.

Foi um estudioso.

Em meio às múltiplas ocupações de seu pastoreio não se descuidou dos estudos. Sobretudo acompanhou de perto as linhas mais modernas do pensamento cristão, através de revistas atualizadas e bem escolhidas.

[...]

E suas ideias sobre o altar no centro das igrejas passaram para o Concílio. E suas ideias sobre a vocação cristã, antes da vocação sacerdotal, está posta em foco pelo Pe. Liegé, um dos técnicos do Concílio. E seu pensamento sobre a situação dos que não conseguiram chegar ao fim, na fidelidade ao caminho escolhido da consagração sacerdotal, está incluído entre os temas que foram tratados pelo Cardeal de Viena ao seu Clero. E suas ideias sobre a Pastoral de conjunto estão em Mons. De Provençères, Bispo Auxiliar de Paris (e encarregado de coordenar pastoralmente os trabalhos de Seine et Oise, nas Diocese de Paris, Versailles e Maux.)

E suas ideias sobre a colegialidade do Sacerdócio são a grande conquista do Concílio. E suas ideias sobre o diálogo com o mundo são motivo de revisão da parte da Igreja, em estado de Concílio. Pelo fato de suas leituras e pela reflexão pessoal, pôde apresentar-se como o líder religioso de um bom número de sacerdotes, não apenas de sua Diocese. Foram numerosos os que apareceram em Ribeirão para ouvir uma palavra de orientação e de amizade. Creio que aí está o grande segredo da conservação de seu espírito aberto às realidades temporais, que se renovam, e sua grande compreensão dos fatos, à luz da fé. Posso afirmar que soube acompanhar os acontecimentos com um descortino ímpar. Vinte e cinco anos de sacerdócio vividos plenamente. Na vertiginosa carreira deste século dos ‘sputniks’, 25 anos são mais que suficientes para uma mudança radical em certos pontos de vista, relacionados com o desenvolvimento da política e da economia, dois campos que influem poderosamente na vida e na visão dos homens. Ele acompanhou bem de perto os fatos, sabendo dar-lhes uma interpretação realista, e atualizada, portanto.

E continua Dom Gilberto, sobre Dom Luís:

Foi assim D. Luís. Um homem consagrado a uma causa. Um homem que viveu um ideal. Um Bispo que amou a Igreja até o fim. Um Cristão que descobriu para si e para os outros o grande mistério da graça de Deus. Que viu, no Corpo Místico, a maior ventura que se pode viver. Não havia uma pregação sua em que não aparecesse, como ‘leitmotiv’, a ideia do Corpo Místico. Neste mundo voltado predominantemente para o social, bem pôde descobrir que o dogma do Corpo Místico é a solução mais adequada para todos os problemas que assoberbam os homens. É a só maneira de se resolverem satisfatoriamente os problemas de relações humanas. Só esta ideia pode ensinar aos homens que somos todos irmãos e que todos fazem parte do mesmo e único Corpo e que, portanto, as divisões, as rixas, as invejas, as perseguições, a opressão dos mais fracos, não têm razão de ser! (3)

Um tempo de aperfeiçoamento na França

Para burilar, aperfeiçoar, ainda mais, sua alma de formador de futuros presbíteros, Dom Luís, preocupado sempre com a formação continuada de seus padres, envia Dom Gilberto à França, onde realizará estudos ao nível de pós-graduação no Institute Catholique de Paris e também na Sorbonne, onde acompanhou cursos de Jean Piaget e Maurice Debesse, entre outros. Apresentou sua dissertação “Adolescência e Seminário Menor”.

Depois, curso de Pastoral para a América Latina na Universidade de Louvain, na Bélgica.

Na França visitou seminários, paróquias, participou de encontro com outros reitores de seminário... Enfim a França foi um tempo muito rico no processo de formação continuada de Dom Gilberto, rico pela oportunidade de aprofundamento nos estudos, pela troca de experiências em relação às tarefas por ele desempenhadas como educador, pelo conhecimento de outras realidades pastorais.

Eu entrei no Seminário de Brodowski em 1962... O Reitor do Seminário Pe. Gilberto estava na França fazendo estudos...

Toda a comunidade do Seminário – éramos mais de 200!... – preparava-se, das mais diversas formas com trabalhos, pesquisas, cartazes, celebrações e outras atividades ... para celebrar o início do Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa São João XXIII.

Momento de fé, de esperança no futuro para a Igreja e sua missão! Foi nesse clima que recebemos nosso Reitor que voltava da França.

Tudo ali transpirava renovação, convite à participação, ao estabelecimento de uma vida comunitária e fraterna, convite à missão para além dos muros do seminário cujas portas agora se abriam... A preocupação final da equipe dos padres formadores, e também dos nossos professores, muitos deles agora leigos e mulheres, não deixava de ser a de preparar futuros presbíteros, mas esses, antes, deveriam ser ajudados a se tornar homens, cidadãos, cristãos que assumem sua fé e a sua missão de batizados no mundo em que vivem.

A colegialidade entre os formadores

É de se lembrar também um modo de ser, uma prática que se instaurava na época bem na direção do que apontava o Concílio: o exercício da colegialidade, da solidariedade na busca de novos caminhos por aqueles que trabalhavam nos seminários em nossa região.

Frequentes eram as reuniões entre os formadores dos vários seminários, e o encontro entre grupos de seminaristas que iam, com seu reitor, visitar outros seminários. Nós de Brodowski visitamos os seminários de S. Carlos, Campinas, Aparecida.

Lembro-me dos frequentes encontros entre os formadores dos Seminários de Brodowski, de S. Carlos e de Campinas (à época, vários alunos da Arquidiocese de Ribeirão Preto e da Diocese de S. João da Boa Vista estudavam em S. Carlos) – Cônego Gilberto, Cônego Horácio, Pe. Angélico de Ribeirão Preto; Monsenhor José Maria Fructuoso Braga, Cônego Saroni, Padre Baldan, de S. Carlos; de Campinas: Monsenhor Bruno Nardini, Padre José Arlindo de Nadai, Padre Paschoal B. Canoas... alguns dos que me lembro daquele tempo.

Também os alunos mais velhos, os do curso clássico, equivalente ao ensino médio hoje, participávamos das visitas aos seminários e dos encontros dos seminaristas...

Havia uma preocupação de colaboração mútua, de procura conjunta de alternativas que tornassem a inspiração conciliar para a formação presbiteral uma realidade nas nossas

Dioceses. Sentíamos a preocupação com a construção de um clima de comunhão não só em nossa casa, mas entre as nossas casas.

Num desses encontros de formadores de seminários, Padre Gilberto, que participara de um encontro de estudos da OSLAM – Organização dos Seminários da América Latina, em Medellín, apresenta a seus colegas algumas considerações que trazem as conclusões finais desse encontro :

O Seminário caminha com a Igreja que marcha. É normal: Instituição de Igreja sofre as mesmas vicissitudes, no âmbito que lhe diz respeito. E quando a Igreja reencontra, à luz do Concílio, os caminhos de sua peregrinação, o Seminário também os descobre, caminhando paralelamente no trilho do diálogo e da tomada de consciência de sua realidade histórica e de sua missão.

Quem, porventura acompanhou de perto os trabalhos e as preocupações dos seminários, nos últimos anos, terá sentido de perto o esforço ingente de renovação que, em toda parte, se processa, por veredas e atalhos, por caminhos nem sempre planos, até se chegar à maturidade do Concílio.

Muito se trabalhou no setor educativo. E, como os educadores não tinham claros todos os objetivos, nem sempre foi fácil descobrir os meios mais adequados para se chegar ao fim desejado. Há de haver, em educação válida, uma opção metafísica antecedente ao processo educativo. E no caso do Seminário, uma opção também teológica. No sentido de precisar bem o valor da Pessoa, uma vez que nada, fora dela, é meta em educação. E determinar igualmente o sentido do sacerdócio e de sacerdócio-hoje, de vez que não me parece justo desconhecer, como realidade sobrenatural, o ‘gérmen vocationis’ de que se fala nos documentos pontifícios. (4)

Ipameri, sua primeira Diocese.

Esses desafios, essas preocupações em encontrar os melhores caminhos para uma formação que capacite os presbíteros, e também os agentes leigos, a exercer seus ministérios num mundo em profundas transformações de toda a ordem, de acordo com o desejo do Concílio Vaticano II, acompanharão Dom Gilberto em seu novo ministério, agora episcopal, em Ipameri .

Tomar contato, quanto antes, com a realidade da Diocese para um planejamento diocesano que atinja todas as paróquias, na medida do possível.

Formar, com os Sacerdotes, por mentalidade e pela vida, um Presbitério que não seja instituição, mas sobretudo realidade no espírito.

Trabalhar com afinco e perseverantemente para a solução do problema vocacional, inclusive com a construção do Seminário Menor.

Estimular a formação de Comunidades de Base, como apoio indispensável à ação evangelizadora dos Sacerdotes.

Valorizar a presença dos leigos na Igreja, estimulando obras de apostolado e de assistência.

É assim que, numa visão unitária de trabalho, cristãos, Sacerdotes e Bispo teremos metas concretas para realizar a Igreja do Vaticano II. Ela não se constrói de repente. Ela é progresso continuado. E só chegará à plenitude, quando vier o dia de Cristo para a transfiguração definitiva. (5)

Dom Gilberto em Campinas – 1976

Mas não só ... Em 1976, ao assumir a Arquidiocese de Campinas, como Arcebispo Coadjutor, com direito à sucessão de Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, aos 07-03-1976, Dom Gilberto, depois de expressar seu firme propósito de viver em comunhão com o Bispo e o Presbitério dessa Igreja, diz em trecho de seu discurso: “É minha intenção, no mesmo modo,

participar na formação dos dirigentes cristãos, em todos os escalões e para os diversos ministérios, inclusive e, principalmente o ministério presbiteral.” (6)

Essa intenção manifestava o desejo de reação da Igreja de Campinas às dificuldades daqueles anos, em particular no Estado de São Paulo. Pois, com o esgotamento do modelo de Seminário Maior – como era o tradicional Seminário Central do Ipiranga em São Paulo – com mais de duas centenas de seminaristas estudantes de Filosofia e Teologia, provindos das Dioceses de todo o Estado (e também alguns de outros Estados...), surgiam as mais diferentes experiências de formação em pequenas comunidades nas respectivas dioceses para acolher os poucos seminaristas remanescentes – o que nem sempre se constituiu como a melhor alternativa para a formação.

Ainda em 1976, a Arquidiocese de Campinas, a Diocese de Limeira e a Congregação do Santíssimo Redentor fundaram o Instituto Superior de Filosofia de Campinas – ISFIC, para prover adequada formação filosófica aos seus seminaristas. Ou seja, por meio de convênio o ISFIC e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, num trabalho conjunto, estariam propondo e mantendo um projeto pedagógico para o Curso de Filosofia que fosse capaz de dar conta das necessidades da formação filosófica para os futuros presbíteros, atendendo às orientações da Igreja neste campo.

Assim, os seminaristas passaram a realizar seus estudos no curso de Filosofia da PUC-Campinas. Não demorou para que outras Dioceses da Província Eclesiástica, bem como outras Congregações Religiosas, buscassem se agregar a esta proposta que se mantém frutuosa até o momento.

Mas isso não era tudo... os estudantes de Teologia continuavam em São Paulo, e muitas dificuldades persistiam no âmbito da orientação e da formação teológico-pastoral dos seminaristas.

Havia, em muitos bispos, o desejo de que a formação pastoral dos estudantes de Teologia acontecesse mais perto do ambiente da própria Diocese, tornando possível um maior conhecimento da própria realidade local, bem como da prática pastoral própria de sua Igreja.

Assim começa no Regional Sul I da CNBB um movimento de busca de alternativas para a formação teológica dos estudantes do interior do estado de S. Paulo, e a Arquidiocese de Campinas se oferece como alternativa.

Creio que no mês de maio ou junho de 1977, a pedido dos senhores Bispos da Província Eclesiástica de Campinas, acontece uma primeira reunião, em S. Paulo, na casa do Monsenhor José Maria e do Pe. Ivo Storniolo, da qual além deles participamos o Pe. Giovanni Barrese e eu.

Pe. Barrese, da Diocese de Bragança Paulista, nos trazia o desejo dos Bispos da Província: a criação de um Curso de Teologia para os seminaristas de suas Dioceses, bem como para atender às necessidades de formação teológico-pastoral dos agentes religiosos e leigos.

Acolhendo o convite a colaborar, precisávamos desenhar um Projeto Pedagógico de Curso de Teologia, conforme as orientações da Igreja, que seria depois aprovado pelos Srs. Bispos, bem como buscar professores especializados nas várias disciplinas.

Nosso trabalho começou... alguns de nós dávamos aulas no ITESP-Instituto Teológico São Paulo, na cidade de S. Paulo, e como estávamos naquele momento terminando de desenhar um novo Projeto Pedagógico para o seu Curso de Teologia, projeto que se pautava por uma teologia inspirada nos documentos e nas orientações do Concílio Vaticano II, nas recomendações das Conferências do CELAM, fizemos algumas pequenas alterações naquele projeto, especialmente, no que tangia às disciplinas da área de pastoral, e tal projeto foi aprovado por Dom Gilberto e pelos demais Bispos da Província.

O mais trabalhoso estava por vir: encontrar os professores ...

Importante ressaltar que a formação filosófica e teológica dos seminaristas diocesanos no Estado de S. Paulo acontecia, desde a sua criação, somente no Seminário Central do Ipiranga. E acontecia sob a responsabilidade e supervisão direta do Arcebispo de S. Paulo, que devia prover seu Curso de Filosofia, bem como sua Faculdade de Teologia, de professores e de todos os meios para que os cursos se desenvolvessem.

As Dioceses do interior paulista enviavam seus alunos ao Central, mas não tinham a preocupação, e por vezes também as condições, de compartilhar com a responsabilidade na formação de docentes, disponibilizando padres para se especializarem e assumir disciplinas no Curso de Teologia... era algo, diríamos hoje, “terceirizado”: a responsabilidade era assumida pela Arquidiocese de S. Paulo, que contava também com a contribuição de inúmeros religiosos com formação para a docência.

Alguns de nossos Bispos do Estado, sensíveis a esse problema, alguns anos antes, no final da década de 60 início da de 70, haviam respondido afirmativamente a um apelo da parte do então Reitor do Seminário Central, Pe. Francisco de Assis Gandolpho, (que percebia seu corpo docente envelhecendo e sem sucessores...) apelo no sentido de que fossem disponibilizados e enviados a Roma, para se prepararem para assumir futuramente a docência nas áreas teológicas, alguns alunos do Central, bem como padres diocesanos para fazer a pós-graduação.

Com isso... nos anos 70, havia uma dezena de padres preparados nas áreas teológicas, e que começavam a desenvolver sua atividade como professores de Teologia na Faculdade da Assunção e no ITESP, e outros colaborando em suas dioceses na formação de agentes de pastoral.

A alternativa para o provimento de professores no nosso curso de Teologia de Campinas, veio da corresponsabilidade, do espírito de colegialidade entre as Igrejas Particulares, seus Bispos e Congregações Religiosas. Espírito e prática de colegialidade também presentes entre os vários Institutos e Faculdade de Teologia e seus professores que se dispunham, com generosidade e não sem sacrifícios, a ajudar nos vários cursos que começavam: pois, além de Campinas, também começava no ano de 1978, um Curso de Teologia na Província de Ribeirão Preto.

Foi assim que aos poucos foi sendo formada uma rede de colaboração, de exercício de colegialidade e de corresponsabilidade entre professores de teologia, uma rede que foi se fortalecendo com uma série de encontros entre os professores de Teologia dessas instituições para o estudo e debate de problemas comuns, de busca de alternativas para melhor atender às necessidades da formação teológica.

Tais encontros tiveram depois sua continuidade nos encontros anuais e regionais da SOTER, que se formou justamente nesta época.

Tínhamos (e temos...) viva a consciência de que, somente com a reunião de esforços das Igrejas Particulares e com a disponibilização, pelos Srs. Bispos, de padres para continuarem seus estudos teológicos, podemos levar a cabo a missão formativa de uma escola de Teologia.

Nossos cursos de Teologia, durante muitos anos, aconteceram com a troca de docentes entre as instituições... Eram poucos os professores de Teologia que davam aulas num só lugar, numa só instituição.

Considero esses fatos e experiências por nós vividas, para dizer que à frente de todo este trabalho de colegialidade, de comunhão eclesial, de animação no ministério teológico e de formação dos futuros presbíteros, bem como da formação dos agentes de pastoral, esteve a presença de Dom Gilberto, chamando à corresponsabilidade, partilhando desafios,

superando as diferenças, e vivendo a comunhão, em todas as horas da Faculdade de Teologia, especialmente com os Bispos da Província de Campinas, mas também com os de outras Dioceses e com as Congregações que para cá enviam seus alunos. Foi fundamental nesta empreitada a confiança depositada pelos Bispos da Província em Dom Gilberto, e a confiança de Dom Gilberto nos seus professores.

Sem esse trabalho em equipe de todas as Dioceses da Província e das Congregações que aqui tem seus alunos não se tornaria possível a nossa escola de Teologia.

Importante ressaltar a confiança, o apreço agradecido, o apoio afetuoso que Dom Gilberto sempre reservou aos professores, mesmo em momentos de alguma dificuldade. Nunca lhe faltou clareza e determinação, discernimento nas situações de conflito, em relação aos objetivos a serem alcançados pela escola de Teologia na formação de seus presbíteros e dos agentes de pastoral religiosos e leigos.

Trago à lembrança a Carta Pastoral de Dom Gilberto na comemoração dos 70 anos de criação da Diocese de Campinas, em 1978, ou seja, no ano da instalação do nosso Curso de Teologia. Ela revela sua preocupação e determinação com a formação teológica dos futuros presbíteros e agentes de pastoral. Podemos encontrar ali a expressão do seu desejo de Pastor que, depois de uma análise da realidade e de um juízo teológico que fundamenta a ação eclesial, apresenta os principais objetivos que devem nortear a ação da Igreja em Campinas.

Olhando para a realidade e fundamentados em uma visão de Igreja, sinal instrumento e profecia de salvação em Jesus Cristo, manifestamos nossas preocupações mais explícitas e nas quais nos empenharemos com mais afinco, esperando especial ajuda do Senhor para a realização das mesmas, com muito empenho e sem muita pressa. (7)

Depois... são apresentados 17 objetivos como referência para a ação da Igreja de Campinas, dentre os quais destacamos:

3. A formação dos futuros presbíteros.

Uma das grandes preocupações do nosso ministério episcopal é o trabalho para com as vocações presbiterais. A Igreja de Campinas tem sido, ao longo de sua história, berço de muitos ilustres sacerdotes, dos quais vários se tornaram Bispos da Igreja. Por razões variadas, que não podemos analisar exaustivamente, como em muitas partes do Brasil, a Igreja de Campinas necessita de um cuidado especial com as vocações presbiterais.

Nós acreditamos que toda a renovação evangélica que se preconiza nos Documentos da Igreja e na aspiração do povo de Deus só poderá ser feita a partir de lideranças esclarecidas que se coloquem a serviço. Nós desejamos a participação do povo cristão na caminhada da Igreja. Nós desejamos sejam diversificados os ministérios, na Comunidade. Nós desejamos, enfim, que a Igreja seja sinal e instrumento de salvação e profecia.

Mas estamos convencidos de que nada disso se fará sem a presença do Presbítero. Toda confiança que depositamos no leigo será frustrada, sem a orientação renovada e libertadora que virá por meio dos Presbíteros.

Se amamos, de verdade, a Igreja de Jesus Cristo, temos que dar-lhe os meios de que necessita para realizar sua missão. A Igreja de Campinas tem sofrido, durante 20 anos, uma grande escassez de sacerdotes. Na década 60-70 ordenaram-se vários sacerdotes. Mas foi também o tempo do abandono do ministério presbiteral.

Nesta década 70-80 foram ordenados apenas 4 sacerdotes e vamos ficar 6 anos sem uma ordenação sequer. É somente a partir de 1980 que esperamos poder contar com o início de ordenações presbiterais. A idade média do nosso Clero é de 54 anos.

[...]

Estamos todos empenhados na formação dos nossos futuros sacerdotes. Funciona, há tempos, o Curso de Filosofia e neste ano de 1978 iniciou-se o Curso de Teologia.

Comunicando essa nossa preocupação queremos sobretudo solicitar, em nome do amor à Igreja, um empenho especial de toda a Comunidade Diocesana, no sentido de se promoverem as vocações presbiterais. É este o pensamento do Concílio Ecumênico Vaticano II, expresso em *Optatam Totius*, nº 2: “O incentivo das vocações sacerdotais é um dever de toda a comunidade cristã, que deve promovê-lo sobretudo por uma vida plenamente cristã.”

[...]

Aos nossos Sacerdotes, pois, um apelo especial para que, entre as muitas ocupações do seu ministério, queiram incluir esta atividade, das mais importantes, em ordem à descoberta, animação e cultivo das vocações presbiterais.

Se cada Paróquia, ou Comunidade, pudesse descobrir cada ano um jovem que se apresentasse para o ministério presbiteral, em breve estaríamos ajudando outras Igrejas, na expansão missionária que se faria, sem dúvida.

[...]

Não temos a chave de todos os problemas. Mas estamos construindo com a seriedade que o assunto exige. E queremos contar com o interesse de toda a Comunidade-Igreja que se manifeste de muitos modos. Sobretudo, na oração, conforme a recomendação do Mestre: “Pedi ao dono da seara que envie operários para a Messe!”

E também no clima de simpatia e clima que deve criar nossa Comunidade de jovens. É assim que desabrocharão e poderão florescer as vocações presbiterais.

Para a formação dos dirigentes cristãos devemos dar todo o nosso apoio e entusiasmo. Desejamos que as Comunidades paroquiais propiciem formação conveniente aos seus agentes de pastoral. A Arquidiocese, por sua vez, procurará criar, sempre mais, condições de formação para os dirigentes para os diversos ministérios, em vista do bem comum da Igreja Particular. (8)

Mas...por que o Curso de Teologia na Universidade?

A Arquidiocese de Campinas, desde o ano de 1941, criara a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que nos anos 50 se torna a Universidade Católica de Campinas, e em 1972 recebe do Papa Paulo VI o título de Pontifícia, tornando-se então a Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Considerando a eclesiologia expressa no Vaticano II, segundo a qual a Igreja é Povo de Deus, Povo de Deus presente e caminhando no mundo, como sinal, sacramento e instrumento profético a serviço do Reino, podemos ver a Universidade Católica, nessa perspectiva, como o braço da Igreja no mundo da cultura, da pesquisa, das tecnologias que vencendo a própria ambiguidade deve se colocar a serviço da construção da dignidade pessoa humana e do bem comum, superando todo tipo de exclusão que atente contra a sua mesma dignidade de ser à imagem de Deus.

Assim, acolhendo às orientações do Concílio Vaticano II, especialmente na Declaração *Gravissimum educationis*, bem como das Conferências de Medellín e Puebla – onde se coloca a urgente necessidade do diálogo da Teologia com as outras ciências, bem como a promoção da investigação científica da Teologia por meio de Institutos e Faculdades de Teologia nas Universidades Católicas – pensou-se logo que o Instituto de Teologia e Ciências Religiosas deveria nascer ligado à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como um centro de reflexão e pesquisa teológicas, bem como de formação, capaz de servir à Igreja e à sociedade local e regional.

Nesta perspectiva firmavam-se como objetivos do Instituto de Teologia: a promoção da investigação teológica e de sua transmissão de modo sistemático; a colaboração na formação teológico-pastoral dos futuros presbíteros e agentes religiosos e leigos de pastoral, bem como na formação permanente dos presbíteros; a promoção do diálogo interdisciplinar da Teologia com as outras ciências, bem como o diálogo ecumênico e inter-religioso.

Num de seus pronunciamentos à Comunidade Universitária Dom Gilberto diz da participação de todos nos processos de construção da identidade da Universidade como Universidade Católica, e do diálogo entre as Ciências, apontando a uma dimensão de construção da realidade que pertence ao saber teológico, pois não há neutralidade nas ações humanas.

Isso nos remete ao que diz a *Gaudium et Spes*, nº 12, quando nos coloca a pergunta a respeito da identidade e da vocação do ser humano:

O que é porém o ser humano...? Ele emitiu, e ainda emite, muitas opiniões a respeito de si mesmo. Variadas e contrárias entre si. Numas muitas vezes se exalta como norma absoluta. Noutras deprime-se até o desespero. Donde sua hesitação e angústia. A Igreja percebe claramente essas dificuldades e instruída pela revelação de Deus pode dar-lhes uma resposta, na qual se delinea a verdadeira condição humana, explicam-se as suas fraquezas e ao mesmo tempo se reconhecem de modo correto sua dignidade e vocação. (9)

Diz D. Giberto em seu discurso na Posse dos Diretores de Faculdades e Institutos da PUC-Campinas – quadriênio 1987-1990:

Todos temos, em suma, uma parte nesse processo de reconstrução de nossa identidade como Universidade Católica. [...] Como concretizar, enfim, esse projeto? Não devo antecipar respostas, que só podem nascer da caminhada da própria comunidade universitária, até porque, para a Universidade, há uma pluralidade de trajetórias possíveis. Mas, proponho algumas indicações:

- As atividades, na Filosofia e nas mais variadas Ciências Humanas, incluam reflexões que nos levem a fundamentar a ação social. A Teologia dialogue com a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a Política, para que se ofereçam mutuamente os parâmetros pelos quais se pode atualizar os desígnios da Salvação e incorporar à visão do Homem a sua dimensão divina.

- No campo de Direito, ultrapassem-se sempre mais os limites da mera aplicação técnica das normas jurídicas, para revelar a sua natureza social e a sua justiça, estimulando alterações legislativas, que sirvam às aspirações do povo e ponham fim a quaisquer privilégios. E, em conjunto com todas as outras áreas, reflita-se sobre a nova ordem, que se espera da Constituição que está por vir.

Assim, em todos os outros domínios de estudo da Universidade Católica, cria-se a convicção de que o saber não é indiferente, mas traz consigo uma obstinação que pode ajudar a construir o homem ou levá-lo à diminuição da sua grandeza original. (10)

E em seu pronunciamento por ocasião da Posse dos Diretores de Faculdades e Institutos da PUC-Campinas – quadriênio 1991-1994, volta a nos lembrar que:

O Santo Padre nos ensina: “todas as atividades fundamentais duma Universidade Católica estão ligadas e harmonizadas com a missão evangelizadora da Igreja: a investigação conduzida à luz da mensagem cristã..., a formação atuada num contexto de Fé... a formação profissional... o diálogo com a cultura... a investigação teológica... A Igreja, precisamente porque está cada vez mais consciente da sua

missão salvífica neste mundo, quer sentir-se próxima destes centros, quer tê-los presentes e operantes na difusão da mensagem autêntica de Cristo".(11)

Para a Teologia, estar na Universidade é viver uma presença dialogante contribuindo na construção dessa identidade que deve traduzir-se numa prática que leve em conta os valores do Reino encarnados em todas as suas atividades de ensino pesquisa, extensão e administrativas, bem como na construção de um clima que para além do respeito seja de justiça e de fraternidade.

Permitam-me lembrar do nosso tão querido Cônego Haroldo Niero que, na saudação a Dom Gilberto, em reunião do Conselho Universitário, assim disse:

Destarte, nossa PUC-Campinas poderá ser uma comunidade de alunos e professores buscando a integração do conhecimento, praticando o diálogo entre Razão e Fé, construindo uma ética de princípios que promova os valores da justiça e da vida e tudo isso sob a luz teológica, que nos dá alcançar a medida plena da humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus Pai, renovada de modo admirável em Jesus Cristo, Filho do Pai e chamada a viver resplandecente na luz do Espírito: Amor do Pai e do Filho. A realização dessa tarefa nos leva, como a Santo Agostinho, a experimentar o 'gaudium de veritate' porque capazes de aproximar o 'intellige ut credas' e o 'crede ut intelligas' do mesmo Santo Agostinho. – O desejo de identidade de nossa Universidade é ser cada vez mais Universidade, cada vez mais Católica para responder aos apelos atuais, exigências de um tempo novo. (12)

Considero a Universidade como um grande terreno de missão, terreno que aguarda os operários do Reino para contribuir na descoberta, e no cultivo das sementes do Verbo por aí espalhadas pelo Espírito. Evangelizar é o convite, o desafio que brota de nossa fé e de nossa esperança, para que todos estejamos a serviço da vida como Deus deseja para todos, especialmente para os mais sofridos porque excluídos.

Para atender às necessidades da formação integral dos estudantes de Teologia para além da formação teológico-acadêmica, as várias Dioceses constituíram cada qual o seu seminário, ou casa de formação, bem estruturado, como orienta a Igreja, com um quadro de formadores que assistem, orientam e apoiam o desenvolvimento humano, intelectual, espiritual, pastoral dos seminaristas.

Este modelo de formação presbiteral construído, sob a liderança de Dom Gilberto, pelas Dioceses da Província de Campinas tem se revelado promissor na missão da Igreja.

Nosso Curso de Teologia, a partir de 2004, ganha um novo status acadêmico e canônico: é afiliado à Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e passa a oferecer aos seus formandos o título canônico do Bacharelado em Teologia.

A cada ano recebemos a visita da Faculdade de Teologia afiliante, que vem participar das bancas de aplicação do exame *De Universa Theologia* para nossos alunos formandos, e que tem sempre atestado a qualidade do nosso curso.

Dom Gilberto, terminando essas considerações, não posso deixar de, como que num balanço destes 38 anos de atividades da nossa Faculdade de Teologia, lembrar de uma frase que tantas vezes ouvimos do senhor nas homilias, e em outras ocasiões, frase inspirada no Evangelho de Jesus: "pelos frutos conhecemos se a árvore é boa".

Creio, firme e humildemente, serem, em geral, bons os frutos por aqui produzidos... É claro que como frutos produzidos por homens, não são frutos perfeitos... mas com certeza são bons!

Essa constatação nos conforta e nos anima a todos nessa caminhada do nosso curso de Teologia, pois nela se revela a qualidade do trabalho que, em conjunto, aqui é desenvolvido:

Nosso curso, até o ano de 2015 já formou 570 alunos, dos quais uns 90% foram ordenados Presbíteros, nove são Bispos da Igreja, e agora, um deles é Cardeal. Vários de nossos ex-alunos foram escolhidos Provinciais, ou ocuparam cargos de responsabilidade em suas Congregações e Ordens.

Além disso, uma parte muito significativa do Corpo Docente do nosso Curso de Teologia é composta por professores egressos do nosso curso, de nossas Dioceses, que pós-graduados, estão conosco dividindo o ministério teológico.

É muito gratificante para a Escola de Teologia saber que há sucessores... é sinal de que a missão iniciada pelo senhor, continua viva e pujante!

Bendito seja Deus!! Escuto o seu coração dizer!

Dom Gilberto, na nossa vida... tudo é Graça!

E com o coração agradecido, nós lhe dizemos: muito obrigado! O senhor também é Graça de Deus em nossas vidas, como homem, como cristão, como bispo, vem nos ajudando a descobrir o sentido, a crescer na fé, na esperança e no amor, e a nos colocar a serviço do Evangelho do Reino.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- SÃO JOÃO PAULO II. **Constituição Apostólica "Ex corde Ecclesiae"** - Sobre as Universidades Católicas, n.1.
- 2- RIGACCI JUNIOR, Germano et al. **Dom Gilberto: no tempo de Deus!** Campinas: PUC-Campinas, 2016, p. 305.
- 3- RIGACCI JUNIOR, Germano et al. **Dom Gilberto: no tempo de Deus!** Campinas: PUC-Campinas, 2016, p. 308s.
- 4- RIGACCI JUNIOR, Germano et al. **Dom Gilberto: no tempo de Deus!** Campinas: PUC-Campinas, 2016, p. 193.
- 5- RIGACCI JUNIOR, Germano et al. **Dom Gilberto: no tempo de Deus!** Campinas: PUC-Campinas, 2016, p. 47.
- 6- LOPES, D. Gilberto Pereira. **Anunciando o Mistério de Cristo -1966-1991.** Campinas: PUCCAMP, 1991. p. 154.
- 7- LOPES, D. Gilberto Pereira. **Anunciando o Mistério de Cristo -1966-1991.** Campinas: PUCCAMP, 1991. p. 67s.
- 8- LOPES, D. Gilberto Pereira. **Anunciando o Mistério de Cristo -1966-1991.** Campinas: PUCCAMP, 1991. p. 70-73.
- 9- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II - **Constituição Pastoral Gaudium et Spes** . n.12
- 10- LOPES, D. Gilberto Pereira. **Anunciando o Mistério de Cristo -1966-1991.** Campinas: PUCCAMP, 1991. p. 204 s.
- 11- LOPES, D. Gilberto Pereira. **Anunciando o Mistério de Cristo -1966-1991.** Campinas: PUCCAMP, 1991. p. 211.
- 12- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. Conselho Universitário . **Ata da 364ª Reunião do CONSUN.**

PALAVRAS FINAIS DE DOM GILBERTO PEREIRA LOPES

**– no encerramento da parte acadêmica da Semana “Dom Gilberto Pereira Lopes” –
PUC-Campinas, 26 de outubro de 2016**

Meus irmãos queridos, minhas queridas irmãs, eu não tenho outra palavra diante de tudo isso senão agradecer a Deus. Eu falei com um padre uma vez: eu acho que não há no mundo uma pessoa que tenha merecido tanta graça de Deus como eu na minha vida. Algumas coisas até eu poderia chamar de milagre, mas não digo porque... [*rindo*] a gente dizer que ‘sofreu’ um milagre [*rindo*], pode às vezes parecer presunção, mas, em todo caso, a presença de Deus é extraordinária na minha vida.

[*Rindo*] O cidadão me perguntou:

– Ah! O senhor pensa assim?

– Sim, claro, penso! [*respondi*]

– Eu também!!!.

Deus é Pai de todos nós, mas eu sinto – até poderia dizer essa palavra ‘vivo’, porque não é só assim sentir na cabeça, é sentir dentro, sentir na vida – a misericórdia de Deus meu Pai.

Tudo o que aconteceu nestes quatro dias tem sido realmente um desafio. Muitas vezes eu me refiro à Mãe de Deus quando falo para outros irmãos e irmãs, sobretudo sacerdotes: que Ela seja uma luz – mas a palavra não é essa. Que Ela seja um exemplo – também não é essa. Que ela seja uma motivação e ao mesmo tempo uma proteção para que a sua vida cresça, para que o amor de Deus esteja sempre presente na sua vida. Hoje eu estou pensando assim: estes dias foram uma inspiração para minha vida. Algum conforto, sim. Até mesmo porque eu muitas vezes não me reconheço nos textos que alguns dizem, porque penso que estão acima [*rindo*] da minha possibilidade de pensar, como se diz. Mas na verdade, olho e acho que, sim, foi uma luz de Deus naquele momento. E então, agradeço, porque de novo, retomo, agradeço porque, de novo, confio na misericórdia de Deus e na caridade de meus irmãos.

Quero dizer uma palavra em particular para o Padre Sérgio pela lucidez, pela profundidade do modo como ele trata a Universidade na Igreja e a Igreja na Universidade e até pedir para ele que pudesse encontrar um jeito de publicar essas palavras. A mesma coisa digo para meu querido irmão também, Padre David, agradecendo de todo coração essas lembranças provocadoras... de eu dizer: quero! Quero continuar com a Graça de Deus a, nas minhas limitações, testemunhar uma coisa que – a gente não se blasona delas – mas a Graça que Deus me dá de buscar, de querer, de desejar. Repito pra muita gente, e já fiz isso aqui, faço de novo: que olho muito com simpatia a frase que diz, de Daniel, “um homem de desejos”, porque de fato no meu coração os desejos são bons... [*rindo*] É pena que eu não realize todos.

Agradeço de coração, também, de novo ao trio, trio fabuloso, do Professor Germano, do Professor Paulo e do meu também querido, muito querido, Padre José Antônio Trasferetti, porque se devotaram na composição daquelas coisas que foram

escritas pelo pobre velho – muitas delas, não era tão velho assim. Algumas até eles retiraram... [porque] eu poderia parecer jovem demais. [*risos na plateia*].

Agradeço de coração. Deus os abençoe. Amém!

[*Aplausos*]

6

**A SEMANA DOM GILBERTO PEREIRA LOPES NA
MÍDIA**

PUC-CAMPINAS PROMOVE A SEMANA DOM GILBERTO PEREIRA LOPES DE 24 A 28 DE OUTUBRO, NO CAMPUS I

[Eduardo Vella](#) publicado em 23 outubro, 2016 as 8:00 am



Integrando às comemorações dos 75 anos da PUC-Campinas, a Universidade, por meio do Museu Universitário e da Faculdade de História, promove a Semana Dom Gilberto Pereira Lopes, de 24 a 28 de outubro de 2016, às 10h, no Auditório Cardeal Agnelo Rossi, localizado no Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CCHSA) – *Campus I* – Rodovia Dom Pedro I, Km 136, Parque das Universidades – Campinas/SP.

A Universidade tem como objetivo reunir a comunidade universitária e a sociedade em geral, homenageando o Bispo Emérito de Campinas Dom Gilberto Pereira Lopes, que atuou como Arcebispo Metropolitano de Campinas e Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Campinas no período de 1982 a 2004. A homenagem mostrará o histórico trabalho de Dom Gilberto frente à Arquidiocese de Campinas e à PUC-Campinas e prestará agradecimento pela sua dedicação e amor para com a Universidade e para com o seu povo. Durante a semana acontecerão palestras, o lançamento do livro “Dom Gilberto: no tempo de Deus” e, no encerramento, uma Missa na Catedral Metropolitana de Campinas.

Sobre Dom Gilberto Pereira Lopes

Nasceu em Santaluz, Bahia, no dia 14 de fevereiro de 1927, filho de Salustino Lopes de Souza e Alice Pereira de Souza. Em 1937, com o objetivo de melhor cuidar da educação dos filhos, o Sr. Salustino se mudou com a família (a esposa, três meninos e três meninas) para Petrolina, PE.

Frequentou o Seminário Menor em Petrolina. Kursou Filosofia e Teologia em Olinda, tendo como reitor o Padre Luiz do Amaral Mousinho, futuro Bispo e primeiro Arcebispo de Ribeirão Preto. Foi ordenado presbítero, na Catedral de Petrolina, no dia 04 de dezembro de 1949, por Dom Avelar Brandão Vilela, então Bispo de Petrolina, depois Cardeal Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil.

Em 1955, atendendo a um convite de seu amigo e antigo Reitor, Dom Luiz Mousinho, transferiu-se para Ribeirão Preto, onde foi Vigário Cooperador da Catedral, Reitor do Seminário “Maria Imaculada” e Cura da Catedral. Incardinado na Arquidiocese de Ribeirão

Preto em 1958, foi constituído Cônego Teologal do Cabido Metropolitano. Em 1961 e 1962 cursou Pedagogia no Instituto Católico de Paris, apresentando o trabalho para licenciatura “Adolescência e Seminário Menor”.

No dia 03 de novembro de 1966 foi nomeado 1º Bispo da Diocese de Ipameri, GO, tendo recebido a Ordenação Episcopal a 18 de dezembro de 1966, das mãos do então Núncio Apostólico do Brasil, Dom Sebastião Baggio. Foram co-sagrantes Dom Fernando Gomes e Dom David Picão. Seu lema *Mysterium Christi Praedicare* – Anunciar o Mistério de Cristo. Tomou posse da Diocese em 02 de fevereiro de 1967.

Em 1970 foi nomeado para o Conselho Nacional do Movimento de Educação de Base – MEB, da CNBB. Em 1974 assumiu a Coordenação da Linha VI – Pastoral Social da CNBB. Ainda em 1974, na Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, foi eleito Secretário Geral do Regional Centro-Oeste da CNBB. Em 1975 foi eleito membro da Comissão Episcopal da Ação Social da CNBB e, no mesmo ano, membro da Comissão Episcopal de Ação Social do CELAM.

O ano de 1976 surgiu, na Arquidiocese de Campinas, com um novo vigor. Dom Gilberto Pereira Lopes foi nomeado pelo Papa Paulo VI, no dia 24 de dezembro de 1975, como Arcebispo Coadjutor, com direito à sucessão de Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, tomando posse no dia 07 de março de 1976, em uma solene celebração na Catedral Metropolitana. O lema da Campanha da Fraternidade de 1976 era “Caminhar Juntos”. E Dom Gilberto veio para Campinas exatamente com este espírito, assumindo, com o Arcebispo, o clero e todo o povo, as prioridades pastorais definidas em Assembleia, que eram: Comunidades Eclesiais de Base, Pastoral Familiar, Pastoral da Juventude e Formação de Agentes.

Meses após sua posse, Dom Gilberto começou a receber em sua casa, que ficava na Rua Emílio Ribas, 1082, no Cambuí, os Padres da Arquidiocese, com a finalidade de prepararem juntos as homilias dos finais de semana. Era uma oportunidade, também, de um encontro informal de aprendizado e crescimento dos padres entre si e com o Bispo, testemunhando a unidade do pastoreio.

Dom Gilberto revelou-se um auxiliar zeloso e eficiente de Dom Antonio, acompanhando de perto todas as reuniões da Cúria e dos Conselhos de Presbíteros, de Pastoral e de Administração. Foi sua preocupação conhecer as Paróquias e Comunidades da Arquidiocese, razão pela qual realizou inúmeras visitas Pastorais.

Em julho de 1977, Dom Gilberto, em companhia do Padre Francisco de Paula Cabral Vasconcellos, visitou a Diocese Irmã de Macapá, para participar da Assembleia Diocesana e do Curso para Dirigentes de Comunidades sobre Diversificação dos Ministérios.

Fruto de um trabalho intenso de Dom Antônio e de Dom Gilberto, no dia 25 de agosto de 1977, foi constituída em Campinas a Comissão Arquidiocesana de Justiça e Paz, buscando construir uma ordem social fundada na Verdade, construída na Justiça e animada pelo Amor. Essa Comissão teve papel imprescindível durante o Regime Militar, quando a ditadura cerceava a liberdade do nosso povo.

Na Assembleia Extraordinária dos Bispos do Brasil, em abril de 1978, Dom Gilberto, juntamente com Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Luciano Mendes de Almeida, foi eleito Delegado do Brasil para a 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla, no México.

Com a renúncia de Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, no dia 26 de janeiro de 1980, a Sagrada Congregação dos Bispos enviou a Dom Gilberto, através da Nunciatura, Decreto da Administração Apostólica, com assinaturas do Prefeito da Congregação, Dom Sebastião Baggio e do Secretário, Dom Lucas Moreira Neves, onde o Papa João Paulo II nomeava e constituía Dom Gilberto Arcebispo Titular de Aurusuliana e Administrador Apostólico “Sede Plena” da Arquidiocese de Campinas.

Sua posse canônica se deu na Catedral Metropolitana, no dia 07 de março de 1980, dia que se comemorava três anos de sua posse como Coadjutor na Arquidiocese. No dia 10 de fevereiro de 1982 foi promovido a Arcebispo de Campinas, recebendo o Pálio, por procurador, no Consistório em 24 de maio do mesmo ano, realizado no Vaticano.

Na sua palavra de posse, Dom Gilberto já fazia alusão a administração da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E não se furtou ao desafio. Nomeou novo Vice-Presidente, na pessoa do Dr. Darcy Paes de Pádua, novo Secretário, Monsenhor Euclides Senna e novo leigo representante da Comunidade, Osmar Gonçalves, além de novos representantes da Mantenedora e no CONCEP. As escolhas foram questionadas por parte da comunidade acadêmica e por setores da imprensa. Dom Gilberto, porém, recebeu apoio de todos os órgãos da Arquidiocese, sentindo que seu desejo de governar colegiadamente começava a tornar-se realidade. No dia 09 de junho de 1980, Dom Gilberto nomeou o Dr. Heitor Regina como Magnífico Reitor, em razão das dificuldades surgidas para escolha dos novos reitores a partir das listas sêxtuplas eleitas pelo CONSUN.

Estava entrando em vigor, então, o 3º Plano de Pastoral Orgânica, elaborado a partir de uma Assembleia Geral da Arquidiocese realizada em 22 de setembro de 1979, na Escola Salesiana São José. Nesta Assembleia foram definidas as seguintes opções as prioridades para a caminhada pastoral da Arquidiocese: Comunidades Eclesiais de Base; Mundo do Trabalho; Educação para a Justiça e Socialização dos Bens da Igreja; Apoio aos Movimentos Populares.

Em 1981, na Assembleia do Regional Sul 1, Dom Gilberto foi escolhido para ser o representante do Regional na CNBB. Recebeu, ainda, nomeação do Papa João Paulo II como Membro da Congregação para Educação Católica (Seminários e Institutos de Estudos), através de carta da Secretaria de Estado do Vaticano datada em 05 de abril de 1989, pelo período de cinco anos. De 18 a 25 de abril de 1989, Dom Gilberto foi representante do Brasil no 3º Congresso Internacional sobre Universidade Católica, realizado em Roma, com 175 representantes de todo o mundo.

A preocupação e zelo que sempre teve com seus irmãos no sacerdócio fez com que Dom Gilberto criasse a Sociedade Beneficente João Paulo II, com finalidade de gerir a “Casa do Padre”, construída para acolher sacerdotes da Arquidiocese já aposentados e idosos, como também padres necessitados de moradia permanente ou temporária. Dom Gilberto é o Presidente desta Sociedade. A Casa do Padre foi inaugurada oficialmente em 04 de outubro de 1991.

Pastoralmente, um dos momentos marcantes do pastoreio de Dom Gilberto aconteceria a partir de 09 de outubro de 1988 quando, em Assembleia Geral, a Igreja Arquidiocesana de Campinas assumiu a realização de uma Revisão Ampla de toda a sua ação pastoral. A Abertura Oficial da Revisão Ampla se deu no dia 23 de março de 1989, na Catedral Metropolitana, na celebração da Quinta-feira Santa, onde Dom Gilberto apresentou a “Carta Pastoral por Ocasão da Abertura Oficial da RA”. Foi um processo de três anos com participação intensa de toda Igreja de Campinas, que resultou no Documento “Uma Igreja respondendo aos Novos Desafios”, um guia para a ação pastoral da Arquidiocese.

A Revisão Ampla apontou os caminhos para elaboração do 4º e 5º Planos de Pastoral e foi instrumento da ação pastoral da Arquidiocese ao longo desses anos.

Dom Gilberto teve sempre o perfil de um administrador que trabalha de forma colegiada. Logo após o encerramento da Revisão Ampla, a primeira medida foi a criação da Coordenação Colegiada de Pastoral, com representação de todos os segmentos da Igreja de Campinas. A CCP substituiu o Conselho Arquidiocesano de Pastoral – CAP, assumindo papel de governo junto com o Arcebispo. Junto com os Vigários Episcopais, reestruturou e deu novo ânimo aos Conselhos Episcopal, de Presbíteros, Administrativo e de Leigos, que também auxiliam Dom Gilberto no governo da Arquidiocese.

Atento à vontade do povo, restabeleceu a Festa da Padroeira da Arquidiocese de Campinas, Imaculada Conceição, no dia 08 de dezembro, com Missa Solene. Esta data tem sido escolhida para as grandes festas da Igreja de Campinas.

O ano de 1993 foi um momento rico da Igreja de Campinas. Totalmente dedicado à Missão, com uma grande Jornada Missionária, culminou numa grande festa de encerramento no dia 21 de novembro, em Sumaré. Na mesma linha, porém com maior intensidade, aconteceu em 1997 o Ano Missionário, quando o povo católico foi para as ruas, em um grande mutirão de evangelização, para anunciar Jesus Cristo e ser presença amiga e acolhedora junto à população da Arquidiocese.

Estão em pleno funcionamento os Polos Missionários da Catedral e da Rodoviária. É a presença de religiosos e leigos no atendimento às carências da população, como conselhos, encaminhamentos, etc. Além disso, Dom Gilberto dá total apoio à Casa de São Francisco e de Santa Clara, sob a administração da Caritas Arquidiocesana. O objetivo dessas Casas é o de acolher, encaminhar e ser um centro de cultura para os moradores de rua que, em Campinas, cresce a cada dia. Também colocou a Casa de Sant'Ana a serviço das Pastorais Sociais da Arquidiocese para que desenvolvam trabalhos educativos e promocionais para a população carente da Arquidiocese.

Dom Gilberto criou, em 1993, a Assessoria de Comunicação, uma equipe para assessorá-lo junto aos Meios de Comunicação, na reformulação do boletim "A Tribuna" e no auxílio a toda a Arquidiocese no que diz respeito à Comunicação. Está sendo constituída, no momento, a Equipe Arquidiocesana da Pastoral da Comunicação, que muito auxiliará as Paróquias nesse sentido. Durante alguns anos Dom Gilberto dirigiu sua Palavra de Pastor aos seus diocesanos através da Rádio Cultura e manteve uma coluna semanal no extinto jornal "Diário do Povo", de Campinas.

Preocupado e atento às vocações sacerdotais, criou a Comissão de Seminários. Ao mesmo tempo, estabeleceu a separação dos estudantes de Filosofia e Teologia. Para o Seminário de Filosofia, construiu um prédio no Jardim Santa Genebra e para o Seminário de Teologia, aceitou uma casa cedida pela Paróquia Nossa Senhora das Graças, na Vila Nova. Em 1998, terminou a construção de um moderno prédio para o Seminário de Teologia no Parque São Quirino, que foi inaugurado pelo Núncio Apostólico do Brasil, Dom Álfio Rapisarda.

Campinas sempre foi destaque e modelo no cenário nacional. Por isso, e também pela seriedade com que Dom Gilberto administra esta Arquidiocese, a cidade foi escolhida na Assembleia da CNBB de 1998 para sediar o 14º Congresso Eucarístico Nacional. O Congresso, realizado de 14 a 21 de julho de 2001, foi um marco para a Igreja e para a cidade de Campinas, reunindo mais de 250 mil pessoas na Celebração de encerramento, dando testemunho público da fé em Jesus presente e vivo na Eucaristia.

Ao completar 75 anos de idade, enviou sua carta de renúncia ao Papa João Paulo II, que aceitou o pedido em 02 de junho de 2004, nomeando Dom Bruno Gamberini como Arcebispo Metropolitano de Campinas. Dom Bruno, no dia de sua posse em 1º de agosto de 2004, conferiu a Dom Gilberto as Faculdades de Vigário Geral da Arquidiocese de Campinas. Hoje, Dom Gilberto é Arcebispo Emérito de Campinas.

(Com informações da Arquidiocese de Campinas)

Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/puc-campinas-promove-a-semana-dom-gilberto-pereira-lobes/> . Acesso em: 17 maio 2017.

COMEÇA A SEMANA DOM GILBERTO PEREIRA LOPES

25/10/2016

Por Thais Helena Bento

A PUC-Campinas inicia a Semana Dom Gilberto Pereira Lopes em homenagem ao Arcebispo Emérito de Campinas. O evento deu início na última segunda-feira, dia 24 de outubro, no Auditório Cardeal Agnelo Rossi no Campus I.

Com o tema “Dom Gilberto: A pessoa e formador”, o encontro reuniu neste primeiro dia diversos professores, padres, alunos da Universidade e funcionários. A mesa do encontro foi composta pelo Arcebispo Emérito de Campinas e homenageado Dom Gilberto Pereira Lopes, pelo Arcebispo Metropolitano Dom Ailton José dos Santos, pela Reitora da PUC-Campinas Angela de Mendonça Engelbrecht e amigos e parentes próximos de Dom Gilberto.

O Prof. Dr. Padre José Antonio Trasferetti, amigo próximo do homenageado, contou um pouco sobre a trajetória de Dom Gilberto e também disse sobre a relação de amizade entre eles: “Amizade não se explica, é um dom de Deus. Agradeço a Deus por ter colocado Dom Gilberto na minha vida”. Outro discurso que chamou a atenção foi de Rosélia Lopes, sobrinha do Arcebispo Emérito, que disse bastante sobre a família e de que o avô prefetizou que Dom Gilberto seria Arcebispo.

A Semana Dom Gilberto Pereira Lopes continua durante toda a semana. Confira a programação:

24 de outubro às 10h

Dom Gilberto: a pessoa e o formador

Local: Campus I – Auditório Cardeal Agnelo Rossi

25 de outubro às 10h

Dom Gilberto na Arquidiocese de Campinas e Lançamento do livro “Dom Gilberto: no tempo de Deus!”

Local: Campus I – Auditório Cardeal Agnelo Rossi

26 de outubro às 10h

Dom Gilberto: Padre e Bispo

Local: Campus I – Auditório Cardeal Agnelo Rossi

27 de outubro às 10h

Dom Gilberto e a PUC-Campinas

Local: Campus I – Auditório Cardeal Agnelo Rossi

28 de outubro

10h – Missa

Local: Catedral Metropolitana de Campinas

12h – Almoço por Adesão

Local: Paróquia São Pedro Apóstolo – Campinas



Fonte: <http://novo.arquidiocesecampinas.com/comeca-a-semana-dom-gilberto> . Acesso em: 16 maio 2017.

ARQUIDIOCESE DE RP PARTICIPOU DA SEMANA DOM GILBERTO PEREIRA LOPES

A PUC-Campinas, por meio do Museu Universitário e da Faculdade de História, realizou de 24 a



28 de outubro, a “Semana Dom Gilberto Pereira Lopes”

A PUC-Campinas, por meio do Museu Universitário e da Faculdade de História, realizou de 24 a 28 de outubro, a “Semana Dom Gilberto Pereira Lopes” em homenagem ao Arcebispo Emérito de Campinas. O evento integrou as comemorações dos 75 anos da PUC-Campinas, e ocorreu no Auditório Cardeal Agnelo Rossi, localizado no Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CCHSA) – Campus I – Rodovia Dom Pedro I, Km 136, Parque das Universidades – Campinas/SP.

De acordo com o prospecto da programação, a semana teve como objetivo: “reunir a comunidade universitária e a sociedade em geral, homenageando o Bispo Emérito de Campinas Dom Gilberto Pereira Lopes, que atuou como Arcebispo Metropolitano de Campinas e Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de Campinas no período de 1982 a 2004. A homenagem mostrará o histórico trabalho de Dom Gilberto frente à Arquidiocese de Campinas e à PUC-Campinas e prestará agradecimento pela sua dedicação e amor para com a Universidade e para com o seu povo. Durante a semana acontecerão palestras, o lançamento do livro ‘Dom Gilberto: no tempo de Deus’ e, no encerramento, uma Missa na Catedral Metropolitana de Campinas”.

Dom Gilberto faz parte da história da Arquidiocese de Ribeirão Preto. “Em 1955, atendendo a um convite de seu amigo e antigo Reitor, Dom Luiz do Amaral Mousinho, transferiu-se para Ribeirão Preto, onde foi Vigário Cooperador da Catedral de São Sebastião, Reitor do Seminário “Maria Imaculada” e Cura da Catedral. Incardinado na Arquidiocese de Ribeirão Preto em 1958, foi constituído Cônego Teológico do Cabido Metropolitano. Em 1961 e 1962 cursou

Pedagogia no Instituto Católico de Paris, apresentando o trabalho para licenciatura “Adolescência e Seminário Menor”. Deixou a Arquidiocese de Ribeirão Preto, em 1966, quando foi nomeado 1º Bispo da Diocese de Ipameri (GO)”.

Com o tema “Dom Gilberto: A pessoa e formador”, o semana reuniu professores, bispos, padres, alunos da Universidade e funcionários. As atividades da semana transcorreram com intensa programação: dia 24: “Dom Gilberto: a pessoa e o formador”; dia 25: “Dom Gilberto na Arquidiocese de Campinas e lançamento do livro: ‘Dom Gilberto no tempo de Deus’”; dia 26: Dom Gilberto: padre e bispo; dia 27: Dom Gilberto e a PUC-Campinas; e dia 28: Missa na Catedral Metropolitana de Campinas.

O padre Antônio Élcio de Souza (Pitico) representou a Arquidiocese de Ribeirão Preto na “Semana Dom Gilberto Pereira Lopes”, e participou do terceiro dia, 26, apresentando reflexão sobre o período de dom Gilberto como reitor do Seminário Arquidiocesano de Ribeirão Preto.

Padre Pitico avaliou a participação no evento como oportunidade para agradecer o trabalho e as inovações trazidas por dom Gilberto no período em que esteve em Ribeirão Preto. “Agradeço a oportunidade de participar deste evento comemorativo dos 75 anos da PUC-Campinas e do Jubileu de Ouro Episcopal de Dom Gilberto Pereira Lopes. Em nome de nossa Arquidiocese de Ribeirão Preto e do Seminário Maria Imaculada nossa gratidão por esse ‘eterno reitor’ do Maria Imaculada que de 1957 a 1966, durante esse período de 1961 a 1962 realizou um curso ‘a função do Reitor no Seminário’ na França. Dom Gilberto foi responsável por aplicar a ‘nova pedagogia’ da formação nos seminários, iluminada pela exortação Apostólica do Papa Pio XII ‘Menti Nostrae’. Obrigado Dom Gilberto e receba essa nossa homenagem de reconhecimento e gratidão em nome do Seminário Maria Imaculada e dos ex-alunos”, destacou padre Pitico.

Fonte: Com Informações da PUC-Campinas e Arquidiocese de Campinas

Disponível em: http://arquioceserp.org.br/?pag=noticias_ver&codigo=2164. Acesso em 17 maio 2017.

DOM GILBERTO: NO TEMPO DE DEUS!

Publicado 24/10/2016 - 23h13 - Atualizado 24/10/2016 - 23h13

Por **José Trasferetti**

Como parte das comemorações dos 75 anos de fundação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas será realizada a Semana Dom Gilberto Pereira Lopes. Esta semana ocorrerá entre os dias 24 a 28 de outubro de 2016. Entre os dias 24 a 27 de outubro a programação será realizada no Auditório Cardeal Agnelo Rossi (Campus I- CCHSA) às 10 horas da manhã. No dia 24 de outubro será apresentado o perfil de Dom Gilberto como pessoa e formador.

No dia 25 de outubro será lançado o livro: Dom Gilberto: no tempo de Deus! Trata-se de um texto imperdível pela sua beleza humana e espiritual. Em seguida será proferida uma conferência sobre atuação de Dom Gilberto na Arquidiocese de Campinas. No dia 26 de outubro será abordado o tema que envolve Dom Gilberto enquanto padre e bispo. No dia 27 de outubro será destacada a presença e a atuação de Dom Gilberto na PUC-Campinas. No dia 28 de outubro será celebrada uma missa às 10hs na Catedral Metropolitana e um almoço festivo (por adesão) no salão de festas da Paroquia São Pedro Apóstolo na Chácara da Barra.

Nesse dia comemoraremos com muita alegria o aniversário natalício de 90 anos de Dom Gilberto, os 67 anos de sua Ordenação Sacerdotal e os 50 anos de sua Ordenação Episcopal.

Dom Gilberto Pereira Lopes representa uma presença muito significativa na Arquidiocese de Campinas. Seu pastoreio transcorreu num período muito intenso, deixando marcas profundas nos lugares por onde passou. Podemos destacar como ações significativas os seguintes elementos: 1. Apoio as Comunidades Eclesiais de base, 2. Realização da Revisão Ampla, 3. A construção de Seminários, 4. A Realização do XIV Congresso Eucarístico Nacional, 5. Reformulação e atualização da presença da Pontifícia Universidade Católica na Região Metropolitana e no Brasil, 6. Apoio as pastorais sociais em favor dos empobrecidos, 7. Respeito a diversidade social e eclesial, 8. Valorização da presença dos leigos na Igreja, 9. Construção de uma teologia renovada inspirada no método ver-julgar-agir.

Estas inspirações estão traçadas no contexto do Concílio Vaticano II, nos encontros da Conferencia Latino Americana dos Bispos e na realidade social que norteou a caminhada de inserção da Igreja no mundo. Na verdade, Dom Gilberto pode ser considerado um homem do seu tempo, em tudo soube compreender o tempo dos homens no tempo de Deus. Como sempre afirma Dom Gilberto: “Em tudo a graça de Deus, sempre”! Ou ainda, “meu destino está nas vossas mãos” (Sl 30,16). Como Arcebispo emérito a partir de 02 de agosto de 2004, tem acompanhado com carinho e atenção todas as atividades desenvolvidas na Arquidiocese de Campinas. Dom Gilberto continua sendo uma presença querida e amiga em muitas atividades promovidas pela Arquidiocese. Sua presença singela e profícua tem deixado os cristãos alegres e comovidos. Dom Gilberto, o nosso singelo e sincero, muito obrigado!

http://correio.rac.com.br/mobile/materia_historico.php?id=454578

ENCERRA-SE A SEMANA DOM GILBERTO PEREIRA LOPES

TV PUC-Campinas exibiu um vídeo em homenagem à Dom Gilberto com diversos depoimentos e arquivos antigos

Atualizada em 01/11/2016 às 10:57



Foto de Álvaro Jr. / DCOM-PUC-Campinas

A Semana Dom Gilberto Pereira Lopes homenageou os 50 anos de ordenação episcopal do Arcebispo Emérito de Campinas. A PUC-Campinas realizou cinco dias de evento para esse marco especial, que teve fim na última sexta-feira, dia 28 de outubro.

No primeiro dia, o tema foi “Dom Gilberto: Pessoa e Formador”. Entre os presentes estavam a Magnífica Reitora da Universidade, Angela de Mendonça Engelbrecht e o Arcebispo Dom Airton José dos Santos. Padre José Antônio contou sobre a trajetória do amigo Dom Gilberto e finalizou dizendo: “Amizade não se explica, é um dom de Deus. Agradeço a Deus por ter colocado Dom Gilberto na minha vida”. Outro depoimento marcante desse primeiro dia foi da Rosélia Cavalcante Coelho, sobrinha do Arcebispo Emérito. Ela disse sobre a profecia que o avô, já falecido, teve em relação ao episcopado de Dom Gilberto e elogiou o tio dizendo que é um homem virtuoso e que sempre ouve o próximo.

Já na terça-feira, a TV PUC-Campinas exibiu um vídeo em homenagem à Dom Gilberto com diversos depoimentos e arquivos antigos. Em relação a Arquidiocese de Campinas, o Cônego Cláudio Zaccaria Menegazzi contou sobre os grandes feitos do Arcebispo Emérito em Campinas: Assembleias da Igreja, valorização de ministérios, valorização das CEB’s, 5º Plano de Pastoral, Revisão Ampla e 14º Congresso Eucarístico Nacional.

Este segundo dia teve um destaque especial: o lançamento do livro “Dom Gilberto: no tempo de Deus!”. Esse livro reúne um pouco de toda a trajetória e tem diversos objetivos: homenagear, aproveitar o acervo que nunca foi publicado, aos que não conhecem poder

conhecer Dom Gilberto, aos que conhecem poder relembrar, lançar um novo olhar sobre o período e transmitir memórias e pensamentos do homenageado.



No dia 26, o bispo da diocese de Ipameri, Guilherme Antônio Werlang, contou como foi o trabalho de bispo; Dom Gilberto assumiu em 02 de fevereiro de 1967 na cidade. Diz que a prioridade foi as formações e que as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) foram uma das maiores marcas deixadas em Ipameri. No dia seguinte, o tema era “Dom Gilberto e a PUC-Campinas”. O Arcebispo Emérito teve grande importância, pois com o projeto pedagógico ajudou a reestruturar a Universidade.

O encerramento aconteceu com missa na Catedral Metropolitana de Campinas e almoço por adesão na Paróquia São Pedro Apóstolo, Campinas. A celebração eucarística presidida por Dom Gilberto, contou com a presença de membros da PUC-Campinas, clero e fiéis. Dom Gilberto, durante toda a semana, esbanjou alegria e descontração e, agradecendo a Deus, dizia: “Tudo é Graça, Senhor, em minha vida!”.



Fonte: [Arquidiocese de Campinas](#)

Extraído de: <https://www.rs21.com.br/noticias/encerra-se-a-semana-dom-gilberto-pereira-lopes/>

Acesso em: 17 maio 2017

VÍDEOS DISPONÍVEIS NO YOUTUBE

Dom Gilberto Pereira Lopes | 75 anos PUC-Campinas

<https://www.youtube.com/watch?v=2bk9JAW2euw>

Abertura da Semana Dom Gilberto Pereira Lopes

<https://www.youtube.com/watch?v=mGZbvO30HhI>

Dom Gilberto: Padre e Bispo

https://www.youtube.com/watch?v=fyngx7_7WIU&t=1308s

Dom Gilberto na Arquidiocese de Campinas e Lançamento do livro “Dom Gilberto: no tempo de Deus!”

<https://www.youtube.com/watch?v=pns1myTSAWg>

Dom Gilberto e a PUC-Campinas

<https://www.youtube.com/watch?v=TG4DTR-ZmPM>

Missa em Homenagem a Dom Gilberto Pereira Lopes

<https://www.youtube.com/watch?v=oZTISipekng>

Homilia Jubileu Áureo de Ordenação Episcopal de Dom Gilberto

<https://www.youtube.com/watch?v=0CPChNSe8xo>

APÊNDICE

**PRONUNCIAMENTO DE DOM GILBERTO
PEREIRA LOPES NA CELEBRAÇÃO
EUCARÍSTICA DE AÇÃO DE GRAÇAS POR
SEU JUBILEU ÁUREO DE ORDENAÇÃO
EPISCOPAL**

**PRONUNCIAMENTO DE DOM GILBERTO PEREIRA LOPES
NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA DE AÇÃO DE GRAÇAS POR SEU JUBILEU
ÁUREO DE ORDENAÇÃO EPISCOPAL**

Catedral Metropolitana de Campinas, 17 de dezembro de 2016

Ao tempo que estamos celebrando – de 50 anos – eu peço permissão para lembrar uma ideia. No retiro inaciano de 30 dias, a última meditação é a *Contemplação o para o Amor*. Nessa meditação, que pode passar inclusive o dia inteiro, a gente se coloca diante do Pai para falar da própria vida e dos dons recebidos, da misericórdia do Pai, da grandeza do seu infinito amor.

Eu comecei nessa meditação a relembrar certas coisas que me favoreceram tanto. A gente se encontra com o Pai para falar e o foco é gratidão. Aqui não estou repetindo a meditação *Contemplação para o Amor*, mas estou querendo manifestar a gratidão. Hoje aqui eu peço que se associem a mim todos para dizermos “obrigado, Deus nosso Pai, pela sua presença na vida desse pobre bispo que completa 50 anos de episcopado”.

O foco do diálogo com toda certeza é a gratidão. Num texto do Evangelho Jesus diz assim: “Não convide para seu banquete aqueles que podem retribuir, assim você terá já a sua recompensa. Convide os que não podem pagar”. Eu sou um dos convidados para o banquete. Eu não posso pagar. Essa é a minha gratidão, como no caso de uma observação que acrescenta à gratidão: “Tudo é Graça, Senhor, na minha vida! Obrigado, Deus meu Pai!” É isso que eu quero dizer junto com vocês, pelos caminhos percorridos, pelas graças alcançadas.

A gratidão nos ensina que o amor não exige os seus direitos, como está na carta de São Paulo. Bem, ela nos ensina a humildade. Eu não mereço, não posso pagar, mas Ele é bom. Quero lembrar nessa Eucaristia, ação de graças, dons de Deus na minha vida. Peço permissão a essa assembleia dos filhos de Deus que eu possa falar, falar da vida. É impensável imaginar o vazio do não ser. Eu existo, nós existimos. Obrigado, Senhor!

O batismo no dia 27 de março de 1927. Meu pai, que sai de Santa Luz/Bahia para Petrolina/Pernambuco para trabalhar e ter escola para seus filhos, foi o primeiro personagem que eu apresentei a Deus meu Pai na *Contemplação para o Amor* no retiro inaciano em 1991, o retiro inaciano de 30 dias. Minha mãe Alice, meus irmãos, minha família, a conversão do meu pai, que era católico mas... só católico, não praticante. Em 1938 ele participou das Santas Missões do Frei Damião em Petrolina e se converteu. Passou a rezar, sem perder missa dominical, vestiu o burel dos franciscanos capuchinhos como pertencente à Terceira Ordem e foi sepultado com esse mesmo vestimento, com a cruz, com o rosário e o cordão cingulo.

Após essa conversão, em 1938 ainda, ele chegou e me perguntou – [*rindo*] está escrito naquele livro⁵:

– Gilberto, você quer ser padre?

Eu respondi:

– Padre, que é isso?

[*Rindo*] E ele respondeu:

– Aquele que celebra missa para nós, aí na Catedral...

Aí eu [*disse*]:

⁵ Refere-se ao livro *Dom Gilberto: no tempo de Deus*, publicado pela PUC-Campinas em 2016, durante a Semana Dom Gilberto Pereira Lopes.

– Não quero ser isso, não!

Eu disse ao modo baiano:

– Quero sê isso, não!

E ele disse:

– Mas é bom!

E então eu disse:

– É bom?

– É bom.

– Então eu quero! [*risos na assembleia*]

E começou a minha vocação que hoje comemora 50 anos de bispo e, no dia 4 deste mês, 67 anos de padre.

É isso que eu quero agradecer. Agradecer o seminário, onde o primeiro bispo que me acolheu foi Dom Idílio José Soares. Dom Idílio José Soares foi formado em Roma, enviado pelo primeiro Bispo de Campinas, Dom João Batista Correa Neri. Ele era Vigário do Carmo – esse Carmo af⁶ – e foi bispo em Petrolina. Um bispo santo, um bispo de profundo amor à igreja de Jesus. [*Rindo*] Uma coincidência? Uma Providência? Deus sabe. Mas o certo é que Deus disse [*interrompe*] bispo irmão, pai, fraterno, diligente. Dom Avelar Brandão Vilela que sucedeu a Dom Idílio.

E depois, por uma razão de tratamento de saúde, foi necessário vir a São Paulo, em São José dos Campos, para tratar de uma doença quase incurável naquele tempo. Eu já fui “o homem que sabe que vai morrer”, como no romance “Lições de Abismo” de Gustavo Corção”. [*Rindo*] Eu pensava que ia morrer naquela ocasião. Mas não foi assim. A bondade infinita do Pai me orientou depois que Dom Avelar Brandão, me falou:

– [*Imitando a voz de Dom Avelar*] Padre Gilberto, fique tranquilo, eu vou empenhar o patrimônio da Diocese, mas o senhor não vai ficar sem tratamento adequado.

Eu pensei:

– “Patrimônio da Diocese”... será que ele vai vender alguma igreja?

Patrimônio... não tinha.

Então em São Paulo, São José dos Campos, depois de curado pela graça de Deus, pela misericórdia do Pai, eu voltei a Petrolina. Dom Luís do Amaral Mousinho tinha me convidado para ajudá-lo no jornal Diário de Notícias. Dom Avelar permitiu, cheguei em Ribeirão Preto no ano de 1955. Fiquei lá, fui reitor no seminário menor, depois, ao fim, fui nomeado para ser cura da Catedral, depois fui para Ipameri. Quando o arcebispo de Ribeirão Preto, Dom Felício da Cunha Vasconcellos, me chamou para comunicar a notícia da escolha para bispo de Ipameri, eu respondi do mesmo jeito que respondi para meu pai:

– Não, quero ser isso não!

Ele disse:

– [*Imitando a voz de Dom Felício*] Mas não é assim que se responde, é uma consulta do Papa.

Eu pensava que bispo não vinha de padre, nunca pensei isso, que poderia vir de padre. Eu pensava que era um ET, mais ou menos... [*risos na assembleia*]

⁶ Dom Gilberto refere-se à Basílica de Nossa Senhora do Carmo, situada no centro de Campinas, onde o então Cônego Idílio José Soares foi pároco entre 1924 e 1932.

Então, mas aconteceu que eu precisei de dizer sim, porque eu perguntei...

– *[Imitando a voz de Dom Felício]* O senhor está me devendo uma resposta!

Eu disse:

– Eu quero falar com o senhor.

– *[Imitando a voz de Dom Felício]* Eu não quero ouvi-lo! Porque qualquer coisa que o senhor diga... eu vou lhe dizer que deve aceitar.

Então eu disse:

– Aceito!, então... aceito, aceito.

E foi assim...

Não é propriamente aqui uma espécie de ... como é que se faz um documento que narra a própria vida? Não é isso, mas eu disse para vocês, pedindo permissão para falar do meu agradecimento a Deus meu Pai no dia de hoje. Eu não vou me alongar muito não, só mais... uma hora. *[Risos na assembleia]*

Mas então, meus irmãos, minhas irmãs, Ipameri, a Igreja, Povo de Deus, eu aprendi de Dom Luís do Amaral Mousinho numa semana de estudos – o título era: “Eu sou Igreja”. Antes do Concílio! Para mostrar a responsabilidade e a grandeza que nascem dessa esplêndida revelação conciliar: a Igreja é o Povo de Deus. Na base, é assim: o Batismo é o mesmo, o Reino é o mesmo, como na esplêndida explicação de São Paulo – o Corpo de Cristo. As funções não são iguais, como os membros, mas corroboram para a unidade do corpo, não de um corpo vazio, de um corpo de gente, com alma e tudo. É assim que comecei a falar. Inclusive o [atual] Bispo de Ipameri⁷, que esteve naquela Semana⁸ que a bondade de Deus, motivada por alguns irmãos, cuja grandeza eu reconheço, entre os quais o nosso Arcebispo. Então, ele falou que a primeira pregação que o [primeiro] Bispo de Ipameri fez foi: a Igreja é o Povo de Deus. Isso me faz bem lembrar porque ainda continuo pensando assim, com as consequências lógicas, ontológicas e teológicas dessa afirmação: a Igreja é o Povo de Deus.

Então de Ipameri para Campinas, Campinas/São Paulo. Eu disse ao Núncio:

– Ó, eu sou um pastorzinho do interior, lá é uma cidade universitária, eu não sei, não consigo, não admito isso...

Não disse a palavra ‘admito’, mas eu disse:

– Eu não posso pensar isso.

Ele disse:

– *[Imitando a voz do Núncio Apostólico]* Dom Gilberto eu não estou perguntando se o senhor é capaz ou não é capaz, isso eu perguntei a outros. Eu quero saber se o senhor aceita o convite do Papa.

O que é que eu ia fazer? Aceitei.

Hoje não me arrependo, porque veio dos caminhos de Deus, de Deus, de Deus meu Pai, nosso Pai. Sem me valorizar além do suficiente, contando com isso: tudo é Graça, Senhor, na minha vida!

Eu tenho uma tese, [rindo]que não sei explicar, mas eu adoto aquela palavra de São Paulo que diz assim: “Deus opera em nós o querer e o fazer”.

⁷ Refere-se a Dom Guilherme Antônio Werlang, atual Bispo Diocesano de Ipameri (Goiás).

⁸ Refere-se à Semana Dom Gilberto Pereira Lopes. Dom Guilherme Werlang fez uma conferência em 26/10/2016, constante à seção 4 destes Anais.

– [Como se alguém objetasse] Deus opera o querer? Como? Na liberdade? Como?

Mas Deus está acima de tudo, inclusive da nossa liberdade. Eu não sei como explicar, mas são eles de uma corrente que parece que estão ligados, sem dúvida. Deus é maior e sabe explicar, mas iremos saber quando na luz de Deus, na assembleia final nos ouvirmos: “Vinde, benditos de meu Pai, possuir o Reino”. E então, nós não temos mais, vamos dizer assim, luz pessoal, porque nossa luz é o Verbo; nem mesmo querer, porque o nosso querer é o Verbo; na adesão, que estamos fazendo aqui, e que se perpetuará na eternidade na luz da glória.

Então, agradeçamos a Deus tudo isso [rindo] e então, por tudo o que está aqui eu espero que vocês agradeçam a Deus comigo. Eu já disse. Os meus Bispos foram pais. Eu morei na casa de Dom Avelar, eu morei na casa de Dom Mousinho. Eu sempre morei na casa do Bispo. Em Ipameri também morei na casa do Bispo. Em Campinas também morei na casa do Bispo. Eu agradeço isso a Deus, meu Pai, muito. Então, eu quero agradecer, em primeiro lugar, assim, por ordem cronológica, a Deus, que me deu Dom Bruno – irmão – ele que se divertia com as minhas originalidades. Quero agradecer a Dom Airton José dos Santos, nosso querido Arcebispo. Desde o momento da sua posse, jurisdição de Vigário-geral, convite para ir a Roma na entrega do pálio, convite generoso para ver o Papa e aplaudir o Papa Francisco, e a sua alegria paterna de receber numa expressiva acolhida, para mim e para muitos visível, quando recebe as pessoas. Então agradeço de coração ao arcebispo dom Airton José dos Santos pela maneira fraterna como tem tratado este pobre velho, Arcebispo Emérito de Campinas.

Agradeço também a Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, mudando a ordem cronológica. Agradeço aos Padres que me ajudaram ser Padre – Meus Padres do Presbitério de Campinas! Não havia Revisão Ampla, não havia mudanças! – na linha pastoral, na perspectiva evangélica do Concílio Vaticano II.

Eu peço licença a alguns e que eu considero também, muitos que estão aqui, alguns... É, bom... alguns, porque o tempo passa, não é? São só quarenta anos... Mas eu quero me referir a dois que não respiram mais os nosso ares, como representantes do Presbitério de Campinas no tempo em que fui Bispo: o Padre Sena⁹ e o Padre Pessoto¹⁰. Dois anjos para mim. Anjos de Deus! Só não tinham asas, mas tinham o espírito angélico da bondade.

– Sena, vai lá, vai lá... (não posso dizer o nome da cidade) cuidar desse assunto. Você não tem nada a perder.

Lá ia o Vigário-Geral e voltava [rindo] com o xingo que podia ser pro Bispo, que poderia ser mais ainda para o Bispo. Eles me ajudaram demais. O Presbitério me ajudou demais a não ser tão ruim quanto eu poderia ser [rindo].

Deus nos ajude a continuar na alegria do Evangelho, a viver nessa Igreja linda de Campinas, cada vez mais vivendo o espírito, o perfume das ovelhas, e eu digo, ao modo nordestino, o sotaque de Jesus Cristo. Muito obrigado, muito obrigado.

Eu queria uma sugestão para, vamos dizer assim... [rindo] Eu estava pensando em terminar pedindo a vocês para cantar comigo – quem é que começa? – “Então minh’alma canta a Ti, Senhor: quão grande és Tu”. Podemos cantar?

– [entoando] Então minh’alma canta a Ti Senhor: quão grande és Tu! – só o estribilho.

– [Coral] Então minh’alma canta a Ti, Senhor: Quão grande és Tu, quão grande és Tu! Então minh’alma canta a Ti, Senhor: Quão grande és Tu, quão grande és Tu!

De novo, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Obrigado ao Coral!

[Aplausos]

⁹ Padre Euclides Sena, falecido em 2008.

¹⁰ Monsenhor Benedito Luiz Pessoto, falecido em 2009.